UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA

TESE DE DOUTORADO

PROCESSOS INICIAIS DE RESTAURAÇÃO ECOLÓGICA EM ÁREAS DEGRADADAS POR MINERAÇÃO DE CARVÃO

EDILANE ROCHA-NICOLEITE

PORTO ALEGRE, SETEMBRO DE 2015

Processos Iniciais de Restauração Ecológica em Áreas Degradadas por Mineração de Carvão

Edilane Rocha-Nicoleite

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia, do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Ciências com ênfase em Ecologia.

Orientador: Profª. Drª. Sandra Cristina Müller
Coorientador: Prof. Dr. Gerhard Ernst Overbeck

Comissão Examinadora

Profª. Drª. Vanilde Citadini-Zanette
Prof. Dr. Paulo Luiz de Oliveira
Prof. Dr. Demetrio Luis Guadagnin

Porto Alegre, Setembro de 2015

Tudo o que um sonho precisa para ser realizado é alguém que acredite que ele possa ser realizado.

Roberto Shinyashiki

Aos meus pais que não mediram esforços para que a caminhada começasse.
Ao Carlos Henrique pela família e vida que com amor, prazer e coragem estamos construindo,

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha fonte de energia e inspiração, e por ter colocado pessoas especiais e abençoadas na minha vida, que me ajudaram a trilhar meu percurso.

Expresso aqui enorme gratidão a minha orientadora Profª Sandra Cristina Müller, que me motivou e me aconselhou durante esta etapa, e ao meu co-orientador Profº Gerhard Ernst Overbeck. Sem a contribuição destas duas pessoas esta pesquisa não teria a mesma trajetória. Obrigada por me conduzirem até aqui e pelas constantes lições de sabedoria e humildade!

À Griffith University pela realização do estágio de doutorado no exterior. Especialmente ao meu supervisor, Clyde Wild.

Aos meus primeiros professores no mundo acadêmico e grandes incentivadores, Profª Vanilde Citadini-Zanette e Profº. Robson dos Santos, por todo apoio, conversas e valiosas sugestões. A Profª Mari Lucia Campos, que tem sido muito mais que parceira de trabalho.

Aos Botânicos Rafael Martins, Martin Molz, Vanilde Citadini-Zanette, Mara Rejane Ritter, Ilsi Iob Boldrini e Silvia Teresinha Sfoggia Miotto, pelo auxílio na identificação taxonômica das espécies de plantas coletadas.

À minha família pelo apoio e compreensão. Todo afeto recebido deles me ajudaram a desenvolver meu caráter, em especial aos meus pais, incentivadores e fonte de inspiração em todo momento.

Agradeço aos colegas e amigos que me ajudaram nas atividades de campo, laboratório e pelo apoio moral, compartilhando angustias, medos, felicidades e expectativas.

À Associação Beneficente da Industria Carbonífera de Santa Catarina (SATC), pelo suporte e apoio e por possibilitar a realização de minha pesquisa no âmbito das minhas atividades profissionais.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia da UFRGS por oportunizar minha formação.

Aos meus colegas de trabalho da SATC, do laboratório de ecologia vegetal (LeVeg) e do Herbário Pe. Dr. Raulino Reitz pelo convívio e sugestões.

À 4ª vara civil da Justiça Federal do estado de Santa Catarina pelo apoio ao projeto através do termo de convênio nº 01/PROJPESQ/2010, Processo Nº 2000.72.04.002543-9 e à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) FAPESC T.O. 2012/000077.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos para o desenvolvimento do doutorado sanduíche.

Meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que convivi durante este período. Muito obrigada!

Agradecimento especial

Gostaria de expressar minha mais alta gratidão a pessoa que esteve presente em todas as etapas de minha pesquisa, deste o primeiro pensamento em realizar este doutoramento, pelo inestimável apoio quando eu me sentia incapaz de suportar o cansaço, no desafio do “novo e desconhecido”... Enfim, pelo incomensurável apoio em todos os momentos, obrigada Carlos Henrique Nicoleite!

RESUMO

Tendências atuais em restauração evidenciam a importância de propiciar o retorno das funções ecossistêmicas e ecológicas. Porém muitas áreas possuem baixo potencial para reestabelecimento de processos ecológicos devido à perda da resiliência, o que faz da restauração ecológica um processo desafiador. Para o sucesso das atividades propostas, é essencial que no decorrer do projeto os sistemas sejam capazes de retomar sua trajetória sucessional e dinâmica temporal, sem necessidade de futuras intervenções humanas. O objetivo desta tese foi avaliar os processos iniciais de restauração ecológica em áreas degradadas por mineração de carvão, através da análise de trajetórias sucessionais envolvendo: (1) taxas de crescimento e mortalidade de mudas nativas introduzidas e sua relação com atributos funcionais de plantas; (2) chuva de sementes associada, ou não, ao uso de poleiros artificiais e sua relação com regenerantes de espécies lenhosas; e (3) regeneração natural e sua relação com fatores abióticos e bióticos. Mudas de espécies nativas introduzidas sob condições limitantes (devido ao alto nível de impacto) apresentaram diferentes performances e relações com atributos, por vezes distintas do esperado para espécies sob condições naturais. A limitação de sementes nas áreas em restauração pode ser, potencialmente, reduzida pelo uso de poleiros artificiais, aumentando especialmente sementes de espécies não-pioneiras e zoocóricas. No entanto, não foi verificada relação entre a chuva de sementes e a taxa de recrutamento. Fatores abióticos, relacionados à composição química do solo, e fatores bióticos, como a presença de gramíneas exóticas, foram as variáveis com maior influência negativa sobre a regeneração natural. Este estudo evidencia a possibilidade do retornar do processo de sucessão natural em áreas de mata ciliar que foram profundamente alteradas por mineração de carvão, em um tempo relativamente curto. Entretanto, recomendamos o uso de objetivos realísticos e intermediários, bem como monitoramentos detalhados nas fases iniciais.

***Palavras-chave*:** taxas de crescimento e mortalidade; chuva de sementes; poleiros artificiais; regeneração natural.

ABSTRACT

In current projects of ecological restoration, the return of ecosystem functions and natural processes is an important aim. However, many areas have lost their resilience due the high damage they have been submitted to, and this makes the ecological restoration a challenging process. For the success of the proposed activities, it is essential that during the project, the ecosystem can return to its successional trajectory without necessity of strong human intervention in the future. The goal of this thesis was to evaluate the initial processes of ecological restoration in areas severally degraded by coal mining, through analyses of successional trajectories regarding: (1) growth and mortality rates of planted samplings and their relationship to functional traits; (2) seed rain, associated or not, to perches and its relationship to natural regeneration of woody species; and (3) natural regeneration of woody species and its relationship to abiotic and biotic variables. Planted saplings under limited conditions (due the high impact of mining) showed to have distinct performance and trait relationships, somewhat different to the expected for species under natural conditions. The study indicates that the limitation of seeds in areas under ecological restoration can be reduced by the use of perches, increasing especially the number of seeds of non-pioneer and zoocoric species. Nevertheless, we did not found a relation between seed rain and recruitment rate. Soil chemistry (abiotic variable) and the cover of exotic grasses (biotic variable) were the variables with the strongest negative impact on natural regeneration. We conclude that it is possible to return to successional processes in areas of riparian forest severely damaged by coal mining activities in a relatively short time, but recommend the use of realistic, intermediate restoration goals and detailed monitoring in early restoration phases.

Key words**:** growth and mortality rates; seed rain; perches; natural regeneration.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL..9

Organização da tese...13

Mineração de Carvão em Santa Catarina: impactos e recuperação ambiental.........17

Áreas de estudo...20

CAPÍTULO 1: Can plant functional traits predict demographic rates of planted tree species in ecological restoration?...23

CAPÍTULO 2: Seed rain and plant establishment patterns in forest restoration on coal mining degraded areas……….....…………………………........………………………..46

CAPÍTULO 3: Forest restoration after severe degradation by coal mining: lessons from the first years of monitoring…………………………………………….……………….72

CONSIDERAÇÕES FINAIS...109

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS...112

LISTA DE FIGURAS

INTRODUÇÃO GERAL

Figura 1. Aspecto geral da área A, localizada no município de Lauro Müller, SC , no primeiro (A) e no quarto ano de restauração..21

Figura 2. Aspecto geral da área B, localizada no município de Lauro Müller, SC , no primeiro (A) e no quarto ano de restauração..21

Figura 3. Aspecto geral da área C, localizada no município de Lauro Müller, SC , no primeiro (A) e no quarto ano de restauração..22

Figura 4. Aspecto geral (A) e detalhe do interior (B) da área D, localizada no município de Lauro Müller, SC , 10 anos após o inicio do processo de restauração..........................22

CAPÍTULO 1

Figure 1. Significant linear models between (a) the crown growth rate and leaf nitrogen content (LNC, log transformed; R^2=0.19; p=0.03; F=5.20; DF=17) and between (b) the crown area (m², log transformed) and leaf phosphorus content (LPC, log transformed; R^2=0.27; p=0.01; F=7.79; DF=17). Species labels can be seen in Table 1…………....33

Figure 2. Ordination diagram (PCA) of 19 species described by their functional traits (A) and the significant linear model (B) between the crown growth rate and the first ordination axis of the PCA (R^2=0.20; p=0.03; F=5.59; DF=17). Species labels can be seen in Table 1..34

Figure 3. Linear regression between the variation of the height growth rate (HGR) and the leaf area (LA - log transformed; R^2=0.22; p=0.02; F=6.00; DF=17). Species labels can be seen in Table 1. ……………………………………………………………………...34

Figure 4. Linear regression between the relative mortality rate and the leaf dry-matter content (LDMC; log transformed; R^2=0.18; p=0.01; F=6.42; DF=23). Species labels can be seen in Table 1…………………………………………………………………….…35

Figure 5. CCA ordination (canonical correspondence analysis) results ordered in multivariate space along the first two canonical axes (p=0.05). The sample units are the tree species coded as showed in table 1. On the red color follows the response variables (relative mortality rate = MR; relative growth rates: HGR = height growth rate; HGRsd = height growth rate standard deviation; DGR = diameter growth rate; DGRsd= diameter growth rate standard deviation; CGR = crown growth rate; CGRsd = crown growth rate standard deviation; Crown = crown area). The blue color correspond to the functional traits (mH = Maximum adult height; LA = Leaf area; LDMC = Leaf dry matter content; LNC = Leaf nitrogen content; LPC = Leaf phosphorus content; SLA = Specific leaf area; WD = woody density)……………………………………………………………..36

CAPÍTULO 2

Figure 1. Number and species richness of seeds (log-transformed) collected in seed traps with and without perches, considering all seed species (A and B) and only non-grass species (C and D). The box indicating the variability inside the lower and the upper quartiles and the vertical line (whiskers) indicate variability outside the upper and lower quartiles; the individual points indicate the outliers. Mean values of groups differed significantly (p<0.005) for all four variables……………………………………….….56

Figure 2. Value of community weighted mean of traits (CWM) of sampled seeds, comparing seed traps with and without perches (% of zoocoric species, A), successional group (% of pioneer species, B), and seed color (% of black seeds, C; % of white seeds, D). The box indicating the variability inside the lower and the upper quartiles and the vertical line (whiskers) indicate variability outside the upper and lower quartiles; the individual points indicate the outliers. Mean values of groups differed significantly (p<0.05) for all variables……………………………………………………………….57

Figure 3. Value of community weighted mean traits (CWM) of sampled seeds, comparing seed traps with and without perches A; seed length (mm), B: seed diameter (mm) and C: seed form (relation between length and diameter). The box indicating the variability inside the lower and the upper quartiles and the vertical line (whiskers) indicate variability outside the upper and lower quartiles; the individual points indicate the outliers. Mean values of plots A and B presented a weak relation (p<0.06) and the mean values of plot C differed significantly (p<0,001)………………………………………58

Figure 4. Relationship between patterns of seed rain and plant recruitment at the restoration sites for seed traps with perches. The co-inertia analysis shows the ordination of plots (distinguished by plot number) described by seed rain and woody plant recruitment based on abundances. Shorter arrows indicate better adjustment of patterns in both sets of data (seed rain species and recruits of woody species). The PCAs of both data sets are shown separately at the bottom (recruitment patterns at the left; seed rain patterns at the right; the species codes are in the species list: Appendix 1 for seed rain, Appendix 3 for recruits)……………………………………………………….…..59

Figure 5. Linear regressions of woody species recruitment (number and height) and the patterns of woody species seed rain (A), exotic grasses cover (B), and forbs cover (C and D) in the plots………………………………………………………………….…..…60

CAPÍTULO 3

Figure 1. Ordination diagram of the areas under ecological restoration (A, C and D) based on woody species of the regenerating stratum and on the proportion of herb categories (exotic grasses (*exgr*), native grasses (*nagr*) and forbs), measured through three evaluations (A, B and C areas: 10, 22 and 34 months after tree planting; D area: 6, 7 and 8 years after tree planting). The numbers identify the plots of each area at time. Most closely correlated species are shown in the respective diagram (Altr – *A. triplinervia*; Auin – *A. inulifolium*; Bagl – *B. glaziovii*; Base – *B. semiserrata*; Batr – *B. triplinervium*; Cacaj – *C. cajan*; Cegl - *C. glaziovii*; Citrus - *Citrus* sp.; Crce – *C. celtidifolius*; Eued – *E. edulis*; Eupi – *E. picturatum*; Euru – *E. rufescens*; Leau – *L. australis*; Magu – *M. guianensis*; Mica – *M. cabucu*; Myco – *M. coriacea*; Ocpu – *O. puberula*; Piad – *P. aduncum*; Pito – *P. tomentosa*; Piza – *P. zapallo*; Rico – *R. communis*; Scte – *S. terebinthifolia*; Sebr – *S. brasiliensis*; Soma – *S. mauritianum*; Sops – *S. pseudocapsicum*; Sovi – *S. viarum*; Vetw – *V. tweedieana*; Wain – *W. indica*)……………………….….83

Figure 2. Venn diagram with the adjusted R^2 results of the variance partition (RDAp) according to the subsets of variables significantly related to the response matrices (see Table 3), (Y_R) considering only the composition of woody species regenerating and (Y_T) considering all plots evaluated, even those without regenerating woody species, but with the addition of herbaceous categories cover as response variables…………………….84

Figure 3. Principal coordinates ordination diagram of all plots described by the abundance of woody regenerating species plus the cover of herbs categories (matrix Y_T), according to the four studied sites. Most correlated species and herbs categories to both axes are plotted in the diagram (italic font: Anru – *A. rugulosa*; Auin – *A. inulifolium*; Base – *B. semiserrata*; Boma – *B. macrophylla*; Casi – *C. silvestris*; Cegl – *Cecropia glaziovii*; Karu – *Kaunia rufescens*; Magu – *Matayba guianensis*; Mica – *M cabucu*; Mica – *Miconia cabucu*; *Mise – bnnn*; Myco – *Myrsine coriacea*; Piad – *Piper aduncum*; Scte – *Schinus terebinthifolia*; Trmi – *T. micrantha*; Vesp – *Vernonanthura* sp.; bold font: Exgr – exotic grasses; Nagr – native grasses; Forb - forbs). Furthermore, abiotic (soil chemistry: Ca – calcium; H+Al – potential acidity; P – phosphorus; (Ca+Mg)/K – relation between that cations) and biotic variables (herbaceous species: Ursu – *U. subquadripara*; Urbi – *U. brizantha*; Urmu – *U. mutica*; Papu – *P. pumilum*; structural variables of upper stratum: Ba – basal area; Dens – density) were placed according to its axes correlation value...85

Lista de Tabelas

Capítulo 1

Table 1. List of species considered for the study with the number of measured individuals in the last year (N in 3rd year), their mortality rate (MR per year), and their relative growth rate considering height (RGR-H), basal diameter (RGR-D), and crown area (RGR-C), followed by their standard deviation (sd). Species without values for growth rates were not included in the analysis due to the low number of individuals (see methods)……………………………..…………………………………………….………32

Table 2. Spearman correlation coefficients between functional traits and relative growth rate or its standard deviations (sd), considering plant height (RGR-H), basal diameter (RGR-D) and crown area (RGR-C). Additionally, we considered crown area (m²) in the last evaluation. Significant values are in bold ($p<0.01$=**, $p<0.05$=*, and $p<0.10$)…………….………………………………………………………………....33

Capítulo 2

Table 1. Overview of the seed rain, in seed traps with and without perches, considering percentage of grasses and non-grasses in terms of seedling number, number of seeds per m².year^{-1} and species richness of the seed rain…………………………………………..….55

LISTA DE APÊNDICES

CAPÍTULO 1

Appendix 1. List of species considered for the study with their species code and the number of measured individuals to access the functional traits (N): leaf area (LA); specific leaf area (SLA); leaf dry-matter content (LDMC); leaf nitrogen concentration (LNC); leaf phosphorous concentration (LPC); maximum height (mH); wood density (WD)…...….44

Appendix 2. Ordination diagram (PCA) of 25 species described by their functional traits (A) and the significant linear model (B) between the relative mortality rate and the first ordination axis of the PCA (r^2=0.13; p=0.03; F=4.89; DF=23)……………………….....45

CAPÍTULO 2

Appendix 1. Species collected on the seed rain sampling recorded in areas process of ecological restoration…………………………………………………………….……..68

Appendix 2. Abundance of seed rain of exotic, native and doubtful species and the richness of seeds…………………………………………………………………………...70

Appendix 3. Species collected on the wood natural regeneration (seedling recruits) in areas process of ecological restoration…………………………………………………70

Appendix 4. Relationship between patterns of seed rain and plant recruitment at the restoration sites for seed traps without perches (RV=0.46; p=0.16). The co-inertia analysis shows the ordination of plots (distinguished by plot number) described by seed rain and woody plant recruitment based on abundances. Shorter arrows indicate better adjustment of patterns in both sets of data (seed rain species and recruits of woody species). The PCAs of both data sets are shown separately at the bottom (recruitment patterns at the left; seed rain patterns at the right; the species codes are in the species list: Appendix 1 for seed rain, Appendix 3 for recruits)………………...………………………………...71

CAPÍTULO 3

Appendix 1. Species of the regenerating woody species recorded in areas in process of ecological restoration, considering the last evaluation (areas A, B and C: 34 months after initial intervention with tree planting: areas D: 8 years after initial intervention with tree sowing). Given is abundance per area (standardized to individuals per 100 m^2) at each study area……………………………………………………………………........…..94

Appendix 2. Species sampled in the woody regenerating stratum at the reference areas R2 and R1 given is abundance per area (standardized per 100 m²)…………………….…97

Appendix 3. Ecological traits of woody species sampled in the regeneration stratum at the restoration sites (A, B, C and D), considering the last evaluation (areas A, B and C: 34 months after initial intervention with tree planting; area D: 8 years after initial intervention with tree sowing) and at remnant forests (average of values recorded at the two reference areas)…………………………………………………………………...100

Appendix 4. Species sampled in the upper stratum (dhb>5 cm) of area D, given is abundance standardized per 100 m²……………………………………………………101

Appendix 5. Species sampled on the upper stratum of the reference areas R2 and R1, given is abundance per area (standardized to individuals per 100 m²)………………..102

Appendix 6. Species sampled in the herbaceous stratum at the areas under ecological restoration, given is mean cover per area……………………………………………105

Appendix 7. Cover of herb categories, given are mean cover and standard deviation (SD) per area under ecological restoration…………….…………………………………....107

Appendix 8. Species sampled in the herbaceous stratum at the reference areas, given is mean cover……………………………………………………………………………….107

Appendix 9. Subset of variables selected from each set of predictor variables (based on adjusted R^2 value) to explain Y_R (only plots with presence of regenerating woody species) or Y_T (all plots described by regenerating woody species and the cover of herbs categories). All variables were significant at a level of p<0.005...................................108

INTRODUÇÃO GERAL

A Sociedade Internacional de Restauração ecológica (SER 2004) define o termo restauração como o processo que auxilia a recuperação de um ambiente alterado, nos mais diferentes níveis, a fim de recriar um ecossistema sustentável e resiliente, muito semelhante ao natural. Este conceito, foi adotado para o desenvolvimento deste estudo. Tendências atuais em restauração evidenciam a importância de propiciar o retorno das funções ecossistêmicas e ecológicas (Miller & Hobbs 2007; Schrama *et al.* 2012), o que pode ser realizado de duas formas principais, restauração ativa e passiva, sendo que a escolha entre uma ou outra é baseada principalmente no grau de impacto ambiental que a área está exposta.

Algumas áreas, mesmo após diversos impactos ambientais, possuem potencial para reestabelecimento da vegetação natural sem a necessidade de intervenções diretas, processo conhecido como restauração passiva (Holl & Aide 2011). Uma das vantagens da restauração passiva é o reduzido custo, relacionado apenas as atividades de manutenção e manejo, quando necessárias. No entanto, a decisão entre qual estratégia deve ser adotada (se ativa ou passiva) depende dos objetivos estabelecidos e da resiliência natural da área, embora as limitações orçamentárias também influenciem na escolha (Bradley *et al.* 2010; Holl & Aide 2011).

Muitas áreas possuem baixo potencial para reestabelecimento de processos ecológicos devido à perda da resiliência (Kanowski & Catterall 2003; Chazdon 2008), tornando a restauração ativa necessária. As intervenções incluem desde construção topográfica ou de canais de rios até a reintrodução de plantas e propágulos ou manipulação ativa de regimes de distúrbios, como fogo por exemplo (Holl & Aide 2011). O plantio de espécies nativas é o método comumente empregado para sistemas florestais (Omeja *et al.* 2011; Peña-Domene *et al.* 2013), embora, além de oneroso, traga consigo inúmeros desafios, relacionados ao desenvolvimento de espécies nativas que possuem condições específicas de desenvolvimento, muitas das quais ainda desconhecidas e com inúmeras interações ecológicas.

Para o sucesso da restauração, é essencial que os sistemas sejam capazes de retomar sua trajetória sucessional e dinâmica temporal, sem necessidade de futuras intervenções humanas, momento em que o sucesso do projeto é atingido (Block *et al.* 2001). Para isso tem sido priorizado o aumento da riqueza de espécies introduzidas, a escolha de espécies facilitadoras, a condução da regeneração natural, entre outros métodos que visam o retorno das funções naturais (Martínez-Garza & Howe 2003; Chazdon *et al.* 2007; Viers *et al.* 2012). Estes conceitos têm substituído modelos e métodos determinísticos baseados, apenas, em práticas silviculturais, com reduzido número de espécies (Martínez-Garza & Howe 2003; Lima *et al.* 2009; Rodrigues *et al.* 2011).

Atualmente, plantios com alta diversidade de espécies nativas têm sido recomendados, por acreditar-se que promovem mudanças das condições microclimáticas, aumento da complexidade estrutural da vegetação e o desenvolvimento das camadas de serapilheira (Vieira & Gandolfi 2006). As plantas introduzidas ou em regeneração, podem conduzir o processo de restauração e sua velocidade, seja através de interações ecológicas ou das taxas de crescimento (Temperton & Zirr 2004; Cheung *et al.* 2009; Muñiz-Castro *et al.* 2012).

Um dos benefícios associados ao plantio de espécies nativas é a capacidade de acelerar a cobertura de copas no ambiente (maior sombreamento), criando microambientes florestais que contribuem para o crescimento e sobrevivência de plântulas, com a diminuição da competição com espécies herbáceas. Além disso, a cobertura de copas no sistema auxilia os processos de decomposição no solo e de oxidação da matéria orgânica, controlando processos erosivos e outras funções ecossistêmicas (Kanowski *et al.* 2003; Melo *et al.* 2007; Muñiz-Castro *et al.* 2012).

No entanto, estudos sobre a estrutura fisionômica e funcional de florestas restauradas com plantio de espécies nativas ainda são escassos, constituindo uma grande lacuna de conhecimento em relação à avaliação dos processos associados à restauração, tendo em vista a complexidade das questões envolvidas (Lima *et al.* 2009). Também cabe destacar que a heterogeneidade dos ambientes em restauração dificulta comparações, pois cada área tem suas peculiaridades e está exposta a processos dinâmicos naturais e antrópicos, resultando no recrutamento de diferentes espécies de plantas com cenários de regeneração distintos (Klein *et al.* 2009).

Além do simples plantio de mudas de espécies nativas, outros métodos associados a melhoria microclimática devem ser priorizados, visando a revitalização de processos criadores de condições específicas, para que a dinâmica natural de espécies nativas seja reestabelecida no ambiente perturbado. Neste sentido, a criação de núcleos de regeneração através de técnicas que estimulem a resiliência do ambiente, podem ser fundamentais, tal como, o uso de poleiros artificiais para atração e aumento da chuva de sementes (Reis *et al.* 2010).

Estes métodos de atração de dispersores e chuva de sementes são essenciais para a restauração de sistemas florestais tropicais, onde a principal forma de regeneração natural é por meio da chuva de sementes, a qual depende da distância de áreas fonte de propágulos e dos bancos de sementes do solo e de plântulas, que por ventura permaneceram nos sítios degradados (Cheung *et al.* 2009). As diferentes maneiras como os diásporos são dispersos e a frequência com que atingem ambientes favoráveis para o estabelecimento da plântula é que determinam a riqueza e a distribuição espacial das populações de plantas (van der Pijl 1972). Ao mesmo tempo, a comunidade vegetal em estabelecimento (espécies em regeneração espontânea e introduzidas) é altamente dependente das condições físicas e químicas do solo que, se não forem adequadas, limitam seu desenvolvimento (Lima *et al.* 2012), tornando a restauração uma atividade extremamente complexa. Neste sentido, fatores abióticos associados à regeneração natural, principalmente aqueles ligados às condições físicas e químicas do solo, também são determinantes para o estabelecimento e desenvolvimento de plântulas e, consequentemente, dos padrões de recrutamento de espécies (Marimon *et al.* 2010; Catterall *et al.* 2012).

Ferreira *et al.* (2010) afirmam que mesmo em áreas onde o solo sofreu intensas alterações físicas, a regeneração natural pode contribuir com mais de 50% da diversidade de espécies após seis anos de plantio, desde que inicialmente sejam introduzidas espécies arbóreas com potencial de facilitação. A facilitação promovida por espécies arbóreas está relacionada, principalmente, à cobertura das copas, à atratividade de dispersores e à melhoria das condições abióticas na escala local (Remor 2004).

Outro desafio importante da ecologia de restauração reside em como avaliar o sucesso da restauração ecológica e transformar os resultados obtidos em subsídios para futuros projetos, potencializando acertos que venham propiciar sustentabilidade temporal aos sistemas restaurados, de modo similar aos naturais (Block *et al.* 2001; Viers *et al.* 2012). A heterogeneidade dos ambientes em restauração dificulta comparações, pois cada ambiente está atrelado a diferentes históricos de degradação, diferentes contextos de paisagem, diferentes técnicas utilizadas, entre outros (Holl & Aide 2011), o que resulta em particularidades nos processos naturais e antrópicos que conduzem a diferentes cenários de regeneração (Hobbs *et al.* 2011).

Uma forma para avançar na restauração é conhecer os pontos críticos e fatores chaves das metodologias aplicadas, possibilitando o desenvolvimento de uma base de dados que permita avaliar e refinar as estratégias prescritas para a restauração de áreas degradadas e a correção de eventuais problemas, bem como o estabelecimento de parâmetros robustos para avaliação do sucesso da restauração (Brancalion *et al.* 2009). Ou seja, o monitoramento e ações de *feedback* devem fazer parte de qualquer ação de restauração.

Organização da Tese

O conhecimento de processos que atuam nas fases iniciais da restauração pode fornecer resultados que subsidiem o manejo adaptativo contribuindo para o sucesso do projeto, e ao mesmo tempo avaliando a sua trajetória de acordo com as teorias ecológicas aplicadas, gerando também um aprofundamento teórico. Com uma abordagem integradora, associada a padrões de trajetórias sucessionais, esta tese de doutorado está estruturada em 3 capítulos que relacionam aspectos aplicados à restauração ecológica de matas ciliares em áreas severamente impactadas pela mineração de carvão, no sul do Brasil.

Estes impactos causados pela mineração de carvão são de abrangência regional e estão associados a áreas submetidas a intervenções ativas de restauração com reduzida resiliência. Independente do cenário, objetivou-se construir um desenho que possibilitasse a avaliação de processos ecológicos associados à restauração florestal como um todo, que em geral passa pelo plantio de espécies arbóreas nativas, visando a melhoria das condições microclimáticas locais e o favorecimento dos demais processos sucessionais necessários para as fases iniciais da restauração.

No capítulo 1 é apresentado o manuscrito "**Can plant functional traits predict demographic rates of planted tree species in ecological restoration?"**, que traz uma abordagem de taxas vitais (crescimento e mortalidade) das espécies introduzidas como mudas, e sua relação com atributos funcionais das plantas. O plantio de espécies nativas para restauração ecológica não é realizado apenas com o objetivo de reestruturar o ambiente florestal, como acreditava-se no passado onde eram preconizados modelos determinísticos (Rodrigues *et al.* 2011). As espécies introduzidas possuem importante papel na melhoria das condições locais, como microclima, propriedades do solo, e fornecimento de abrigo e recursos alimentares para dispersores (Parrotta *et al.* 1997; Holl *et al.* 2000; Martínez Ramos & Orth

2007). Assim, o sucesso no estabelecimento das espécies florestais introduzidas é fundamental para ocorrência de outros processos ecológicos, como aumento da chuva de sementes, da regeneração natural e da recolonização da fauna local, os quais garantirão a sustentabilidade do projeto em longo prazo (Ribeiro *et al.* 2009).

Diversos estudos indicam uma relação entre as taxas de crescimento e mortalidade de plantas e seus atributos funcionais e estes vêm sendo amplamente estudados por potencializarem uma resposta global para a performance individual das espécies, associadas às comunidades vegetais (Poorter *et al.* 2008; Wright *et al.* 2010). No entanto, poucos estudos avaliaram a relação entre atributos funcionais de plantas e o desenvolvimento das espécies introduzidas para restauração ecológica (Poorter *et al.* 2008; Martínez-Garza *et al.* 2013; Andrade *et al.* 2014). Considerando a variação dos atributos funcionais de plantas e sua resposta nas taxas de crescimento e sobrevivência das espécies introduzidas (Violle *et al.* 2007), esta relação pode ser uma importante ferramenta para prever trajetórias de comunidades em restauração ecológica contribuindo também para o manejo e monitoramento do projeto.

Assim, o objetivo deste capítulo foi avaliar as taxas de crescimento das plantas nativas introduzidas através dos parâmetros de altura, diâmetro basal e área da copa, bem como, sua relação com atributos funcionais das plantas, de áreas em processo de restauração ecológica de áreas severamente impactadas por mineração de carvão. Este capítulo teve como questão central: Atributos funcionais de plantas predizem taxas de crescimento e de mortalidade de plantas introduzidas para restauração ecológica de áreas intensamente degradadas?

A chegada e o estabelecimento de espécies nativas é o processo que potencializa a auto-manutenção de áreas em restauração (Chazdon 2008). Neste sentido estruturamos o capítulo 2 **“Seed rain and plant establishment patterns in forest restoration on coal mining degraded areas”**, onde foi avaliada a contribuição de poleiros artificiais como técnica adicional ao aumento de propágulos na área. Além da avaliação da chuva de sementes através de coletores com e sem poleiros artificiais, também foi avaliada a regeneração natural de espécies lenhosas (arbustos e árvores) e a cobertura de plantas herbáceas, bem como as relações entre estas variáveis e os padrões da chuva de sementes.

Na restauração de ecossistemas florestais tropicais, o principal filtro que limita a regeneração natural é a baixa disponibilidade de sementes, frequentemente associada à falta de dispersores e de banco de sementes no solo (Holl 1999; Chazdon 2003; Florentine & Westbrooke 2004; Baur 2014). O uso de poleiros artificiais tem sido relatado como uma ferramenta adicional para atrair dispersores (Graham & Page 2012; Heelemann *et al.* 2012; Cavallero *et al.* 2013), formando núcleos onde a vegetação poderia se estabelecer mais rapidamente e assim diminuindo as consequências do filtro associado à baixa disponibilidade de propágulos.

É fundamental que a chegada de sementes promovida pelo uso de poleiros, porém, também esteja associada ao aumento nas taxas de recrutamento de espécies lenhosas, para que esta estratégia seja de fato favorável (Graham & Page 2012). Assim, o objetivo deste capítulo foi avaliar a riqueza, a composição e a densidade da chuva de sementes, em termos de espécies e grupos funcionais, e suas relações com o recrutamento de espécies lenhosas. Considerando que a presença de gramíneas exóticas invasoras é considerada um outro fator limitante importante ao processo de restauração, por impedir ou retardar o recrutamento de espécies nativas (Martinez-Ramos & Soto-Castro 1993; Ortega-Piecka *et al.* 2011), também se avaliou a relação entre o recrutamento e a cobertura de plantas herbáceas nas categorias de gramíneas nativas e exóticas, bem como outras herbáceas (*forbs*).

Uma das metas recorrentes de projetos de restauração ecólogica que utilizam técnicas ativas de intervenção é obter a auto-manutenção do sistema e seus processos sem o contínuo auxílio humano, o que assegura o sucesso da restauração ecológica no tempo. Para tanto, um dos processos fundamentais para esta trajetória é a regeneração natural, que ocorre de forma passiva. Assim, foi estruturado um terceiro capítulo **"Forest restoration after severe degradation by coal mining: lessons from the first years of monitoring"**, onde são explorados os padrões de regeneração natural e suas relações com fatores bióticos e abióticos. O estabelecimento de uma comunidade de plantas que se assemelhe à natural consiste em um desafio devido a diversas limitações relacionadas ao estabelecimento de espécies nativas, especialmente em áreas altamente impactadas (Fields-Johnson *et al.* 2012; Zhenqi *et al.* 2012; Bauman *et al.* 2013). O objetivo deste capítulo foi avaliar a regeneração natural de arbustos e árvores em áreas em processo de restauração ecológica após severo impacto ambiental associado à mineração de carvão. Paralelamente foram analisados parâmetros abióticos (química e estrutura do solo) e bióticos associados a regeneração de espécies lenhosas.

Em situações onde houve mudança completa das condições naturais, como em áreas de mineração, por exemplo, o substrato não apresenta suas características originais de estrutura física e química e, frequentemente, encontra-se altamente impactado (Kämpf *et al.* 1997; Bauman *et al.* 2013). Ainda, a presença de espécies exóticas invasoras pode constituir uma barreira adicional ao estabelecimento de uma nova comunidade (Nyamai *et al.* 2011; Bennett *et al.* 2012). Assim, a trajetória sucessional estabelecida no início das atividades de restauração, descrita por padrões de regeneração natural, pode variar amplamente de acordo com as características locais relacionadas tanto a fatores abióticos quanto bióticos (Block *et al.* 2001).

Com o desenvolvimento destes capítulos, buscou-se explorar diferentes aspectos da restauração ecológica com base em projetos que estão sendo aplicados para restauração de áreas de mata ciliar em uma região intensamente degradada pela mineração de carvão, vinculando assim os processos ecológicos à prática que tem sido aplicada. Neste sentido, a coleta de dados de campo foi realizada em áreas em processo de restauração ecológica, porém sem instrumentação e/ou controle das técnicas que foram empregadas. A construção desta tese foi, então, com base na avaliação de diversos parâmetros e no monitoramento de projetos implementados por empresas legalmente responsáveis pela restauração de algumas áreas da região.

Mineração de Carvão em Santa Catarina: impactos e recuperação ambiental

No Brasil, as principais jazidas de carvão mineral localizam-se na Região Sul, nos estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A Bacia Carbonífera de Santa Catarina, ocupa, aproximadamente, 100 km de comprimento e 20 km de largura, entre a Serra Geral a Oeste e o maciço granítico da Serra do Mar a Leste, seguindo a orientação Norte-Sul (Krebs 2005). Com a forte demanda por carvão mineral, a partir de 1970, a explotação passou a ser realizada em grandes minas, ocasionando maior contaminação do meio ambiente (Gomes *et al.* 2008).

Para compreensão do impacto originado por esta atividade, cabe esclarecer os métodos empregados à mineração de carvão, que são a lavra subterrânea e a céu aberto. A lavra subterrânea, é utilizada quando a jazida de carvão se encontra em camadas mais profundas (superior a 30 m de profundidade), e os principais impactos ao ecossistema são relacionados à deposição de rejeitos da mineração na superfície, após o beneficiamento do minério (Koppe & Costa 2008).

Já a lavra a céu aberto, realizada quando a jazida de carvão se encontra próxima à superfície do solo (até 30 m de profundidade), envolve a remoção de grandes volumes de rochas removidas para acesso às camadas de carvão (denominadas estéril da mineração) para cada tonelada de carvão produzida. Este método causa a formação de cavas para acesso à camada de carvão e pilhas de material resultante da escavação (Koppe & Costa 2008), geralmente cônicas com até 20 m de altura, caracterizando a inversão dos horizontes do solo e das rochas, em relação às suas posições estratigráficas originais, com vegetação e solo depositados na base e estéreis da mineração nas camadas superiores (Citadini-Zanette 1999; Lopes *et al.* 2009).

Com a disposição sem controle dos estéreis e dos rejeitos, o solo não foi preservado e muitas áreas foram abandonadas após a mineração, ocasionando diversos problemas ambientais, como a geração de drenagem ácida de mina (DAM), erosão, emissão de gases para atmosfera e impacto visual (Koppe & Costa 2008). Entre estes problemas, o mais sério é a DAM, resultante da oxidação da pirita e à presença de outros sulfetos presentes no carvão e também encontrados nos rejeitos do beneficiamento. Como consequência desse processo ocorre a formação de água extremamente ácida (pH inferior a 2,0) e enriquecida com ferro, alumínio, sulfato e metais pesados, tais como chumbo, manganês e cádmio (Silva *et al.* 2011).

Esta intensa contaminação originou impactos ambientais em três bacias hidrográficas (bacia do Rio Araranguá, do Rio Tubarão e do Rio Urussanga), com aproximadamente 6.500 ha em superfície (Brasil 2012b), causando também sérios problemas de saúde pública associada à população que vive no entorno destas áreas.

Visando a enfrentar o passivo ambiental decorrente da mineração de carvão, o Ministério Público Federal propôs uma ação civil pública (processo 93.8000533-4) em 1993, perante a Justiça Federal de Santa Catarina. Mais tarde, em 2000, foi proferida a sentença, na qual condenou os réus (empresas carboníferas e a União), solidariamente, a apresentarem projetos de recuperação ambiental para a região que compõe a bacia carbonífera catarinense (JFSC 2015).

Para otimizar a execução da sentença, em 2006 criou-se o Grupo Técnico de Assessoramento ao Juízo (GTA), que se constitui um inovador instrumento de autogestão, com representantes técnicos de todas as partes e também com a presença de pessoas externas ao processo e relevantes à questão ambiental (JFSC 2015). Este grupo foi responsável pela elaboração de um documento que especifica como devem ser realizadas as atividades de recuperação ambiental na região chamado "Critérios técnicos para a recuperação e para a reabilitação das áreas degradadas" (Brasil 2013).

Este documento traz importantes definições, dentre as quais se destaca a distinção entre Áreas de Preservação Permanente (APP) e demais áreas (Não APP), com diferentes recomendações, considerando a importância ambiental de cada local. Considerando as definições já recomendadas por lei (Brasil 2012a), bem como a maior sensibilidade ambiental e sua importância ecossistêmica, definiu-se que todas as áreas de APP devem ser recuperadas visando a formação de floresta característica do bioma Mata Atlântica (no âmbito deste estudo, a definição considerada restauração).

No cenário de degradação ambiental ao qual a região está exposta, muitas áreas de APP, especialmente matas ciliares, estão completamente desprovidas de suas características originais, com deposição de material contaminante nas margens dos rios e, por vezes no próprio leito (Rocha-Nicoleite *et al.* 2013). Assim, para a restauração destas áreas, recomenda-se que todo o material contaminante seja removido, possibilitando a reconstrução do solo em um nível que permita a implantação de espécies arbóreas nativas e o restabelecimento de floresta típica do Bioma Mata Atlântica (Brasil 2013).

Visando atender a sentença e as recomendações do Ministério Público Federal e da Justiça Federal, os réus responsáveis pela recuperação das áreas têm estabelecido e executado projetos de recuperação e restauração ecológica, embora ainda carentes de técnicas, e especialmente de avaliações e monitoramento relacionando prática e teoria.

Portanto, a região de mineração de carvão do estado de Santa Catarina, foco desta tese, apresenta sérios problemas ambientais, com áreas desprovidas de vegetação florestal, e com solos e recursos hídricos altamente impactados. Problemas estes que são globais, uma vez que as atividades de mineração são extremamente impactantes e distribuem-se ao redor do mundo, com complexidade semelhante à encontrada no sul de Santa Catarina (Campos *et al.*

2003; Zipper *et al.* 2011; Zhenqi *et al.* 2012). Frente a esta problemática, e considerando a necessidade de estudos que relacionem prática e teoria no campo da ecologia da restauração, estabeleceu-se este cenário como foco de estudo desta tese.

Áreas de estudo

Para este estudo foram selecionadas quatro áreas de mata ciliar que estão em processo de restauração ecológica, com histórico de uso e intervenções semelhantes, aqui denominadas A, B, C e D, e dois remanescentes florestais, denominados LM e SD, como áreas de referência. As áreas A, B, C e LM localizam-se no munícipio de Lauro Müller, na bacia hidrográfica do rio Tubarão, com altitude de aproximadamente 220 m acima do nível do mar. As áreas D e SD localizam-se em Siderópolis, na Bacia Hidrográfica do rio Araranguá, com altitude de aproximadamente 120 m acima do nível do mar. A distância entre os dois locais é de aproximadamente 20 km. A região de estudo está inserida no bioma Mata Atlântica (Ribeiro *et al.* 2009), possui clima Subtropical Úmido com Verão Quente (Cfa) segundo a classificação de Köppen (1948), com temperatura média anual de 19ºC e a precipitação média anual de 1.600 mm.

Em todas as áreas em restauração houve mineração de carvão à céu aberto e deposição de materiais contaminantes, sendo que para restauração, houve remoção destes materiais, construção do solo e revegetação. Para a revegetação, foram introduzidas gramíneas exóticas anuais (áreas B e C) e perenes (áreas A e D), seguida da introdução de espécies arbóreas nativas, através de semeadura direta de *Mimosa scabrella* Benth. e introdução de 20 núcleos com seis espécies arbóreas nativas em cada núcleo (área D) ou através do plantio de mudas de espécies arbóreas nativas com densidade de 2.500 mudas/ha (áreas A, B. e C). A riqueza de espécies arbóreas introduzidas foi de 30 espécies nas áreas A, B e C e de 16 espécies na área D. Estas intervenções foram realizadas entre 2009 e 2010 nas áreas A, B e C (período da exploração de carvão: 1997), e entre 2002 e 2005 no caso da área D (exploração de carvão entre 1950 e 1989). As áreas foram avaliadas por um período de quatro anos, e foram amostradas conforme as metodologias descritas em cada capítulo. Um aspecto geral das áreas estudadas nesta tese pode ser verificado nas figuras 1, 2, 3 e 4.

As áreas utilizadas como referência, são áreas sem histórico conhecido de utilização e, portanto, em estagio avançado de regeneração natural, embora situadas em um contexto de fragmentação da paisagem.

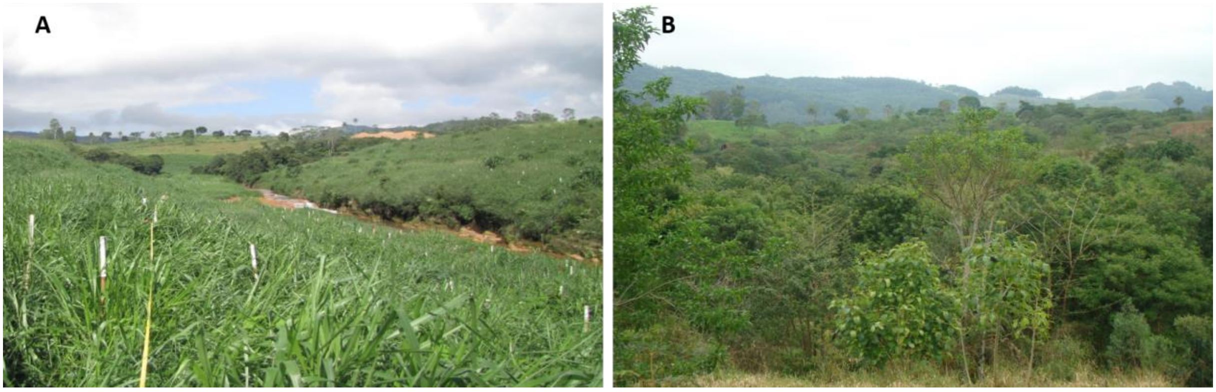


Figura 1. Aspecto geral da área A, localizada no município de Lauro Müller, SC , no primeiro (A) e no quarto ano de restauração.

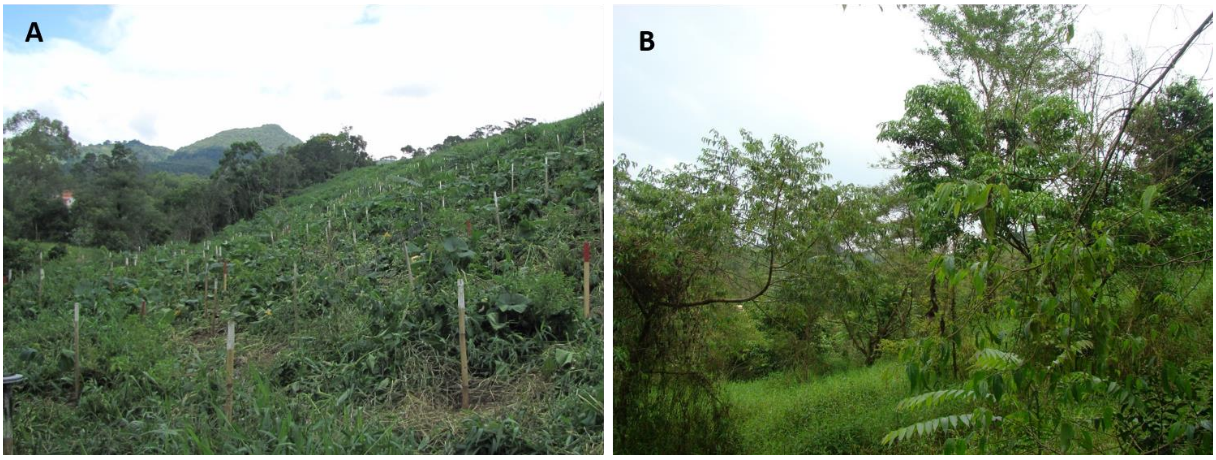


Figura 2. Aspecto geral da área B, localizada no município de Lauro Müller, SC , no primeiro (A) e no quarto ano de restauração.

Figura 3. Aspecto geral da área C, localizada no município de Lauro Müller, SC , no primeiro (A) e no quarto ano de restauração.

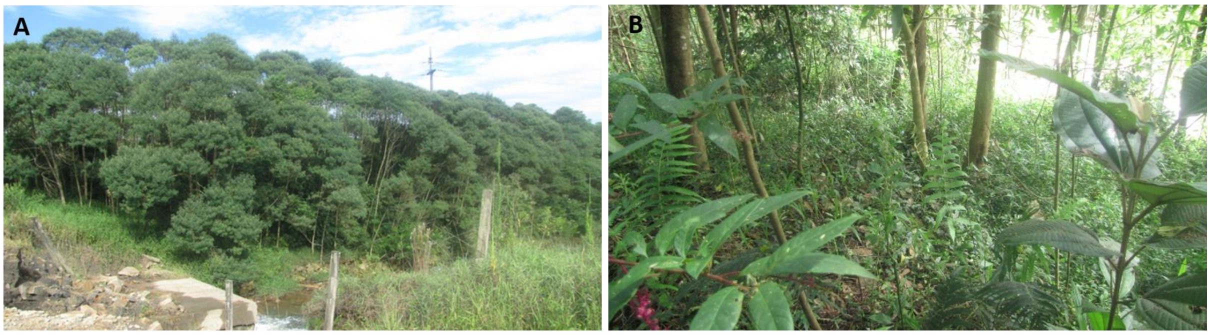


Figura 4. Aspecto geral (A) e detalhe do interior (B) da área D, localizada no município de Lauro Müller, SC , 10 anos após o inicio do processo de restauração.

CAPÍTULO 1

CAN PLANT FUNCTIONAL TRAITS PREDICT DEMOGRAPHIC RATES OF PLANTED TREE SPECIES IN ECOLOGICAL RESTORATION?

Can plant functional traits predict demographic rates of planted tree species in ecological restoration?

Edilane Rocha-Nicoleite[1,2]; Gerhard Ernst Overbeck[1,3]; Sandra Cristina Müller[1,4]

1 – Graduate Program in Ecology, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Av. Bento Gonçalves 9500, 91501970, Porto Alegre, RS, Brazil.

2 – Clean Coal Research Centre, Associação Beneficente da Indústria Carbonífera de Santa Catarina, Rua Pascoal Meller 73, 88805-380, Criciúma, SC, Brazil, (e-mail: edilane.rocha@satc.edu.br).

3 – Department of Botany, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Av. Bento Gonçalves, 9500, 91540-000 Porto Alegre, Brazil.

4 – Department of Ecology, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Av. Bento Gonçalves, 9500, 91540-000 Porto Alegre, Brazil.

Abstract

In ecological restoration, native trees are planted to accelerate vegetation recovery, to improve site conditions and to facilitate natural regeneration for long-term restauration. In the context of a restoration project of a site degraded by coal mining in southern Brazil, we aimed to evaluate the relative growth rates (based on height, crown and stem base diameter) and mortality rate for each specie, and the relationship of these features to principal plant functional traits. Once a year, during three years, we evaluate 685 individuals belonging to 25 species and 15 botanical families. Relations between relative growth rates, mortality rate and functional traits were investigated by help of Spearman's rank correlation and by multiple linear regression models. Principal canonical analysis and Canonical correspondence analysis were applied to show multi-trait patterns. Regression models of RGR of crown area and crown size were significant when using the traits leaf nitrogen (LNC) and leaf phosphorus content (LPC), respectively. Relative growth rates related to stem basal diameter and height did not presented significant relation to any functional trait. The mortality rate responded significantly when using leaf dry-matter content as predictor variable, with a positive relation. Our study showed that some traits could be related to growth and mortality rates of young trees, but the way what such relations occurred were still unclear and contrary to what is expected based on the literature. Facing this, we believe that more and broader studies encompassing vital rates and functional traits of species are needed in order to make use of the results of theoretical ecology to practical ecological restoration.

Key-words: relative growth rate; mortality rate; native tree plantation; coal mining restoration.

Introduction

Areas affected by severe degradation, such as by coal mining, need to be actively restored due the very low potential to return to previous conditions without any assistance (Bradley *et al.* 2010; Holl & Aide 2011). In forest regions, the most common method for ecological restoration is planting of native trees (Omeja *et al.* 2011; Peña-Domene *et al.* 2013). The objectives of tree plantings go well beyond the vegetation component itself. Introduced trees play an important role for the improvement of site conditions (microclimate, soil properties) and can provide habitat and resources for fruit-eating animals, which may contribute to seed dispersal (Parrotta *et al.* 1997; Holl *et al.* 2000; Martínez Ramos & Orth 2007). These processes, however, depend on the successful establishment and canopy development of trees by selection of trees with rapid growth thus can be important for restoration projects (Melo *et al.* 2007; Ribeiro *et al.* 2009; Omeja *et al.* 2011).

Plant functional traits have been employed worldwide as useful parameters to predict plant fitness and plant growth abilities (Poorter *et al.* 2008; Wright *et al.* 2010). However, only few studies evaluate the relation between plant traits and plant development in ecological restoration (Poorter *et al.* 2008; Martínez-Garza *et al.* 2013; Andrade *et al.* 2014). Functional traits are any morphological, physiological or phenological features that can be measured at the individual level, and they impact plant fitness via their effects on growth, reproduction and survival (Violle *et al.* 2007). As functional response traits vary among species and may influence ecosystem functions (Díaz *et al.* 2004), working with traits in ecological restoration can be useful to forecast trajectories of plant communities and to improve project management and monitoring (Asanok *et al.* 2013; Martínez-Garza *et al.* 2013). This also is true for seeded or planted species, due to their importance for shaping ecological processes at restoration sites (Laughlin 2014a). Quantifying the relation of functional traits with growth and survival of plants under different restoration conditions may be useful for the selection of species with better performance in the field.

Several key traits have been proposed to be universally important for plant performance and to represent relatively independent aspects of plant ecological strategies (Poorter *et al.* 2008). Among these, the following seven functional traits related to resource acquisition and allocation patterns can be highlighted: leaf surface area (LA), specific leaf area (SLA), leaf nitrogen (LNC) and phosphorus (LPC) content, leaf dry-matter content (LDMC), wood density (WD), and potential plant height (H*max*). These traits represent whole-plant traits, leaf traits and stem traits (Pérez-Harguindeguy *et al.* 2013) and seem to express three different dimensions in terms of plant form and performance (Laughlin 2014b). They have been directly related to environmental conditions, especially considering light, soil and water features of the sites, and the ability of plants in establishment and persistence (Westoby & Wright 2006). Leaf trait states can compose a 'leaf economics spectrum' (Wright *et al.* 2004) that varies from species with fast growth (high SLA, LNC, LPC), i.e. with the potential for quick returns of investments of nutrients and dry mass in leaves to slow growing species with long leaf lifespan (low SLA, LNC, LPC, high LDMC). This turnover is associated to photosynthetic rates and herbivore resistance (Westoby & Wright 2006; Laughlin 2014a). Leaf area, besides its influence on light interception, is further related to the maintenance of favorable leaf temperatures and to water-use efficiency in conditions of high solar radiation and low water availability (Ackerly *et al.* 2002), which are common limitations in early phases of ecological restoration. Wood density represents a trade-off between growth rate and survival and also can be interpreted in terms of resistance to decay, storage capacity and mechanical strength (Wright *et al.* 2010).

In this study, we aimed to evaluate the relative growth rates (RGR) and the mortality rate (MR) of planted tree species used in active restoration of areas severely degraded by coal mining and their relationships to plant functional traits. Our central question was if plant functional traits were good predictors of RGR and MR of planted tree species. We predicted that (1) species with higher LA, SLA, LNC and LPC should present higher demographic rates due to their potential of rapid resource acquisition (fast-growth species), while (2) species with higher WD and Hmax should present a higher mortality rate as they are often associated to shade tolerant species (late successional) and should not perform well the under environment with high light availability at our restoration site. Trees planted in restoration areas often are under very specific, often limiting, soil conditions or may suffer severely from competition with grasses, which may also affect growth rates (van Breugel *et al.* 2011; Campoe *et al.* 2014). Thus, we were further interested to understand which trait values characterize species with higher variability in their demographic rates, which may be indicative of greater tolerance of high variability of abiotic conditions in restoration sites.

Methods

Study site

This study was conducted in the southern part of the Atlantic Rainforest (Ribeiro *et al.* 2009), in southern Santa Catarina state, Brazil. Climate in the region is humid subtropical, with annual temperature of 19 ºC and mean precipitation of 1600 mm (Alvares *et al.* 2014).

We conducted this research at three sites (28º26'S, 49º23'W – 28º25'S, 49º25'W) currently under ecological restoration. All sites were originally covered by riparian forest and had been degraded by surface coal mining with deposition of spoils between 1975 and 1997. After the end if mining activities, all sites were abandoned until 2009 and 2010, when the restoration procedures were initiated. The principal restoration goal was the reestablishment of the pre-mining riparian forest. Restoration of these sites followed the general procedures applied in the region (Rocha-Nicoleite *et al.* 2013): after removal of spoils to stop ongoing contamination, the topography was restructured by a mixture of clay or sand of about 2 m in depth. A thin layer of organic matter (ca. 2 cm), in this case peat or broiler litter, was then distributed over that substrate to facilitate vegetation development. After that, seeds of exotic grasses (*Urochloa brizantha* (Hochst. ex A. Rich.) R.D. Webster, *Avena sativa* L. and *Lolium multiflorum* Lam.) were sown in order to rapidly establish vegetation cover (required by law), followed by planting of native trees. A total of 25 species were used in varying quantities, with a planting distance of 2 x 2 m between trees. Monitoring of tree development (height, crown and stem sizes – see below) occurred in permanent research plots maintained without any silvicultural practices. The young trees (planted seedlings) never received any nutritional support.

Data collection and analysis

We monitored species with at least 10 individuals at the first evaluation, which was about one year after the tree planting. Thus, only seedlings that survived this first year were considered. Altogether, we evaluated 685 individuals belonging to 25 species and 15 botanical families along three consecutive years with one measurement per year.

Relative growth rates were calculated for: height (from the base of the stem to the end of the crown), crown projection area (based on two measurements of the crown diameter), stem base diameter (measured at the base of the stem). For the calculation of growth rates, we considered only those 19 species that had 10 or more living individuals at the last sampling date. Relative growth rates (RGR) were calculated as ($\log[X_t] - \log[X_0]$)/time, where X_0 and X_t correspond to the parameter under evaluation (here: height, area of crown, or base diameter) at the first and last measurement, respectively (Poorter *et al.* 2008). Additionally, we also calculated the variation of the growth rate (standard deviation) among individuals for each species. Annual mortality rates (MR) were calculated as ($\log[N_0] - \log[N_t]$)/time, where N_0 and

N_t are the number of individuals of each species at the first and last measurement, respectively (Poorter *et al.* 2008).

We evaluated seven functional traits: leaf area (LA, cm^2); specific leaf area (SLA, $mm^2.mg^{-1}$); leaf dry-matter content (LDMC, $mg.g^{-1}$); leaf nitrogen concentration (LNC, % per mass); leaf phosphorus concentration (LPC, % per mass); maximum adult height (H_{max}, m); and wood density (WD, $g.cm^{-3}$). The plant functional traits were obtained from our own database of plants functional traits, which contains trait data of tree species in southern Brazil. Leaf traits measurements followed the protocol of Pérez-Harguindeguy *et al.* (2013). For each leaf trait, at least five individuals per species were sampled, within their natural distribution range. Maximum adult height and wood density data came from published studies or existing databases (Lorenzi 2002; Carvalho 2003, 2006; Chave *et al.* 2006; Carvalho 2008).

Relations between the parameters RGR, MR, and functional traits were first investigated through Spearman's rank correlation. To evaluate if functional traits predicted survival and growth rates, we used multiple linear regression models with a step-wise ascending procedure. In the multiple regression models, the final combination of traits for each growth rate (RGR of height, crown area, stem diameter) and mortality (MR) was retained according to the F-value criteria (Crawley 2014). When necessary, data were log-transformed to satisfy tests of normality. The average of the crown area in the last year was also considered in the analyses as a response variable in order to visualize this important structural pattern of the species (the potential to quickly form a canopy) and its relationships with the other parameters. In addition to consideration of each functional trait separately, we also used the full set of traits in the models of RGR and the MR, using a multivariate approach. For that, we first applied a principal component analyses (PCA) for the species described by the traits and considered the first three axes as potential descriptors in the models.

Finally, to explore the multivariate patterns of functional traits and the growth rates of the species, we applied a canonical correspondence analysis (CCA), performed on two matrices: the species described by their growth rates and the species described by their functional traits as the independent (explanatory) variable.

All analyses were performed using the package *vegan* (Vegan: Community ecology package) on the R platform (R Development Core Team, http://www.Rproject.org).

Results

Relative growth rates (RGR) considering plant height, basal diameter or crown area were measured for 19 species, while the mortality rate (MR) was estimated for 25 species (Table 1). *Eugenia brasiliensis* and *Cupanea vernalis* were the species that presented the higher mortality rate. Considering the relative growth rate the species that highlight were *Schinus terebinthifolius*, *Handroanthus chrysotrichus, Alchornea triplinernia,* Psidium cattleyanum and *Citharexylum myrianthum*. Mean values of functional traits for each species evaluated are showed in Appendix 1. Some significantly correlations between the parameters of species growth and the functional traits could be shown (Table 2).

Table 1. List of species considered for the study with the number of measured individuals in the last year (N in 3rd year), their mortality rate (MR per year), and their relative growth rate considering height (RGR-H), basal diameter (RGR-D), and crown area (RGR-C), followed by their standard deviation (sd). Species without values for growth rates were not included in the analysis due to the low number of individuals (see methods).

Family	Species	Species Code	N	MR	RGR-H	RGR-H (sd)	RGR-D	RGR-D (sd)	RGR-C	RGR-C (sd)
Anacardiaceae	*Schinus terebinthifolius* Raddi	scte	112	0.00	0.35	0.17	0.51	0.18	1.09	0.43
Apocynaceae	*Peschiera catharinensis* (A. DC.) Miers	taca	26	0.00	0.15	0.13	0.13	0.19	0.20	0.36
Bignoniaceae	*Handroanthus chrysotrichus* (Mart. ex A. DC.) Mattos	hach	10	0.03	0.30	0.14	0.30	0.14	0.37	0.42
	Handroanthus heptaphyllus (Vell.) Mattos	hahe	28	0.10	0.24	0.12	0.26	0.13	0.39	0.32
	Handroanthus umbellatus (Sond.) Mattos	haum	6	0.18	-	-	-	-	-	-
Cannabaceae	*Trema micrantha* (L.) Blume	temi	10	0.08	0.12	0.17	0.22	0.17	0.22	0.35
Euphorbiaceae	*Alchornea triplinervia* (Spreng.) Müll. Arg.	altr	10	0.06	0.31	0.15	0.40	0.13	0.72	0.30
Fabaceae	*Inga marginata* Willd.	inma	14	0.08	0.13	0.27	0.27	0.18	0.14	0.53
	Mimosa scabrella Benth.	misc	8	0.04	-	-	-	-	-	-
Malvaceae	*Ceiba speciosa* (A. St.-Hil.) Ravenna	cesp	23	0.00	0.15	0.18	0.22	0.15	0.19	0.27
	Pseudobombax grandiflorum (Cav.) A. Robyns	psgr	18	0.00	0.22	0.15	0.24	0.17	0.15	0.31
Meliaceae	*Cedrela fissilis* Vell.	cefi	56	0.03	0.16	0.15	0.19	0.11	-0.07	0.43
Myrtaceae	*Campomanesia xanthocarpa* Mart. ex O. Berg	caxa	28	0.11	0.23	0.17	0.22	0.18	0.32	0.40
	Eugenia brasiliensis Lam.	eubr	6	0.31	-	-	-	-	-	-
	Eugenia involucrata DC.	euin	9	0.18	-	-	-	-	-	-
	Eugenia multicostata D. Legrand	eumu	34	0.05	0.06	0.16	0.12	0.12	0.18	0.31
	Eugenia uniflora L.	euun	45	0.03	0.16	0.19	0.19	0.10	0.36	0.34
	Psidium cattleyanum Sabine	psca	17	0.05	0.31	0.14	0.40	0.15	0.58	0.33
Phytolaccaceae	*Phytolacca dioica* L.	phdi	12	0.00	0.37	0.09	0.22	0.15	0.16	0.43
Primulaceae	*Myrsine coriacea* (Sw.) R. Br. ex Roem. & Schult.	myco	15	0.08	0.30	0.20	0.26	0.21	0.43	0.35
Rubiaceae	*Posoqueria latifolia* (Rudge) Schult.	pola	8	0.06	-	-	-	-	-	-
Salicaceae	*Casearia sylvestris* Sw.	casy	13	0.16	0.10	0.28	0.26	0.16	0.20	0.57
Sapindaceae	*Allophylus edulis* (A. St.-Hil., A. Juss. & Cambess.) Hieron. ex Niederl.	aled	18	0.12	0.18	0.22	0.24	0.15	0.41	0.36
	Cupania vernalis Cambess.	cuve	4	0.26	-	-	-	-	-	-
Verbenaceae	*Citharexylum myrianthum* Cham.	cimy	20	0.00	0.38	0.11	0.35	0.11	0.53	0.28

Table 2. Spearman correlation coefficients between functional traits and relative growth rate or its standard deviations (sd), considering plant height (HGR), basal diameter (DGR) and crown area (CGR). Additionally, we considered crown area (m²) in the last evaluation. Significant values are in bold ($p<0.01$= **, $p<0.05$= *, and $p<0.10$).

Functional traits	HGR	HGRsd	DGR	DGRsd	CGR	CGRsd	Crown Area
Leaf area	0.16	**-0.53***	-0.13	-0.34	**-0.44·**	-0.30	-0.02
Specific leaf area	-0.07	0.14	**-0.41·**	-0.21	-0.35	0.22	0.02
Leaf dry-matter content	-0.10	0.32	0.26	-0.18	0.29	-0.08	**-0.42·**
Leaf nitrogen concentration	-0.11	-0.29	-0.10	-0.06	**-0.55****	**0.41·**	0.28
Leaf phosphorus concentration	0.24	**-0.55****	-0.01	0.01	-0.30	0.18	**0.54***
Maximum adult height	-0.03	0.05	-0.16	-0.17	**-0.48***	-0.11	-0.07
Wood density	0.13	-0.03	0.21	-0.22	**0.42·**	0.10	**-0.41·**

Regression models of RGR of crown area and of last crown size were significant when using the traits leaf nitrogen (LNC) and leaf phosphorus content (LPC), respectively, as predictor variables (Fig. 1). RGR of stem basal diameter and of height did not present any significant regressions to any trait. Considering the first axis of the multivariate space trait (PCA, Fig. 2a), we also could see a significant positive relation with crown growth rate (Fig. 2b). Considering the intraspecific variation in terms of growth rates, only the variability observed for height growth rate (HGRsd) showed a significant association to the species traits, in this case a negative relation to the leaf area (LA) (Fig. 3).

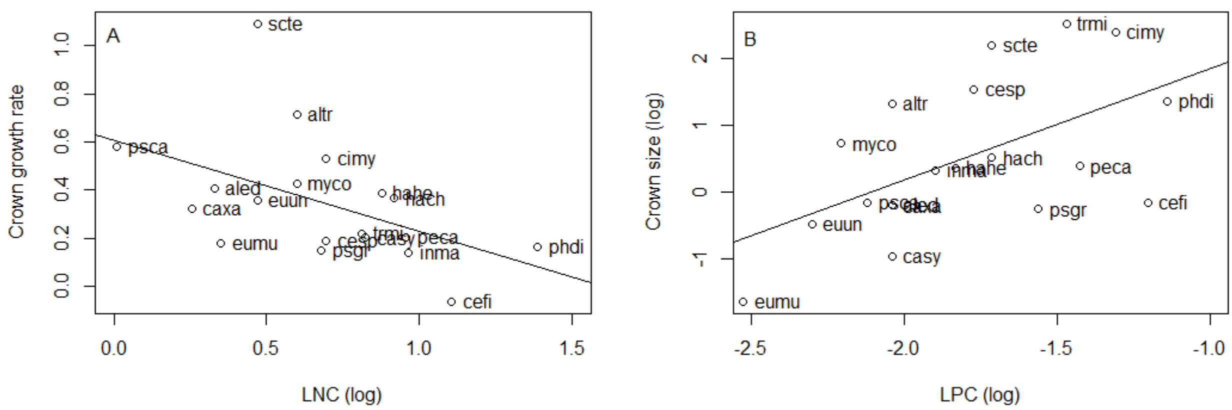


Figure 1. Significant linear models between (a) the crown growth rate and leaf nitrogen content (LNC, log transformed; R^2=0.19; p=0.03; F=5.20; DF=17) and between (b) the crown area (m², log transformed) and leaf phosphorus content (LPC, log transformed; R^2=0.27; p=0.01; F=7.79; DF=17). Species labels can be seen in Table 1.

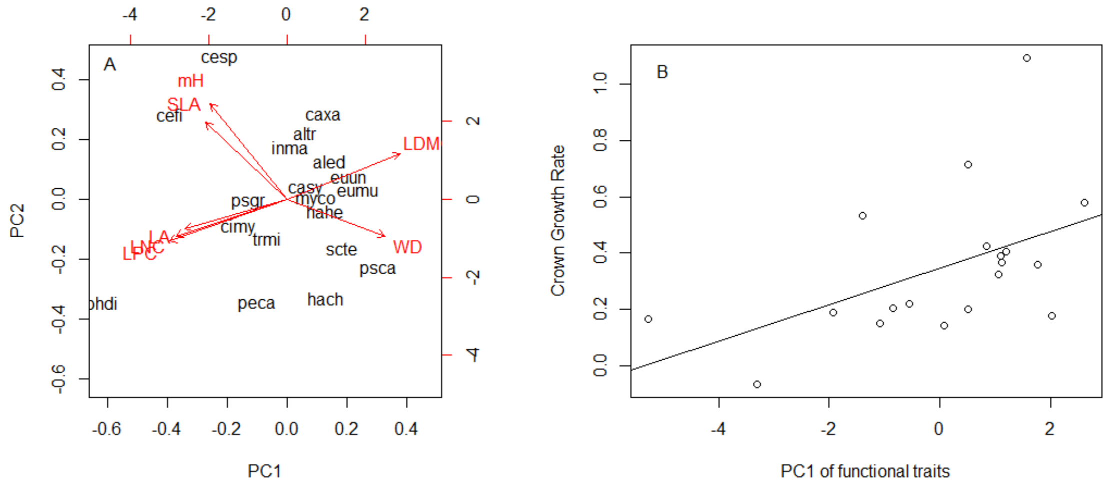


Figure 2. Ordination diagram (PCA) of 19 species described by their functional traits (A) and the significant linear model (B) between the crown growth rate and the first ordination axis of the PCA (R^2=0.20; p=0.03; F=5.59; DF=17). Species labels can be seen in Table 1.

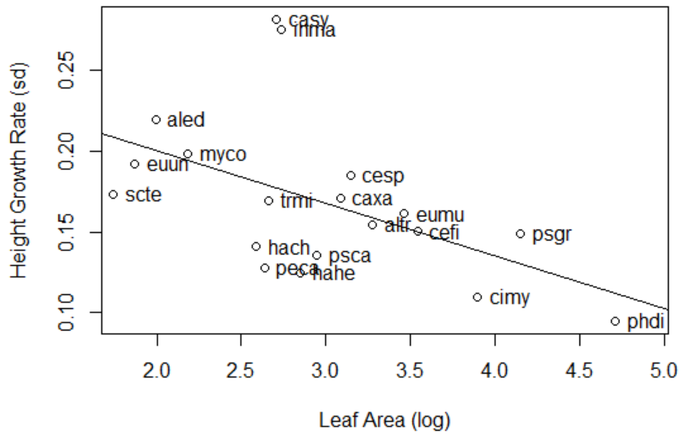


Figure 3. Linear regression between the variation of the height growth rate (HGR) and the leaf area (LA - log transformed; R^2=0.22; p=0.02; F=6.00; DF=17). Species labels can be seen in Table 1.

For the mortality rate, we only found a significant model when using leaf dry-matter content (LDMC) as predictor variable, with a positive relation (Fig. 4). When considering the first ordination axis of the PCA done for the 25 species used for estimation of MR (Appendix 2A), a very similar regression pattern associated to the LDMC was found (Appendix 2B).

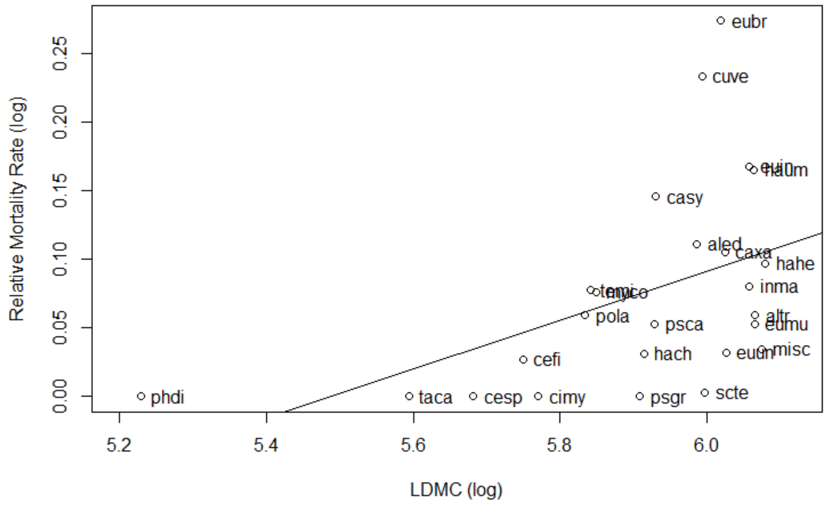


Figure 4. Linear regression between the relative mortality rate and the leaf dry-matter content (LDMC; log transformed; R^2=0.18; p=0.01; F=6.42; DF=23). Species labels can be seen in Table 1.

In the CCA, the set of functional traits explained 56% (axis 1= 40%; axis 2=11%) of the total growth rates variation of the species set (19 species). The first CCA axis was strongly and positively correlated with LDMC and WD and negatively correlated with LPC, LNC and SLA (Fig. 5). The species *Psidium cattleyanum*, *Eugenia uniflora* and *Allophylus edulis* showed high correlations to the first axis, and so did crown growth rate. Species in the left portion of the diagram had a lower growth rate, but higher mean values of crown area, being further associated with LPC. Species with higher variation in their growth rates were positively correlated to the axis 2, and associated with higher values of LNC and SLA.

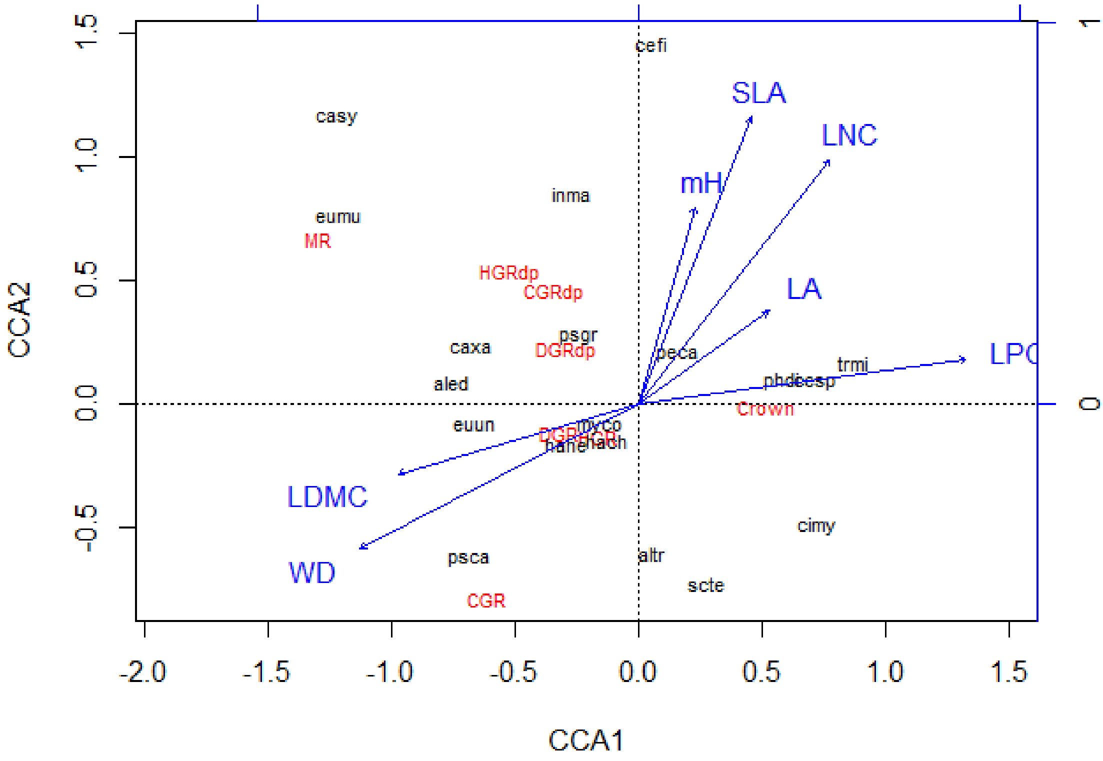


Figure 5. CCA ordination (canonical correspondence analysis) results ordered in multivariate space along the first two canonical axes (p=0.05). The sample units are the tree species coded as showed in table 1. On the red color follows the response variables (relative mortality rate = MR; relative growth rates: HGR = height growth rate; HGRsd = height growth rate standard deviation; DGR = diameter growth rate; DGRsd= diameter growth rate standard deviation; CGR = crown growth rate; CGRsd = crown growth rate standard deviation; Crown = crown area). The blue color correspond to the functional traits (mH = Maximum adult height; LA = Leaf area; LDMC = Leaf dry matter content; LNC = Leaf nitrogen content; LPC = Leaf phosphorus content; SLA = Specific leaf area; WD = woody density).

Discussion

Based on their plant traits, the species planted in the restoration project could be placed along a gradient from rapid resource acquisition (high SLA, LA, LNC, LPC) to conservation of resources (high LDMC and WD) (Díaz *et al.* 2004; Wright *et al.* 2007). These differences, however, were only weakly related with differences in the vital rates of species, and some of them were even contradictory to our expectations. In general, only the relative growth rate (RGR) of the crown area parameter responded to variation in functional traits. Lower values of LA, LNC, and LPC and higher values of WD and LDMC characterized species with higher RGR regarding crown area. Under the conditions of our study areas, individuals of species with more conservative strategies of resource used had higher relative growth than those classified as fast-growth species according to the 'leaf economics spectrum' approach (Wright et al. 2004). On the other hand, the mortality rate was higher for species with higher WD and LDMC, as we had expected. Altogether, these results, indicate that conservative species have a smaller crown size and grow relatively more over a year, even with a higher probability of dying than the species with strategies of fast resource acquisition.

Contrarily to our expectation, species with higher LNC – an indicative of species with higher photosynthetic capacity – tended to have a higher crown growth rate during the studied period. Nevertheless, the average size of the crown area was positively related to LPC, which indicates that species with higher LPC tend to have large crowns. Despite the size of their crowns, these species did not grow faster under the conditions of the studied restoration sites. High SLA, LNC and LPC are commonly associated with high photosynthetic capacity and faster turnover of plant leaves (low leaf-life span), which in turn should permit flexible response to spatial patchiness of light and soil resources, giving short-term advantages (Westoby *et al.* 2002). However, as observed in this study, opposite species strategies seem to have an overall advantage for planted seedlings, maintaining a relative crown growth rate under the harsh conditions of the restoration sites (*e.g.* high grass competition, light incidence, and temperature fluctuation).

Using the traits together in a multivariate approach, similar results as for single traits emerged (Fig. 2 and Fig. 5). Species with higher crown growth rate (e.g. *A. edulis*, *Eugenia multicostata*, *E. involucrata*, *P. cattleyanum*) were further associated to higher LDMC and WD (first axis of the PCA, Fig 2a), contrasting to species with higher SLA, LPC, and LNC (e.g. *Phytolacca dioica*, *Citharexylum myrianthum*, *Cedrela fissilis*). These results emphasize that species that invest more to maintain the size of the crown do not grow continuously, leading to a lower increase rate along the first years after planting. In forest restoration, canopy closure is a key process, because it may change the microclimate by adding shade, which should decrease the cover of competing grasses and improve the natural regeneration (Martínez-Garza *et al.* 2013). Thus, both species with high crown growth rate and species with large crowns are essential to improve this process, but there does not seem to be a positive relation between these two parameters among the young individuals of the studied tree species.

The SLA is one of the traits that are commonly used to predict the performance of plants (Poorter *et al.* 2008; Asanok *et al.* 2013), but in our study it did not present any strong significant correlation with the growth rate parameters. Some weak relationships could be seen in the overall correlation matrix and under the multivariate approach (Fig. 5), where species with higher SLA and LNC were somewhat related to a higher intraspecific variation in the growth rates. This may be attributed to local variability in terms of soil nutrients and neighbor conditions (low differences in terms of light, humidity and competition), thus restricting the overall performance of fast-growth plants that usually demand high concentrations of resources. On the other hand, more conservative species (with high LDMC and WD) generally require less nutrients and can survive in such environment conditions. We additionally saw that the species standard deviation in height growth rate (i.e. young trees of one species are growing more heterogeneous in terms of height) was negatively related to LA, which may indicate that species with low LA are more sensitive to the surrounding conditions. As noticed by Campoe *et al.* (2014b), local conditions may have a significant role on plant growth performances, so that we did not find clear patterns of relative growth only considering the functional traits.

It has been shown that species with high LDMC are more likely to survive and grow well under harsh conditions (Martínez-Garza *et al.* 2013). In our study, species with high LDMC also grew more in crown area, however their mortality rate was also high, at least when considering those young trees of species that already had survived the first 12 months after planting. High LDMC can be related to non-pioneer species, since they tend to have longer leaf lifespan, lower SLA, and the nutrient return is slower (Martinéz-Garza et al. 2013). In our case, we suppose that young trees of rainforest trees characterized with high LDMC content were more susceptible to dying due to their inability to overcome the grass ground layer, present in most of studied restoration sites. Some species with these features, high LDMC and high mortality rate (*e.g. Eugenia brasiliensis*, *E. involucrata*, *Cupania vernalis*), were not considered for the growth rates analysis, since they had too few individuals in the last survey. On the other hand, plants with thicker leaves, which also express high dry-matter content, can also be related to nutrient-poor soils and high light conditions (Westoby et al. 2002). So, in this study, surviving individuals of species with high LDMC were able to grow more, at least in terms of their crown.

We still know very little about functional traits and vital rates (growth and mortality) of tree species on ecological restoration conditions, where they often are under very specific environmental and resource conditions, and even on natural forest conditions to better conclude about the potential of predictability of traits on plant growth rates (Paine et al. 2015). On the other hand, this knowledge can bring important insights for restoration ecology theory as well as for ecological restoration practices, improving the success of the projects (Laughlin 2014a). Our study showed that some traits could be related to the growth and mortality rates of planted seedlings, but the way what such relations occurred were still unclear and contrary to some finds of the literature. For the species we studied, no clear relation between plant traits and growth and mortality rates existed. Facing this, we believe that more and broader studies encompassing growth rates and functional traits of species are needed in order to apply the results of theoretical ecology in practical ecological restoration.

Acknowledgments

We thank the companies responsible for the areas for authorizing research in the areas in ecological restoration. This study was supported by Justiça Federal of Santa Catarina state through the research 01/PROJPESQ/2010, by Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina through project FAPESC T.O. 2012/000077, and CNPq (grant to SCM; 307719/2012-0).

References

Ackerly D.D., Knight C.A., Weiss S.B., Barton K. & Starmer K.P. (2002). Leaf size, specific leaf area and microhabitat distribution of chaparral woody plants: contrasting patterns in species level and community level analyses. *Oecologia*, 130, 449-457.

Alvares C.A., Stape J.L., Sentelhas P.C., Gonçalves J.L.d.M. & Sparovek G. (2014). Köppen's climate classification map for Brazil. *Meteorologische Zeitschrift*, 22, 711 - 728.

Andrade B.O., Overbeck G.E., Pilger G.E., Hermann J.-M., Conradi T., Boldrini I.I. & Kollmann J. (2014). Intraspecific trait variation and allocation strategies ofcalcareous grassland species: Results from a restoration experiment. *Basic and Applied Ecology*, 15, 590-598.

Asanok L., Marod D., P D., Pranmongkol U., Kurokawa H., Aiba M., Katabuchi M. & Nakashizuka T. (2013). Relationships between functional traits and the ability of forest tree species to reestablish in secondary forest and enrichment plantations in the uplands of northern Thailand. *Forest ecology and Management*, 296, 9-23.

Bradley M., House A., Robertson M. & Wild C. (2010). Vegetation succession and recovery od ecological values in the southern Queensland Brigalow Belt. *Ecological Management & Restoration*, 11, 113 - 118.

Campoe O.C., Iannelli C., Stape J.L., Cook R.L., Mendes J.C.T. & Vivian R. (2014). Atlantic forest tree species responses to silvicultural practices in a degraded pasture restoration plantation: from leaf physiology to survival and initial growth. *Forest Ecology and Management*, 313, 233 - 242.

Carvalho P.E.R. (2003). *Espécies Arbóreas Brasileiras*. Embrapa, Brasília, Vol. 1, DF.

Carvalho P.E.R. (2006). *Espécies Arbóreas Brasileiras*. Embrapa, Brasilia, Vol. 2, DF.

Carvalho P.E.R. (2008). *Espécies Arbóreas Brasileiras*. Embrapa, Brasília, Vol. 3, DF.

Chave J., Muller-Landau H.C., Baker T.R., Easdale T.A., ter Steege H. & Webb C.O. (2006). Regional and Phylogenetic Variation of Wood Density Across 2456 Neotropical Tree Species. *Ecological Applications*, 16, 2356-2367.

Crawley M.J. (2014). *Statistics: An Introduction Using R*. 2 edn. John Wiley & Sons, Ltd., London, UK.

Díaz S., Hodgson J.G., Thompson K., Cabido M., Cornelissen J.H.C., Jalili A., Montserrat-Martí G., Grime J.P., Zarrinkamar F., Asri Y., Band S.R., Basconcelo S., Castro-Díez P., Funes G., Hamzehee B., Khoshnevi M., Pérez-Harguindeguy N., Pérez-Rontomé M.C., A S.F., Vendramini F., Yazdani S., Abbas-Azimi R., Bogaard A., Boustani S., Charles M., Dehghan M., de Torres-Espuny L., Falczuk V., Guerrero-Campo J., Hynd A., Jones G., Kowsary E., Kazemi-Saeed F., Maestro-Martínez M., Romo-Díez A., Shaw S., Siavash B., Villar-Salvador P. & Zak M.R. (2004). The plant traits that drive ecosystems: evidence from three continents. *Journal of plant Science*, 15, 295-304.

Holl K.D. & Aide T.M. (2011). When and where to actively restore ecosystems? *Forest ecology and Management*, 261, 15558-1563.

Holl K.D., Loik M.E., Lin E.H.V. & Samuels I.A. (2000). Tropical montane forest restoration in Costa Rica: overcoming barriers to dispersal and extablishment. *Restoration Ecology*, 8, 339-349.

Laughlin D.C. (2014a). Applying trait-based models to achieve functional targets for theory-driven ecological restoration. *Ecology Letters*, 17, 771 - 784.

Laughlin D.C. (2014b). The intrinsic dimensionality of plant traits and its relevance to community assembly. *Journal of Ecology*, 102, 186 - 193.

Lorenzi H. (2002). *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. 4 edn. Plantarum, Nova Odessa, SP.

Martínez-Garza C., Bongers F. & Poorter L. (2013). Are functional traits good predictors of species performance in restoration plantings in tropical abandoned pastures? *Forest ecology and Management*, 303, 35-45.

Martínez Ramos M. & Orth X.G. (2007). Sucesión ecológica y restauración de las selvas húmedas. *Boletín de la Sociedad Botánica de México*, 80, 69-84.

Melo A.C.G., Miranda D.L.C. & Durigan G. (2007). Cobertura de copas como indicador de desenvolvimento estrutural de reflorestamentos de restauração de matas ciliares no médio vale do paranapanema, SP, Brasil. *Revista Árvore*, 31, 321-328.

Omeja P.A., Chapman C.A., Obua J., Lwanga J.S., Jacob A.L., Wanyama F. & Mugenyi R. (2011). Intensive tree planting facilitates tropical forest biodiversity and biomass accumulation in Kibale National Park, Uganda. *Forest ecology and Management*, 261, 703 - 709.

Paine C.E.T., Amissah L., Auge H., Baraloto C., Baruffol M., Bourland N., Bruelheide H., Daïnou K., de Gouvenain R.C., Doucet J.-L., Doust S., Fine P.V.A., Fortunel C., Haase J., Holl K.D., Jactel H., Li X., Kitajima K., Koricheva J., Martínez-Garza C., Messier C., Paquette A., Philipson C., Piotto D., Poorter L., Posada J.M., Potvin C., Rainio K., Russo S.E., Ruiz-Jaen M., Scherer-Lorenzen M., Webb C.O., Wright S.J., Zahawi R.A. & Hector A. (2015). Globally, functional traits are weak predictors of juvenile tree growth, and we do not know why. *Journal of Ecology*, 103, 978-989.

Parrotta J.A., Knowles O.H. & Wunderle Jr. J.M. (1997). Development of floristic diversity in 10-year-old restoration forests on a bauxite mined site in Amazonia. *Forest Ecology and Management*, 99, 21-42.

Peña-Domene M.D.L., Martínez-Garza C. & Howe H.F. (2013). Early recruitment dynamics in tropical restoration. *Ecological Applications*, 23, 1124-1134.

Pérez-Harguindeguy N., Díaz S., Garnier E., Lavorel S., Poorter H., Jaureguiberry P., Bret-Harte M.S., Cornwell W.K., Craine J.M., Gurvich D.E., Urcelay C., Veneklaas E.J., Reich P.B., Poorter L., Wright I.J., Ray P., Enrico L., Pausas J.G., de Vos A.C., Buchmann N., Funes G., Quétier F., Hodgson J.G., Thompson K., Morgan H.D., ter Steege H., van der Heijden M.G.A., Sack L., Blonder B., Poschlod P., Vaieretti M.V., Conti G., Staver A.C., Aquino S. & Cornelissen J.H.C. (2013). New handbook for standardised measurement of plant functional traits worldwide. *Australian Journal of Botany*, 61, 167-234.

Poorter L., Wright S.J., Paz H., Ackerly D.D., Condit R., Ibarra-Manríquez G., Harms K.E., Licona J.C., Martínez-Ramos M.M., H C, Muller-Landau H.C., Peña-Claros M., Webb C.O. & WRIGHT I.J. (2008). Are functional traits good predictors of demographic rates? Evidence from five neotropical forests. *Ecological Society of America*, 89, 1908-1920.

Ribeiro M.C., Metzger J.P., Martensen A.C., Ponzoni F.J. & Hirota M.M. (2009). The Brazilian Atlantic Forest: How much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. *Biological Conservation*, 142, 1141-1153.

Rocha-Nicoleite E., Campos M.L., Citadini-Zanette V., Santos R., Martins R. & Soares C.R.F.S. (2013). *Mata Ciliar: implicações técnicas sobre a restauração após mineração de carvão*. SATC, Criciúma.

van Breugel M., Halla J.S., Craven D.J., Gregoire T.G., Park A., Dent D.H., Wishnie M.H., Mariscal E., Deago J., Ibarra D., Cedeño N. & Ashton M.S. (2011). Early growth and survival of 49 tropical tree species across sites differing in soil fertility and rainfall in Panama. *Forest Ecology and Management*, 261, 1580-1589.

Violle C., Navas M.-L., Vile D., Kazakou E., Fortunel C., Hummel I. & Garnier E. (2007). Let the concept of trait be functional! *Oikos*, 116, 882 - 892.

Westoby M., Falster D.S., Moles A.T., Vesk P.A. & Wright I.J. (2002). Plant Ecological Strategies: Some Leading Dimensions of Variation Between Species. *Annual Review of Ecology and Systematics*, 33, 125-159.

Westoby M. & Wright I.J. (2006). Land-plant ecology on the basis of functional traits. *Trends in Ecology and Evolution*, 21, 261-268.

Wright I.J., Ackerly D.D., Bongers F., Harms K.E., Ibarra-Manriquez G., Martinez-Ramos M., Mazer S.J., Muller-Landau H.C., Paz H., Pitman N.C.A., Poorter L., Silman M.R., Vriesendorp C.F., Webb C.O., Westoby M. & Wright S.J. (2007). Relationships Among Ecologically Important Dimensions of Plant Trait Variation in Seven Neotropical Forests. *Annals of Botany*, 99, 1003-1015.

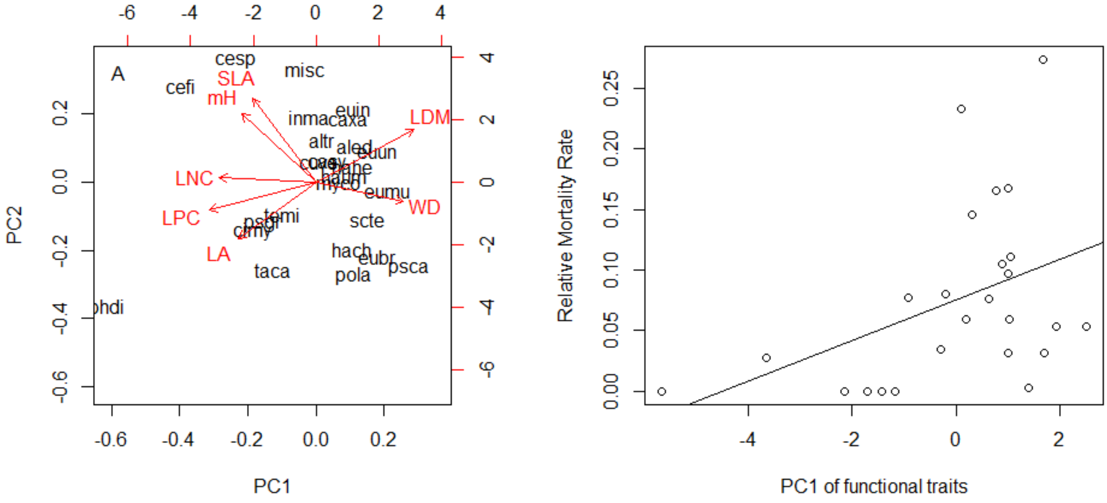
Wright I.J., Reich P.B., Westoby M., Ackerly D.D., Baruch Z. & Bongers F. (2004). The worldwide leaf economics spectrum. *Nature*, 428, 821-827.

Wright S.J., Kitajima K., Kraft N.J.B., Reich P.B., Wright I.J., Bunker D.E., Condit R., Dalling J.W., Davies S.J., Díaz S., Engelbrecht B.M.J., Harms K.E., Hubbell S.P., Marks C.O., Ruiz-Jaen M.C., Salvador C.M. & Zanne A.E. (2010). Functional traits and the growth–mortality trade-off in tropical trees. *Ecology*, 91, 3664-3674.

Appendix 1. List of species considered for the study with their species code and the number of measured individuals to access the functional traits (N): leaf area (LA); specific leaf area (SLA); leaf dry-matter content (LDMC); leaf nitrogen concentration (LNC); leaf phosphorous concentration (LPC); maximum height (mH); wood density (WD).

Family	**Species**	**Species Code**	**N**	**LA**	**SLA**	**LDMC**	**LNC**	**LPC**	**mH**	**WD**
Euphorbiaceae	*Alchornea triplinervia* (Spreng.) Müll. Arg.	altr	7	26.50	8.04	430.56	1.82	0.13	28.00	0.47
Sapindaceae	*Allophylus edulis* (A. St.-Hil., A. Juss. & Cambess.) Hieron. ex Niederl.	aled	5	7.35	14.79	397.67	1.39	0.13	19.00	0.65
Myrtaceae	*Campomanesia xanthocarpa* Mart. ex O. Berg	caxa	9	21.87	12.82	413.25	1.29	0.13	28.00	0.86
Salicaceae	*Casearia sylvestris* Sw.	casy	8	14.97	12.07	376.05	2.28	0.13	22.00	0.71
Meliaceae	*Cedrela fissilis* Vell.	cefi	7	34.51	23.58	313.92	3.02	0.30	30.00	0.49
Malvaceae	*Ceiba speciosa* (A. St.-Hil.) Ravenna	cesp	1	23.18	22.77	293.37	2.00	0.16	30.00	0.39
Verbenaceae	*Citharexylum myrianthum* Cham.	cimy	8	49.14	12.25	320.48	2.00	0.27	24.00	0.60
Sapindaceae	*Cupania vernalis* Cambess.	cuve	8	21.14	10.79	400.74	1.72	0.19	25.00	0.66
Myrtaceae	*Eugenia brasiliensis* Lam.	eubr	5	59.07	8.71	411.05	1.10	0.07	16.00	0.71
Myrtaceae	*Eugenia involucrata* DC.	euin	3	19.60	21.06	427.09	1.80	0.10	17.00	0.76
Myrtaceae	*Eugenia multicostata* D. Legrand	eumu	4	31.90	9.33	430.23	1.42	0.08	21.00	0.92
Myrtaceae	*Eugenia uniflora* L.	euun	8	6.50	14.04	413.78	1.60	0.10	18.00	0.83
Bignoniaceae	*Handroanthus chrysotrichus* (Mart. ex A. DC.) Mattos	hach	6	13.33	9.38	370.24	2.50	0.18	16.00	1.05
Bignoniaceae	*Handroanthus heptaphyllus* (Vell.) Mattos	hahe	6	17.25	12.83	436.77	2.40	0.16	20.00	0.98
Bignoniaceae	*Handroanthus umbellatus* (Sond.) Mattos	haum	2	7.29	8.80	430.00	2.50	0.15	20.00	0.67
Fabaceae	*Inga marginata* Willd.	inma	7	15.43	11.93	427.48	2.62	0.15	26.00	0.58
Fabaceae	*Mimosa scabrella* Benth.	misc	3	0.38	15.92	434.49	3.00	0.14	25.00	0.56
Primulaceae	*Myrsine coriacea* (Sw.) R. Br. ex Roem. & Schult.	myco	6	8.90	11.60	346.85	1.82	0.11	19.00	0.59
Apocynaceae	*Peschiera catharinensis* (A. DC.) Miers	taca	7	13.94	10.61	268.82	2.60	0.24	16.00	0.55
Phytolaccaceae	*Phytolacca dioica* L.	phdi	5	111.04	15.28	186.68	4.00	0.32	26.00	0.44
Rubiaceae	*Posoqueria latifolia* (Rudge) Schult.	pola	7	24.53	4.64	341.63	1.48	0.12	17.00	0.57
Malvaceae	*Pseudobombax grandiflorum* (Cav.) A. Robyns	psgr	5	63.49	9.34	368.23	1.97	0.21	25.00	0.39
Myrtaceae	*Psidium cattleyanum* Sabine	psca	8	19.07	5.21	375.73	1.01	0.12	18.00	1.12
Anacardiaceae	*Schinus terebinthifolius* Raddi	scte	5	5.71	9.54	402.11	1.60	0.18	16.00	0.80
Cannabaceae	*Trema micrantha* (L.) Blume	temi	9	14.35	10.70	344.17	2.25	0.23	18.50	0.35

Appendix 2. Ordination diagram (PCA) of 25 species described by their functional traits (A) and the significant linear model (B) between the relative mortality rate and the first ordination axis of the PCA (r^2=0.13; p=0.03; F=4.89; DF=23).



CAPÍTULO 2

SEED RAIN AND PLANT ESTABLISHMENT PATTERNS IN FOREST RESTORATION ON COAL MINING DEGRADED AREAS

Seed rain and plant establishment patterns in forest restoration on coal mining degraded areas

Edilane Rocha-Nicoleite[1,2]; Gerhard Ernst Overbeck[3]; Sandra Cristina Müller[1]

1 – Graduate Program in Ecology, Department of Ecology, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Av. Bento Gonçalves 9500, 91540-000, Porto Alegre, RS, Brazil;

2 – Clean Coal Research Centre, Associação Beneficente da Indústria Carbonífera de Santa Catarina, Rua Pascoal Meller 73, 88805-380, Criciúma, SC, Brazil (e-mail: edilane.rocha@satc.edu.br);

3 – Department of Botany, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Av. Bento Gonçalves, 9500, 91540-000, Porto Alegre, Brazil.

Abstract

Seed arrival and plant establishment are two fundamental processes for the ongoing forest restoration of degraded areas. The use of perches to attract seed dispersers has been used to improve seed rain, although there is no consensus about the recruitment effectiveness near the perches. In a high-degraded region by coal mining, in southern Brazil, we aimed at evaluating species richness and abundance of the seed rain and seedling recruitment through of sampling with or without perches, considering also seed traits, co-variation in composition patterns and relations with the herbaceous layer. Seed rain was evaluated every two weeks for one year and we sampled the recruitment of woody species, and the percentage cover of the herbaceous layer (native grasses, exotic grasses and forbs) in 26 plots. We compared the differences in seed rain traits between seed traps with and without perches by paired t-test, and the relation between seed rain and seedling recruitment by co-inertia analysis. We also performed linear regressions between the proportion of plant recruitment and the abundance of seed rain of grasses and non-grass species, and between the percentage of cover of grasses and forbs. The presence of perches enhanced the seed rain, especially of non-grass species. The proportion of seeds of zoochorous and non-pioneer species was higher as well, which highlight the importance of perches to overcome the barrier of dispersal. However, the effectiveness of recruitment of woody species was not directly related to the seed rain. This recruitment was positively related to the cover of forbs. So, even increasing the abundance of desired seed, perches alone did not enhance the establishment of woody plants, which in turn seems to be related to local ecological conditions, as the proportional cover of forbs and exotic grasses.

Key-words: seed traps; recruitment; woody species; ecological restoration.

Introduction

Arrival and establishment of native species are important processes in the recovery of degraded plant communities and ensure the self-sustainability of restored areas (Chazdon 2008). Multiple biotic and abiotic filters influence the specific composition of the community that emerges from restoration, in terms of species and functional traits (Zhan-Huan *et al.* 2013; Barnes & Chapman 2014; von Gillhaussen *et al.* 2014). Areas under restoration might follow different trajectories of succession and even achieve different stable states according to local environmental conditions or priority effects (von Gillhaussen *et al.* 2014). For tropical forest restoration, barriers that limit secondary succession in degraded sites (Holl 1999; Florentine & Westbrooke 2004) are mostly related to the low availability of seeds, usually in consequence of the lack of seed bank and of dispersers (Chazdon 2003; Baur 2014) and to the distance to propagule sources (Pereira *et al.* 2013).

The high abundance of exotic species in degraded areas, especially of invasive grasses that compete with native species, can constitute a particularly strong barrier to the establishment of native species (Martinez-Ramos & Soto-Castro 1993; Ortega-Piecka *et al.* 2011), sometimes exacerbated by the presence of allelopathic substances (Zimmerman *et al.* 2000). Timing of seedling emergence may also play a critical role for the development of the community under restoration. Often, areas under restoration suffer high propagule pressure from exotic species that dominate in the extant communities (Wainwright *et al.* 2012). Thus, knowledge about the processes underlying the arrival and establishment of new species, whether desired (native species) or not (invasive species), is essential to predict and manage changes in the restoration process and to define realistic restoration goals (D'Antonio 1993; Wainwright *et al.* 2012; Byun *et al.* 2013).

Perches have been widely used to attract seed dispersers (Heelemann et al., 2012; Cavallero et al 2013; Graham & Page 2012) and to aid in the establishment of nuclei where the development of the community occurs more rapidly (Yarranton & Morrison 1974). The use of perches works well to attract dispersers in fragmented landscapes, as it provide a place to frugivorous birds rest on and defecate bringing propagules to into deforested zones (Graham & Page 2012). Nonetheless, no consensus about the effectiveness regarding number of recruits below or around the perches exists (Graham & Page 2012; Heelemann *et al.* 2012; Cavallero *et al.* 2013), making further studies necessary in order to establish general rules.

In this study, we evaluate species composition, richness and density of the seed rain and of seedling recruitment in areas degraded by coal mining in the first phase of a restoration process, which has the overall goal of restoring a similar original riparian forest. We evaluated the recruitment patterns and the seeds of traps associated or not to perches and tested the following hypothesis: (1) Seed traps below perches should present higher richness and abundance of seeds, especially seeds of non-grass and zoochoric species with great seed sizes. (2) There should be a tight relationship between seed rain and natural seedling recruitment, concerning species composition, abundance and traits of seeds sampled in traps. (3) Higher seed rain of woody species should be related to higher recruitment of woody species, but (4) only in areas where the cover of exotic grasses does not delay or impede seedling recruitment.

Materials and methods

Study sites

Research was conducted at three sites (from lat 28ºS 26’28’’, long 49ºW 23’42’’ to lat 28ºS 25’51’’, long 49ºW 25’27’’) in southern Santa Catarina state that are currently under ecological restoration. Originally, the region was completely covered by Atlantic rain forest *sensu stricto* (Ribeiro *et al.* 2009), a global biodiversity hotspot (Myers *et al.* 2000). All sites were coal mined (surface mining with deposition of spoils over the areas) between 1950 and 1989, and restoration interventions were carried out between 2009 and 2010. The restoration project was established in riparian zones and the principal goal was the reestablishment of a forest structure similar to the pre-mining riparian forest communities.

Restoration techniques followed the procedures commonly applied in the region: the first step to restore these areas was the removal of spoils to stop ongoing contamination. After this, a new substrate was formed, composed of clay or sand (depth ca. 2 m), in order to provide support for vegetation and to construct the topography. On the top of this new soil, a thin layer of organic matter (usually a layer of approximately 2 cm of peat and broiler litter) was added. Then, in order to rapidly establish a vegetation cover on the soil (which is required by law), all sites were sown with exotic grasses, followed by planting or seeding of native trees. In the studied sites the following exotic grasses were introduced: *Urochloa brizantha* (Hochst. ex A. Rich.) R.D. Webster (18 kg/ha) in one of the areas, *Avena sativa* L. and *Lolium multiflorum* Lam. (30 kg/ha) in the other two. Following this, 30 native tree species were planted with a density of 2500 individuals/ha.

Few natural forest remnants exist in the vicinity of the restoration site, i.e. few sources of propagules for the sites under restoration exist. Proportion of forest inside a buffer zone of 500 m varied from 6 to 30% among the three sites, and inside the buffer of 1000 m it varied from 11 to 45%. These distances did not have apparent influences on the seed rain patterns.

Sampling design and data collection

To assess the recruitment pattern of woody species, we established 26 plots of 10 × 30 m (six in one area and 10 in the other two). Within each of these plots, we established three subplots of 5 × 5 m to sample the woody regeneration component and to estimate the percentage cover of the herbaceous layer (native grasses, exotic grasses and forbs). Close to each plot (ca. 6 m) we placed a pair of seed traps, one with and another without perch (height: 8 m). The seed traps consisted of a wooden frame of 1 m^2 with a cloth of mesh-size 1 mm^2, fixed at 1 m above the ground.

Seed trap content was collected every two weeks for one year (May/2011 to April/2012) and samples were dried and sorted out into morpho-species counted and identified. Seeds were identified to the species level when possible by comparing them to seeds collected from individuals that were fructifying during the experiment, or by consulting local botanists and specimens deposited at the Laboratory of Plant-Animal Interaction at the Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

Natural regeneration of woody species, defined as all individuals with height ≥ 50 cm and dbh ≤ 5 cm, was evaluated in January 2014 in the subplots. All plants were identified to the species level in the field or by help of the literature/or and consultation to herbaria and specialists. Classification into families follows APG III (2009) and the species nomenclature follows MOBOT (2010).

Additionally, we collected traits information for the species present in the seed rain and in the regeneration layer. For all fully identified species (or genus with consistent trait stages) we considered the following traits: successional category (pioneer or non-pioneer), dispersal mode (zoocoric, anemocoric and authocoric) and original distribution range (native or exotic). For seeds sampled in the traps, including identified species and morpho-species, we measured seed size (width and length) and noted the colour (black, white and brown).

Data analysis

We aimed at (1) testing the effects of the perches in the seed rain concerning differences according to the traits of the seeds, (2) evaluating linear relationship between the abundance of seed rain per category of seeds (grass or woody species) and the proportion of woody plants recruitment, and (3) analyzing the relationships between the composition of seed rain and of plant recruitment throughout all sampling areas, i.e. at the community level.

The seed rain data was organized in two matrices. Matrix $\mathbf{B}_S$ contained the seed rain species described by traits, and matrix $\mathbf{W}_S$ the plots (with or without perches, 26 plots per group) described by the abundance of seed rain species. The seedling recruitment data was also organized in a similar way: $\mathbf{B}_R$ was the matrix of recruiting species by traits and $\mathbf{W}_R$ a matrix of plots described by the abundance of recruiting species. For this species set, data from subplots were pooled to the plot level. We also calculated community-weighted mean of traits (CWM) for the seed rain data, through matrix multiplication (CWM$=\mathbf{W}_S\mathbf{B}_S'$) (Garnier et al., 2004).

Total abundance and richness of seeds in seed traps were compared between sampling units with and without perches by paired t-test based on log-transformed data. This analysis was also done considering only non-grass species. To analyze the effect of perches on expression of functional traits, we further performed a paired t-test comparing sampling units with or without perches concerning the CWM of traits per unit.

To evaluate the relation between the patterns of sampling units described by either the seed rain or seedling recruitment, we conducted a co-inertia analysis using the log-transformed matrices $\mathbf{W}_S$ and $\mathbf{W}_R$. For this, the sampling units of $\mathbf{W}_S$ were separated according to the information of units with or without perches and two analyses were run. The co-inertia axes were calculated maximizing the covariance of the factorial scores generated in the separate ordinations of the two input tables, carrying out at PCA for each matrix (Dray et al 2003). The co-inertia method illustrates de co-structure between both matrices for every sample unit showing pairs that belonging to the same locality that are linked by an arrow. A Monte-Carlo permutation test was used to check the significance of the correlation between the two data sets. The correlation between the two matrices is given by RV-coefficient, which varies between 0 and 1: the closer the coefficient to 1, the stronger the correlation between the tables (Thioulouse *et al.* 1997).

Finally, we performed linear regressions to see the relations between the proportion of plant recruitment and the abundance of seed rain of grasses or woody species, and also considering the percentage of cover of grasses and forbs.

All statistical analyses were carried out on the R platform (R Development Core Team 2009), using package FD (Laliberté & Legendre 2010) for calculation of the CWM matrix and package ADE4 (Thioulouse *et al.* 1997) for CoIA analysis.

Results

Seed rain patterns in traps with and without perches

We registered 32.828 seed m^2 $year^{-1}$. Of these, 61.9% were from grasses and 38.1% from other families (non-grass), including forbs, shrubs and tree species (Table 1). Fifty-one morpho-species were sampled, of which 10 species could not be identified at all (the other 41 species were identified at least until family level, see appendix 1). Annual distribution of the seeds abundance and richness did not present much variation, yet we could see a decrease between August and October and a concentration of arriving seeds during the summer (Appendix 2).

Table 1. Overview of the seed rain, in seed traps with and without perches, considering percentage of grasses and non-grasses in terms of seedling number, number of seeds per $m^2.year^{-1}$ and species richness of the seed rain.

Seed traps	Seed abundance ($m^2.year^{-1}$)		Richness of seed rain	
	Grass	Non-grass	Grass	Non-grass
All	20312 (61.9%)	12526 (38.1%)	12	39
With perches	8845 (44.6%)	10980 (55.4%)	11	38
Without perches	11467 (88.1%)	1546 (11.9%)	12	20

The presence of perches increased significantly both the number of species and the total abundance of seeds, either considering all seeds or only non-grass seeds (Fig. 1). Seed traps with and without perches also differed regarding CWM traits of seeds (Fig. 2). Under perches, most of the seeds collected were dispersed by animals (zoochoric) and the predominant color of the seeds was black, while in seed traps without perches, the proportion of seeds from pioneer species and with white color were higher (Fig. 2). The size of seeds also presented differences, although the difference for length was not significant (p=0.06). However the relation between the length and diameter (length:diameter), which is an indicative of seed form (values around 1 indicate round seeds), was significantly higher in seed traps without perches (Fig. 3).

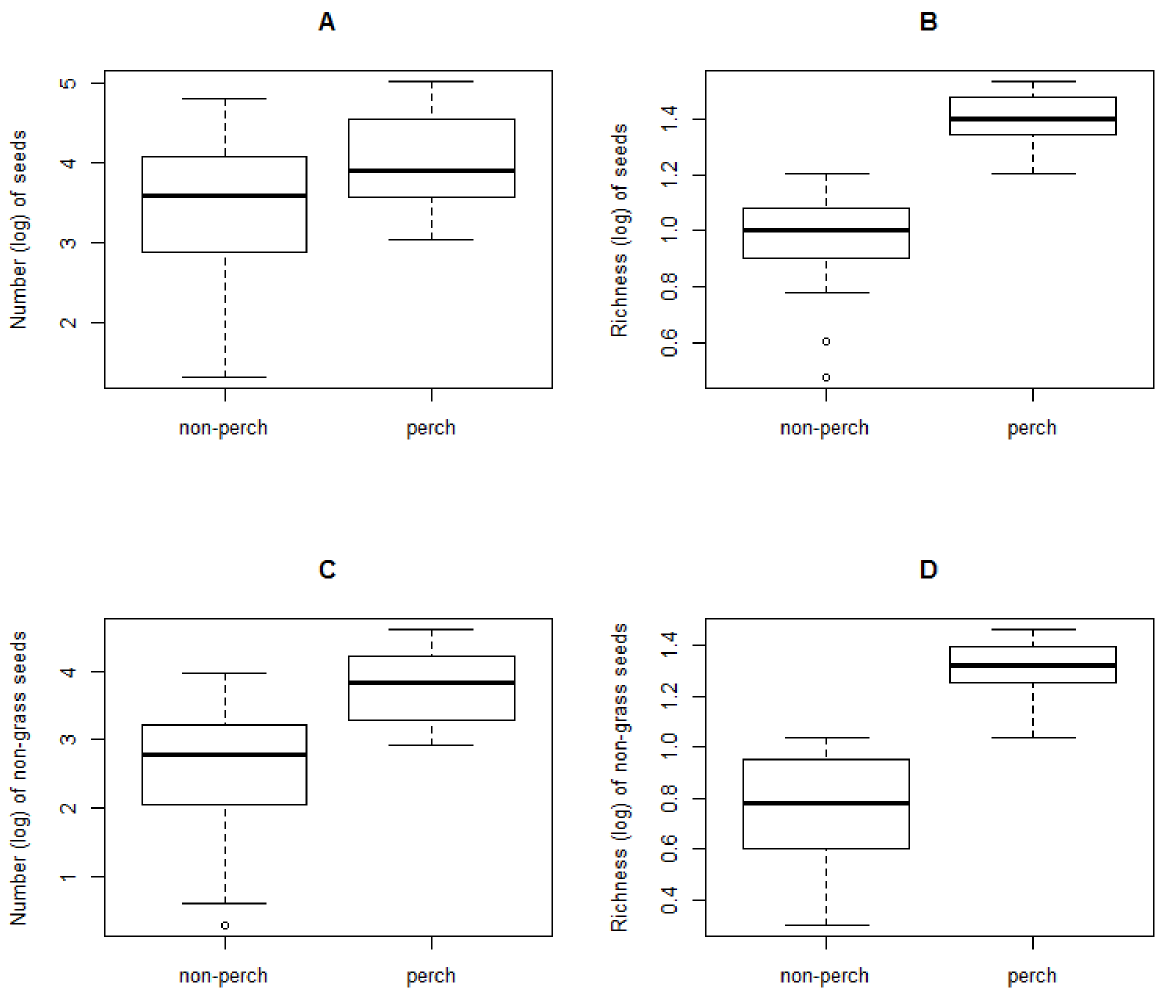


Figure 1. Number and species richness of seeds (log-transformed) collected in seed traps with and without perches, considering all seed species (A and B) and only non-grass species (C and D). The box indicating the variability inside the lower and the upper quartiles and the vertical line (whiskers) indicate variability outside the upper and lower quartiles; the individual points indicate the outliers. Mean values of groups differed significantly ($p<0.005$) for all four variables.

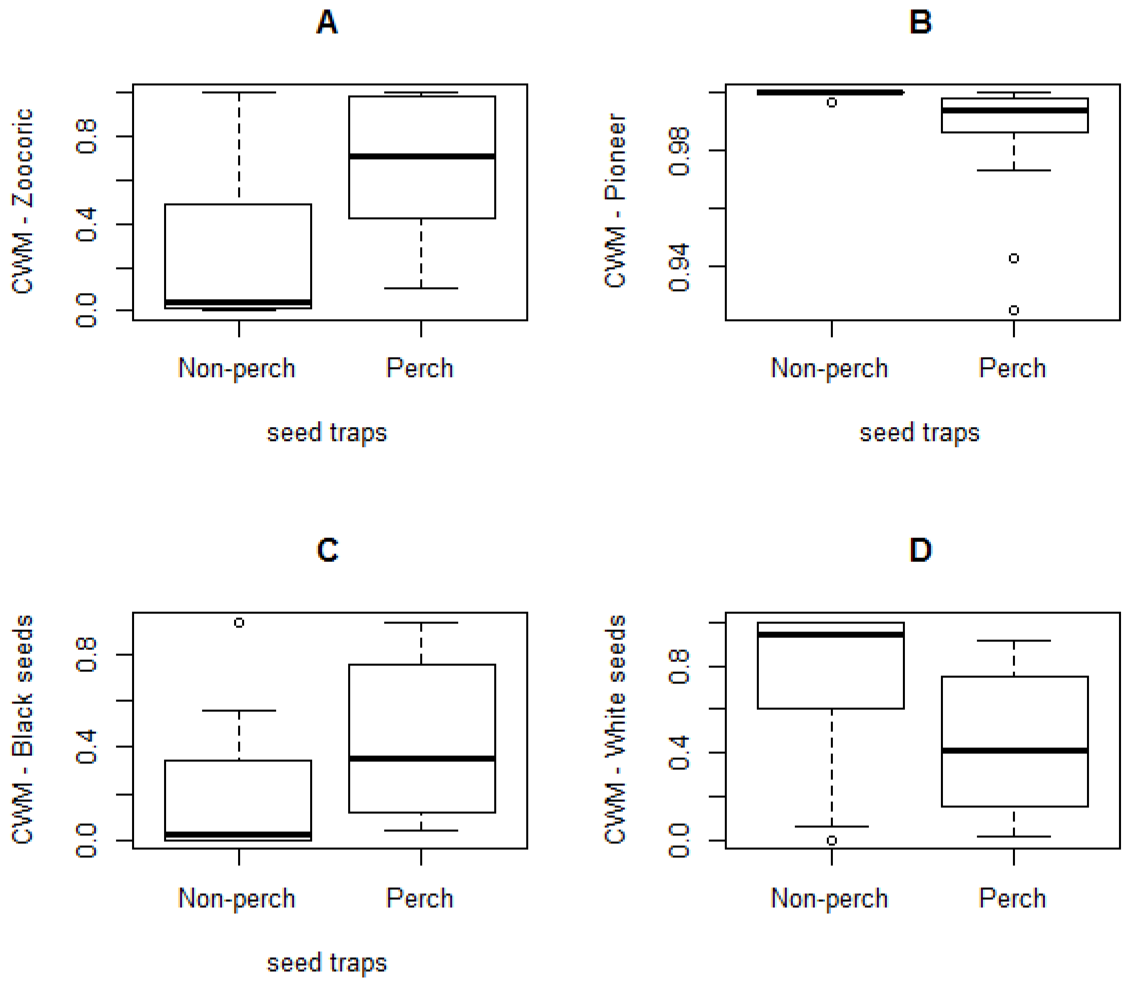


Figure 2. Value of community weighted mean of traits (CWM) of sampled seeds, comparing seed traps with and without perches (% of zoocoric species, A), successional group (% of pioneer species, B), and seed color (% of black seeds, C; % of white seeds, D). The box indicating the variability inside the lower and the upper quartiles and the vertical line (whiskers) indicate variability outside the upper and lower quartiles; the individual points indicate the outliers. Mean values of groups differed significantly ($p<0.05$) for all variables.

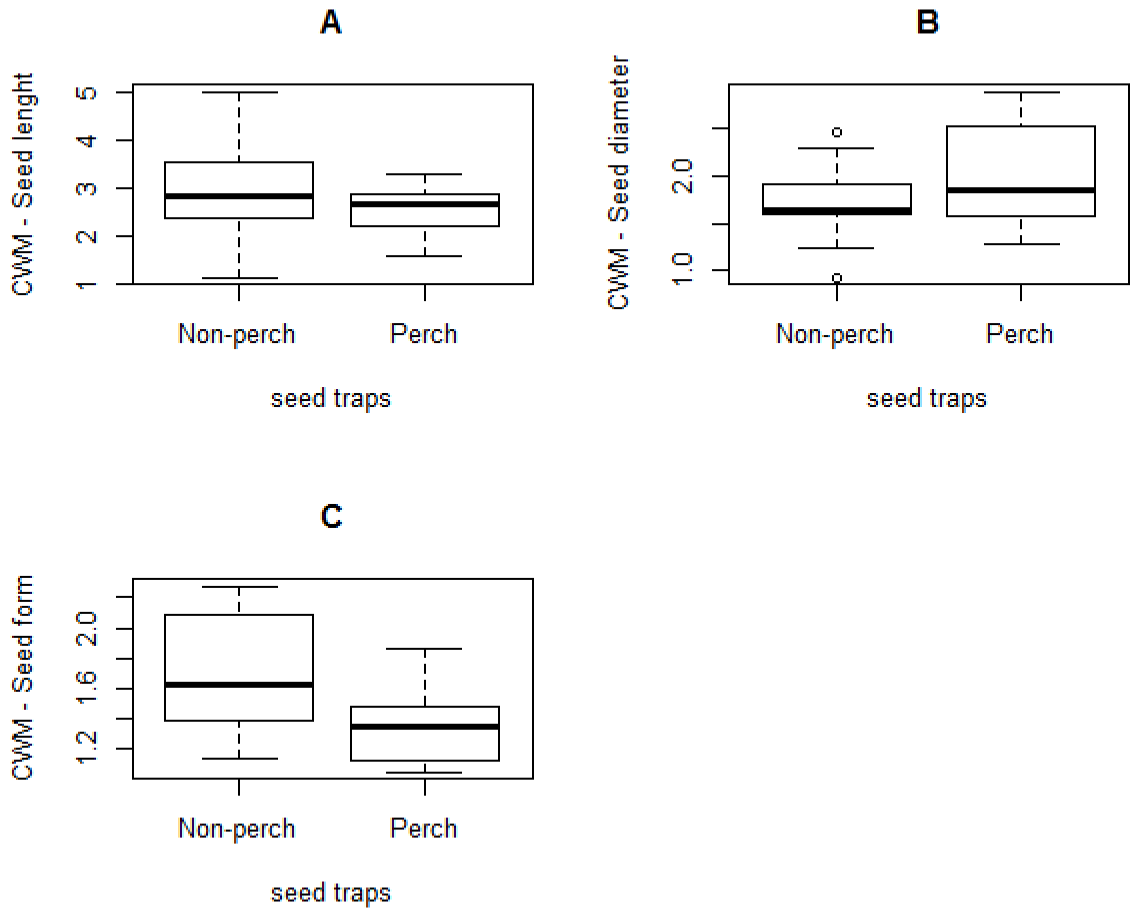


Figure 3. Value of community weighted mean traits (CWM) of sampled seeds, comparing seed traps with and without perches A; seed length (mm), B: seed diameter (mm) and C: seed form (relation between length and diameter). The box indicating the variability inside the lower and the upper quartiles and the vertical line (whiskers) indicate variability outside the upper and lower quartiles; the individual points indicate the outliers. Mean values of plots A and B presented a weak relation ($p<0.06$) and the mean values of plot C differed significantly ($p<0,001$).

Relationships between seed rain and plant recruitment

Co-inertia analyses of the seed rain and recruit species showed significant co-variation between both datasets as when considerate only seed traps with perches (RV= 0.45; p= 0.02). The first axis explained 18.9% and the second axis 5.1% of the co-variation (Fig. 4). The first axis of the co-inertia represents a gradient from plots with higher establishment of woody species (e.g. *Kaunia rufescens*, *Baccharis semiserrata*, *Piptocarpha tomentosa* and *Solanum pseudoquina*), at the right, to plots where density of wood species was markedly lower, at the left. The pattern of seed rain followed that of established woody plants, that is, on the right side, species that were absent in the plots of the left side could be found. The seed traps without perches, did not presented significate co-variation (Appendix 4).

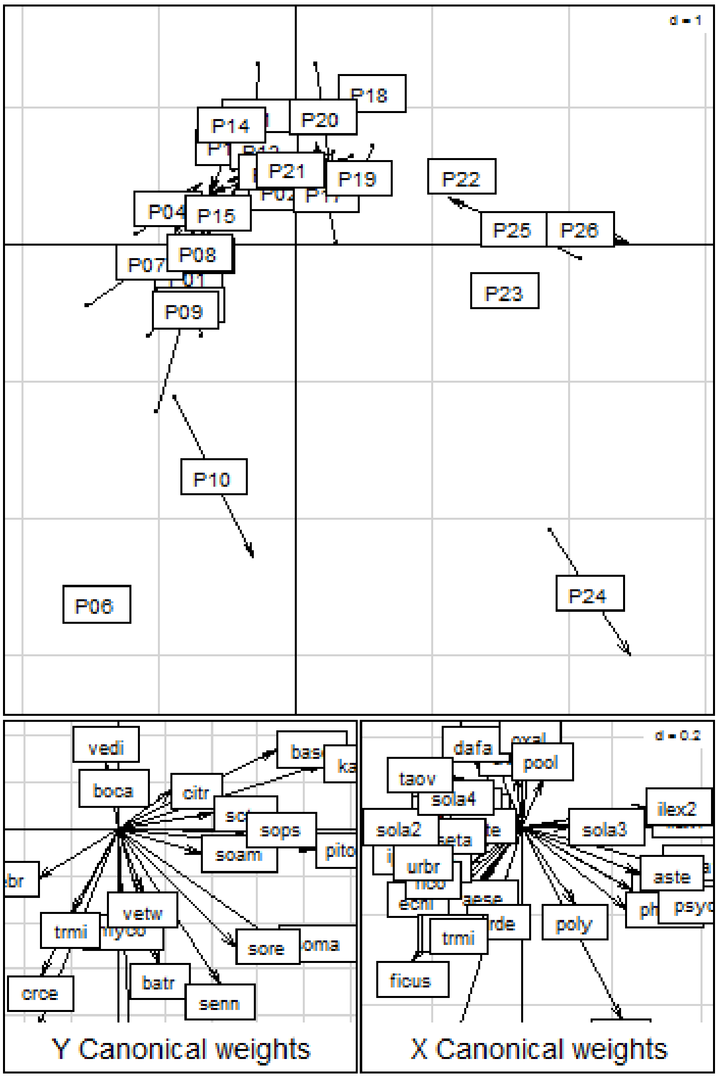


Figure 4. Relationship between patterns of seed rain and plant recruitment at the restoration sites for seed traps with perches. The co-inertia analysis shows the ordination of plots (distinguished by plot number) described by seed rain and woody plant recruitment based on abundances. Shorter arrows indicate better adjustment of patterns in both sets of data (seed rain species and recruits of woody species). The PCAs of both data sets are shown separately at the bottom (recruitment patterns at the left; seed rain patterns at the right; the species codes are in the species list: Appendix 1 for seed rain, Appendix 3 for recruits).

The seed rain of native woody species did not improve the abundance in recruitment of plants. In contrast to our expectations, a weak negative linear relation was found (Fig. 5a, R^2=0.10; F=3.95; p=0.05). No relationship existed between recruitment of woody species with the cover of exotic grasses in the plots (Fig. 5b). On the other hand, we found that the cover of forbs linearly increased the number of native woody plants recruitment and these recruits tended to be taller (Fig. 5c and 5d, R^2=0.37; F=16.31; p<0.001 and R^2=0.24; F=8.98; p=0.006, respectively).

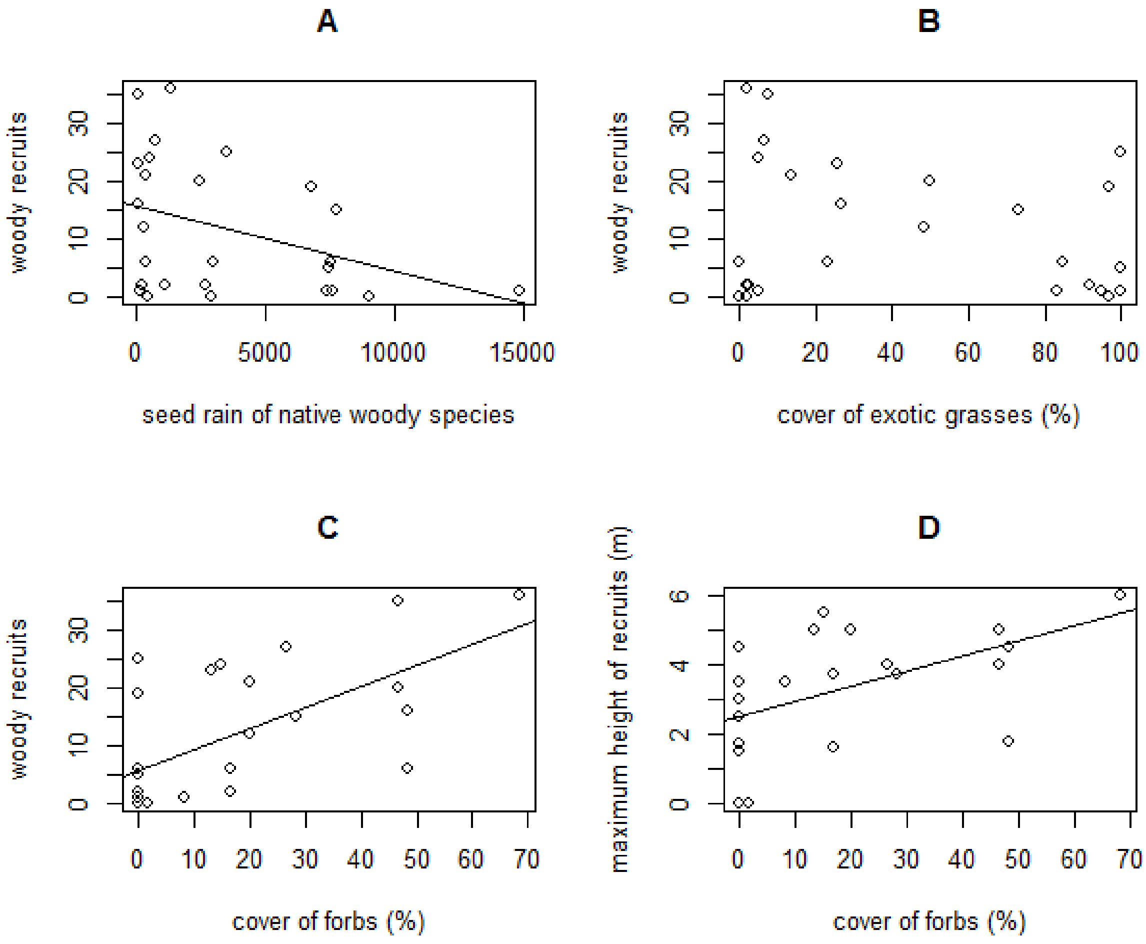


Figure 5. Linear regressions of woody species recruitment (number and height) and the patterns of woody species seed rain (A), exotic grasses cover (B), and forbs cover (C and D) in the plots.

Discussion

Both dispersal and recruitment of seeds are fundamental for plant community establishment on areas under ecological restoration (Howe *et al.* 2010). In our study, the presence of perches resulted in higher abundance and richness of seeds of zoochorous and non-pioneer species compared to the control seed traps without perches, where the presence of non-grasses was lower. However, places with higher seed rain of non-grass species were not characterized by higher recruitment of woody species. We had expected a negative influence of high cover by exotic grasses on woody plant recruitment (Batten *et al.* 2005b; von Gillhaussen *et al.* 2014). However, contrarily to our expectation, the recruitment of woody species was independent on the cover of exotic grasses. On the other hand, recruitment had a slight increase in plots with high cover of forbs, which were established naturally through propagules present in the thin layer of organic matter placed over the new soil and/or from the seed rain. In the following, we discuss potential mechanisms underlying the patterns of initial restoration processes on high-degraded areas of tropical forest.

The increase in seed rain due to the presence of perches has been shown in many studies (Graham & Page 2012; Heelemann *et al.* 2012; Cavallero *et al.* 2013), and this is true especially for seeds dispersed by animals and non-pioneer species, as seen in our study. This indicates that some seeds were brought from surrounding forest areas by birds attracted by the perches (Cole *et al.* 2010; Cavallero *et al.* 2013). Dispersal limitation is predominant in degraded and fragmented landscapes, in consequence of the scarcity of animals, since tropical forest trees are mainly animal-dispersed and degraded places do not present much refuge and food for animals (Martinez-Ramos & Soto-Castro 1993; Hubbell *et al.* 1999). Our results indicate that seeds arrive, but still in rather small numbers. If we compare the proportion of non-grass species with grasses (38% *vs.* 62%) and consider that within these non-grasses only a small portion are of zoochorous non-pioneer species, we might conclude that many of desired species are limited by dispersal and the majority of seeds sampled apparently were dispersed from within the degraded zones (high number of grasses and potential weed species). Even that, the presence of perches greatly enhanced the arriving of non-grass species (with perches 55% *vs.* 12% without) and within this group a higher proportion of seeds could be identified as zoochorous non-pioneer species (Fig. 2), which highlight the importance to overcome the barrier of dispersal.

Seed traits differed between seed traps with and without perches, which that the presence of perches, besides increase the number and richness of seeds, also helped to attract a set of seeds with distinct traits, benefiting biodiversity and meeting the goals of ecological restoration (Holl 1999; Halme *et al.* 2013). The use of perches often increases the number of zoochoric and non-pioneer species (Cole *et al.* 2010; Cavallero *et al.* 2013), although the relation with other seed traits and the use of perches are not clear yet, such as with seed color, as found by us (Barnes & Chapman 2014). Even though the length and diameter of seeds did not presented great differences, the seed form (relation between length:diameter) did. Seeds of rounded form were more abundant in traps with perches; while more elongated seeds were in traps without. Grass and Asteraceae species commonly present elongated seeds and, especially for Asteraceae, they are known as typically anemocoric species (van der Pijl 1972). On the other hand, rounded seeds are frequently associated to fleshy fruits dispersed by animals (Howe & Westley 1997), which might justify its higher proportion in traps under perches.

Seedling recruitment and seed rain of traps under perches were related concerning patterns of species composition distribution and abundance (Fig. 3), which does not necessarily mean that the same species have been found in the two sets of data (regeneration and seed rain). This is a convergent pattern, expressed through co-inertia analysis (RV = 0.45), showing that plots with distinct composition of seed rain also are distinct regarding composition of recruits.

The ordination diagram is showing that many plots with a large variety of seed rain composition have almost any regenerating species (top left plots), while some of the two other set of plots (top right and bottom left) have already some woody species in the regeneration strata (e.g. *Senecio brasiliensis, Trema micrantha, Myrsine coriacea, Piptocharpa tomentosa, Solanum pseudoquina*) and they were also distinguished by their seed rain composition (*e.g. Ilex* sp., *Psychotria* sp., *Solanum* sp., *Ficus* sp., *Smilax* sp., *Paspalum* sp., *Trema micrantha*, *Urochloa brizantha*). Interestingly was that for seed rain without perches, co-inertia analysis was not significant. The correspondence between the seeds arriving under the perches (probably through birds) and the regeneration patterns of woody species, clearly show the presence of dispersal limitation in natural regenerating, even considering that the effective number of recruits was small.

The convergent pattern observed in the co-inertia analysis led us to expect that plots with a higher proportion of woody species in the seed rain would also present a higher proportion of recruitments, but this was not true. Abundance of seed rain and recruitment of woody species were even negatively related to each other (Fig. 4a). We interpret this as an indicative that local establishment filters are stronger than the dispersal limitation filter. High dispersion in the data could be seem, potentially related to local environmental conditions, such as temperature, soil chemistry, humidity, and the competition pressure by exotic grasses, which limit even species planted as seedlings (Peña-Domene *et al.* 2013).

The presence of different filters acting first on seed arrival probability and then on the establishment of plants in our total set of study plots, related both to landscape and site features, is certainly limiting the development of the plant community and preventing restoration success (D'Antonio 1993; Batten *et al.* 2005; Avio *et al.* 2013). The recruitment of woody species is often negatively influenced by cover of exotic grasses (Batten *et al.* 2005; Ortega-Piecka *et al.* 2011; von Gillhaussen *et al.* 2014), but this was not significant in our study. Nevertheless, more woody plants established in places with higher coverage of forbs. As the cover of forbs and grasses was indirectly related in the study areas (Pearson correlation= -0.26), exotic grasses might still limit the recruitment of woody species, even though enhancement of establishment success at sites with more forbs was clearer, which may be related to different site conditions. It has been shown that forbs are less competitive to woody recruits and that, at the same time, they reduce microclimatic extremes (Holl 1999). Our results indicate the importance of priority effects for restoration success (von Gillhaussen *et al.* 2014), which can here be related to the time that different groups of species arrived the sites. If forbs covered the restoration areas, the ongoing restoration trajectory might be very different than if exotic grasses achieved high cover and outcompeted other plant life forms.

In this study we emphasize the importance of two processes, seed rain and seedling recruitment, and their relationships for the ongoing ecological restoration of high-degraded sites. The use of perches effectively enhances the seed rain of desired woody species, and let to establishment of functionally different species. The use of perches thus also increases functional diversity in restoration. Furthermore, the natural establishment of woody species was improved by the cover of forbs. It thus may be beneficial for restoration success to seed forbs instead of grasses (and more so, exotic invasive grasses, as had been used in our case) to establish a first vegetation cover and retain soil erosion, or to prevent the establishment of exotic invasive grasses from surrounding areas.

Acknowledgments

We thank the companies responsible for the areas for authorizing research in the areas in ecological restoration. This study was supported by Justiça Federal of Santa Catarina state through the research 01/PROJPESQ/2010, by Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina through project FAPESC T.O. 2012/000077, and CNPq (grant to SCM; 307719/2012-0).

References

APG III (2009). An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the ordens and families of flowering plants: APG III. *Botanical Journal of the Linnean Society*, 161, 105-121.

Avio L., Castaldini M., Fabiani A., Bedini S., Sbrana C., Turrini A. & Giovannetti M. (2013). Impact of nitrogen fertilization and soil tillage on arbuscular mycorrhizal fungal communities in a Mediterranean agroecosystem. *Soil Biochemistry*, 67, 285-294.

Barnes A.D. & Chapman H.M. (2014). Dispersal traits determine passive restoration trajectory of a Nigerian montane forest. *Acta Oecologica*, 56, 9, 32-40.

Batten K.M., Six J., Scow K.M. & Rillig M.C. (2005). Plant invasion of native grassland on serpentine soils has no major effectsupon selected physical and biological properties. *Soil Biology & Biochemistry*, 37, 2277-2282.

Baur B. (2014). Dispersal-limited species – A challenge for ecological restoration. *Basic and Applied Ecology*, 15, 6, 559-564.

Byun C., de Blois S. & Brisson J. (2013). Plant functional group identity and diversity determine biotic resistance to invasion by an exotic grass. *Journal f Ecology*, 101, 128-139.

Cavallero L., Raffaele E. & Aizen M.A. (2013). Birds as mediators of passive restoration during early post-fire recovery. *Biological Conservation*, 158, 342-350.

Chazdon R.L. (2003). Tropical forest recovery: legacies of human impact and natural disturbances. *Perspectives in Plant Ecology, Evolution and Systematics*, 6, 51-71.

Chazdon R.L. (2008). Beyond Deforestation: Restoring Forests and Ecosystem Services on Degraded Lands. *Science*, 320, 1453-1460.

Cole R.J., Holl K.D. & Zahawi R.A. (2010). Seed rain under tree islands planted to restore degraded lands in a tropical agricultural landscape. *Ecological Applications*, 20, 1255-1269.

D'Antonio C.M. (1993). Mechanisms Controlling Invasion of Coastal Plant Communities by the Alien Succulent Carpobrotus Edulis. *Ecology*, 74, 83-95.

Dray S., Chessel D. & Thioulouse J. (2003). Co-inertia analysis and linking of ecological data tables. *Ecology*, 84, 3078-3089.

Florentine S.K. & Westbrooke M.E. (2004). Restoration on abandoned tropical pasturelands-do we know enough? *Journal for Nature Conservation*, 12, 85-95.

Garnier E., Cortez J., Bille G.S., Navas M., Roumet C., Debussche M., Laurent G., Blanchard A., Aubry D., Bellmann A., Neill C., & Toussaint J. (2004). Plant functional markers capture ecosystem properties during secondary succession. *Ecology*, 85, 2630-2637.

Graham L.L.B. & Page S.E. (2012). Artificial Bird Perches for the Regeneration of Degraded Tropical Peat Swamp Forest: A Restoration Tool with Limited Potential. *Restoration Ecology*, 20, 631-637.

Halme P., Allen K.A., Auninš A., Bradshaw R.H.W., Brumelis G., Cada V., Clear J.L., Eriksson A.-M., Hannon G., Hyvärinen E., Ikauniece S., Iršenaite R., Jonsson B.G., Junninen K., Kareksela S., Komonen A., Kotiaho J.S., Kouki J., Kuuluvainen T., Mazziotta A., Mönkkönen M., Nyholm K., Oldén A., Shorohova E., Strange N., Toivanen T., Vanha-Majamaa I., Wallenius T., Ylisirniö A.-L. & Zin E. (2013). Challenges of ecological restoration: Lessons from forests in northern Europe. *Biological Conservation*, 167, 9.

Heelemann S., Krug C.B., Esler K.J., Reisch C. & Poschlod P. (2012). Pioneers and Perches - Promising Restoration Methods for Degraded Renosterveld Habitats? *Restoration Ecology*, 20, 248-256.

Holl K.D. (1999). Tropical forest recovery and restoration. *Tree*, 14, 378-379.

Howe H.F., Urincho-Pantaleon Y., Peña-Domene M.d.l. & Martínez-Garza C. (2010). Early seed fall and seedling emergence: precursors to tropical restoration. *Oecologia*, 164, 731-740.

Howe H.F. & Westley L.C. (1997). Ecology of Pollination and Seed Dispersal. In: *Plant Ecology* (ed. Crawley MJ). Blackwell Publishing Ltd Oxford, UK, pp. 262-283.

Hubbell S.P., Foster R.B., O'Brien S.T., Harms K.E., Condit R., Wechsler B., Wright S.J. & Loo de Lao S. (1999). Light-Gap Disturbances, Recruitment Limitation, and Tree Diversity in a Neotropical Forest. *Science*, 283, 554-557.

Laliberté E. & Legendre P. (2010). A distance-based framework for measuring functional diversity from multiple traits. *Ecology*, 91, 299-305.

Martinez-Ramos M. & Soto-Castro A. (1993). Seed rain and advanced regeneration in a tropical rain forest. *Vegetatio*, 107/108, 299-318.

MOBOT M.B.G. (2010). W3. In. Tropicos. http://www.tropicos.org/.

Myers N., Mittermeier R.A., Mittermeier C.G., Fonseca G.A.B. & Kent J. (2000). Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature*, 403, 853-859.

Ortega-Piecka A., López-Barrera F., Ramírez-Marcial N. & García-Franco J.G. (2011). Early seedling establishment of two tropical montane cloud forest tree species: The role of native and exotic grasses. *Forest Ecology and Management*, 261, 1336-1343.

Peña-Domene M.D.L., Martínez-Garza C. & Howe H.F. (2013). Early recruitment dynamics in tropical restoration. *Ecological Applications*, 23, 1124-1134.

Pereira L.C.d.S.M., Oliveira C.d.C.C. & Torezan J.M.D. (2013). Woody Species Regeneration in Atlantic Forest Restoration Sites Depends on Surrounding Landscape. *Natureza & Conservação*, 11, 138-144.

R Development Core Team (2009). R: a language and environment for statistical computing. In. R Foundation for Statistical Computing Vienna, Austria.

Ribeiro M.C., Metzger J.P., Martensen A.C., Ponzoni F.J. & Hirota M.M. (2009). The Brazilian Atlantic Forest: How much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. *Biological Conservation*, 142, 1141-1153.

Thioulouse J., Chessel D., Dolédec S. & Olivier J.-M. (1997). ADE-4: a multivariate analysis and graphical display software. *Statistics and Computing*, 7, 75-83.

van der Pijl L. (1972). Principles of Dispersal in Higher Plants. In. Springer Berlin, p. 156.

von Gillhaussen P., Rascher U., Jablonowski N.D., Plückers C., Beierkuhnlein C. & Temperton V.M. (2014a). Priority effects of time of arrival of plant functional groups override sowing interval or density effect: a grassland experiment. *PloS One*, 9, e86906.

Wainwright C.E., Wolkovich E.M. & Cleland E.E. (2012). Seasonal priority effects: implications for invasion and restoration in a semi-arid system. *Journal of Applied Ecology*, 49, 8.

Yarranton G.A. & Morrison R.G. (1974). Spatial dynamics of a primary succession: Nucleation. *Journal of Ecology*, 62, 417-428.

Zhan-Huan S., Shi-Hai Y., Jian-Jun S., Yan-Long W. & Rui-Jun L. (2013). Seed rain and its relationship with above-ground vegetation of degraded Kobresia meadows. *Plant Res*, 126, 63-69.

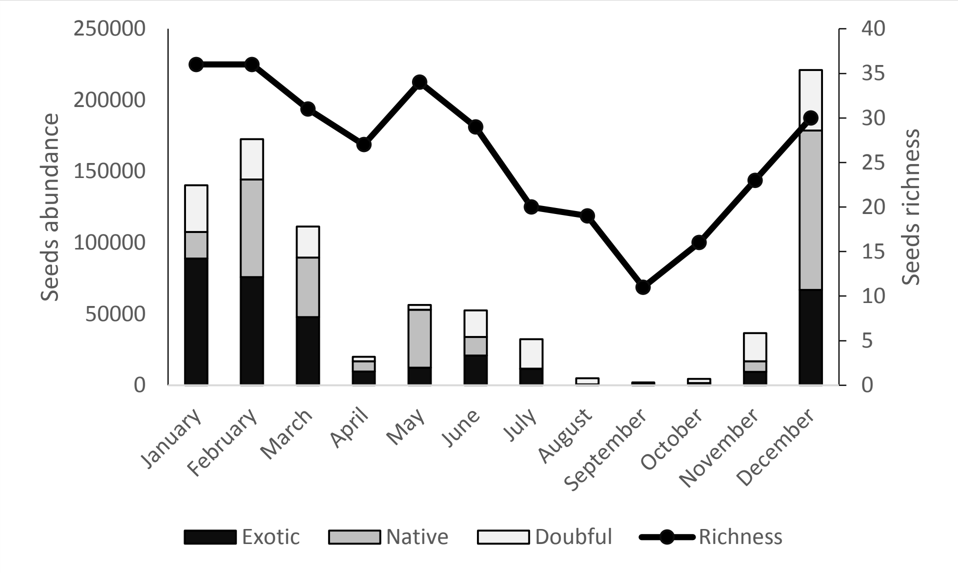
Zimmerman J.K., Pascarella J.B. & Aide T.M. (2000). Barriers to Forest Regeneration in an Abandoned Pasture in Puerto Rico. *Restoration Ecology*, 8, 350-351.

Appendix 1. Species collected on the seed rain sampling recorded in areas process of ecological restoration.

Family	**Species**	**Species code**	**Abundance do seeds (m²/year)**
Anacardiaceae	*Schinus terebinthifolius* Raddi	scte	4.37
Aquifoliaceae	*Ilex* sp. 1	ile1	1.83
Aquifoliaceae	*Ilex* sp. 2	ile2	0.52
Asteraceae	Asteraceae 1	Ast1	344.08
Cannabaceae	*Trema micrantha* (L.) Blume	trmi	25.54
Clethraceae	*Clethra scabra* Loisel.	clsc	341.08
Convolvulaceae	*Ipomea* sp.	ipom	7.50
Erythroxylaceae	*Erythroxylum deciduum* A. St.-Hil.	erde	0.63
Euphorbiaceae	*Alchornea* sp.	alch	2.08
Euphorbiaceae	*Ricinus communis* L.	rico	23.75
Lamiaceae	*Aegiphila sellowiana* Cham.	aese	0.90
Magnaliaceae	*Talauma ovata* A. St.-Hil.	taov	0.38
Melastomataceae	*Miconia cabucu* Hoehne	mica	1.48
Melastomataceae	*Miconia* sp.	mico	1252.67
Moraceae	*Ficus* sp.	ficu	35.54
Oxalidaceae	*Oxalis* sp.	oxal	41.04
Phyllantaceae	*Hyeronima alchorneoides* Allemão	hyal	1.19
Phytolaccaceae	*Phytolacca americana* L.	pham	1529.29
Poaceae	*Avena sativa* L.	avsa	0.46
Poaceae	*Echinochloa* sp.	echi	4920.13
Poaceae	*Paspalum* sp. 1	pas1	11.08
Poaceae	*Paspalum* sp. 2	pas2	78.27
Poaceae	*Paspalum urvillei* Steud.	paur	4213.25
Poaceae	*Setaria* sp.	seta	9.19
Poaceae	Poaceae 1	poa1	21.48
Poaceae	Poaceae 2	poa2	32.38
Poaceae	Poaceae 3	poa3	619.04
Poaceae	Poaceae 4	poa4	110.21
Poaceae	Poaceae 5	poa5	11.58
Poaceae	*Urochloa brizantha* (Hochst. ex A. Rich.) R.D. Webster	urbr	128.88
Polygonaceae	*Polygonum* sp.	poly	259.27
Portulacaceae	*Portulaca* cf. *oleracea* L.	pool	8.17
Primulaceae	*Myrsine* cf. *umbellata* Mart.	myum	65.60
Rosaceae	*Rubus rosaefolius* Focke	ruro	14.73
Rubiaceae	*Psychotria* sp. 1	psy1	4.98
Rubiaceae	*Psychotria* sp. 2	psy2	0.96
Solanaceae	*Solanum* sp. 1	sol1	1.33
Solanaceae	*Solanum* sp. 2	sol2	1986.08
Solanaceae	*Solanum* sp. 3	sol3	7.63
Solanaceae	*Solanum* sp. 4	sol4	1.25
Solanaceae	Solanaceae 1	sola	27.63
Unidentified	Unidentified 1	uni1	213.35
Unidentified	Unidentified 2	uni2	5.29
Unidentified	Unidentified 3	uni3	0.38
Unidentified	Unidentified 4	uni4	0.54

Unidentified	Unidentified 5	uni5	16.87
Unidentified	Unidentified 6	uni6	16.96
Unidentified	Unidentified 7	uni7	13.19
Unidentified	Unidentified 8	uni8	1.12
Unidentified	Unidentified 9	uni9	2.67
Unidentified	Unidentified 10	uni10	1.06
Total			16418.88

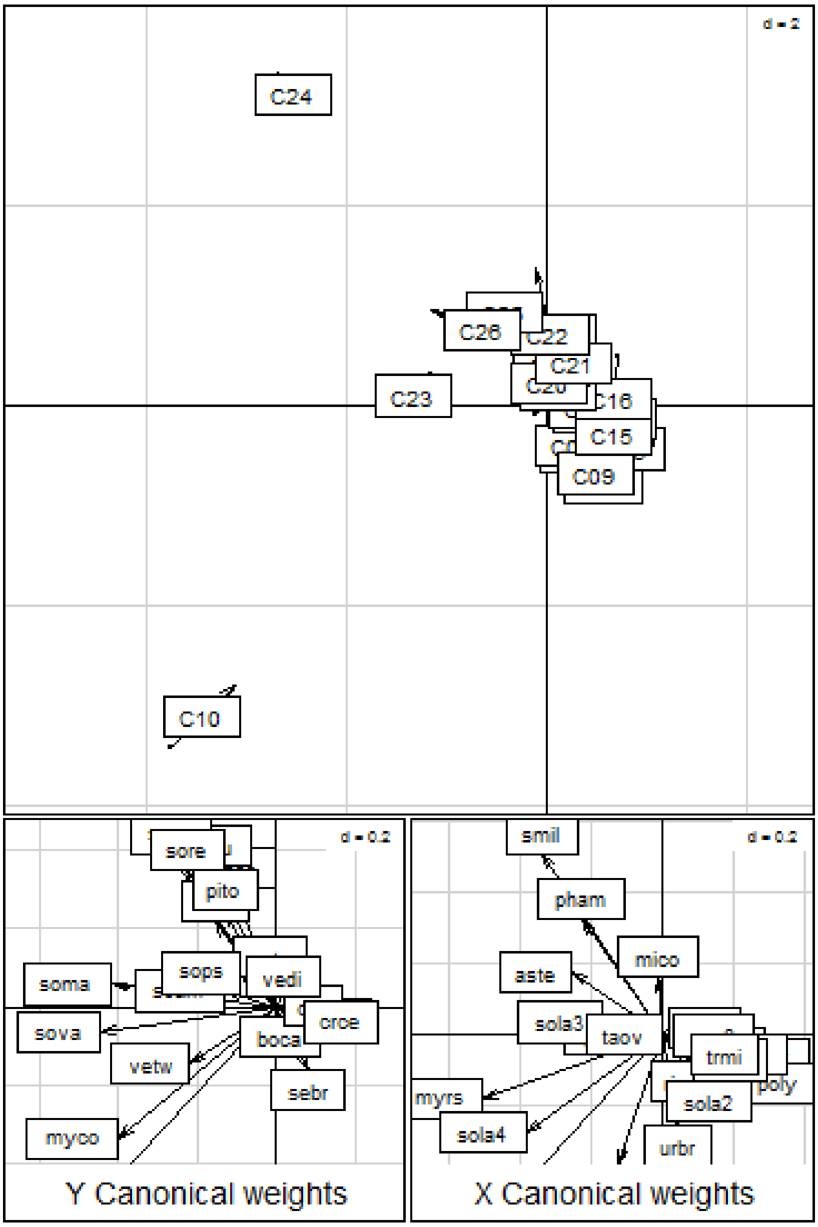
Appendix 2. Abundance of seed rain of exotic, native and doubtful species and the richness of seeds.



Appendix 3. Species collected on the wood natural regeneration (seedling recruits) in areas process of ecological restoration.

Family	Specie	Specie code	Abundance
Anacardiaceae	*Schinus terebinthifolius* Raddi	scte	3
Asteraceae	*Baccharidastrum triplinervium* (Less.) Cabrera	batr	2
Asteraceae	*Baccharis semiserrata* DC.	base	86
Asteraceae	*Kaunia rufescens* (P.W. Lund ex DC.) R.M. King & H. Rob.	karu	62
Asteraceae	*Piptocarpha tomentosa* Baker	pito	22
Asteraceae	*Senecio brasiliensis* (Spreng.) Less.	sebr	22
Asteraceae	*Vernonanthura discolor* (Spreng.) H. Rob.	vedi	1
Asteraceae	*Vernonanthura tweedieana* (Baker) H. Rob.	vetw	17
Cannabaceae	*Trema micrantha* (L.) Blume	trmi	1
Euphorbiaceae	*Croton celtidifolius* Baill.	crce	20
Fabaceae	*Senna* sp.	senn	1
Lamiaceae	*Aegiphila sellowiana* Cham.	aese	1
Primulaceae	*Myrsine coriacea* (Sw.) R.Br. ex Roem. & Schult.	myco	10
Rutaceae	*Citrus* sp.	citr	1
Solanaceae	*Solanum americanum* Mill.	soam	1
Solanaceae	*Solanum mauritianum* Scop.	soma	18
Solanaceae	*Solanum pseudocapsicum* L.	sops	3
Solanaceae	*Solanum reflexum* Dunal	sore	4
Solanaceae	*Solanum variabile* Mart.	sova	27
Urticaceae	*Boehmeria caudata* Sw.	boca	4

Appendix 4. Relationship between patterns of seed rain and plant recruitment at the restoration sites for seed traps without perches (RV=0.46; p=0.16). The co-inertia analysis shows the ordination of plots (distinguished by plot number) described by seed rain and woody plant recruitment based on abundances. Shorter arrows indicate better adjustment of patterns in both sets of data (seed rain species and recruits of woody species). The PCAs of both data sets are shown separately at the bottom (recruitment patterns at the left; seed rain patterns at the right; the species codes are in the species list: Appendix 1 for seed rain, Appendix 3 for recruits).



CAPÍTULO 3

FOREST RESTORATION AFTER SEVERE DEGRADATION BY COAL MINING: LESSONS FROM THE FIRST YEARS OF MONITORING

Forest restoration after severe degradation by coal mining: lessons from the first years of monitoring

Edilane Rocha-Nicoleite[1,2], Mari Lucia Campos[3], Guthieri Teixeira Colombo[2], Gerhard Ernst Overbeck[1,4] & Sandra Cristina Müller[1,5]

[1]Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Graduate Program in Ecology, Av. Bento Gonçalves 9500, 91540-000, Porto Alegre, RS, Brasil

[2]Associação Beneficente da Indústria Carbonífera de Santa Catarina, Clean Coal Research Centre, Rua Pascoal Meller 73, 88805-380, Criciúma, SC, Brasil;

[3]Universidade do Estado de Santa Catarina, Department of Soil Science, Av. Luiz de Camões 2090, 88520-000, Lages, SC, Brasil;

[4]Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Department of Botany, Av. Bento Gonçalves, 9500, 91540-000, Porto Alegre, RS, Brasil.

[5]Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Department of Ecology, Av. Bento Gonçalves, 9500, 91540-000 Porto Alegre, RS, Brasil.

Abstract

We analysed woody plant species regeneration in the first years of restoration in areas severely degraded by coal mining in the South Brazilian Atlantic Rainforest. In the four riparian forest under restoration and in two forest remnants, we collected data on composition and cover of the herbaceous layer (including invasive grasses), abundance and richness of introduced trees and spontaneous woody regeneration, traits woody species, and soil chemistry. We compared characteristics of the woody regeneration with the forest remnants as target communities and evaluated the dynamics of regeneration over three years by principal coordinates analyses

(PCoA). The influence of biotic and abiotic variables for woody species regeneration was analysed by partial redundancy analysis (RDAp). We found great variation in relation to community composition and structure between restored sites. Most of this variation was explained by variables related to soil chemistry, introduced trees and cover of exotic grasses. Fertilization of soil, as commonly recommended, seems to increase cover of exotic grasses, which clearly impede the development of planted trees and woody regeneration. Over time, an increase in woody species establishment could be observed. Although the restoration of abandoned mining areas is a challenge for restoration ecology, our results, despite the short period of observation and high mortality of planted trees, do allow for the conclusion that the restoration of successional trajectories after severe degradation is possible. We highlight the importance to monitor the initial process of restoration and of (re)defining intermediate goal and project targets, following an adaptive management approach.

Keywords – Adaptive management; Invasive grasses; Herbaceous cover; Soil fertilization; Atlantic Rainforest; Woody regeneration; Tree planting; Restoration Ecology.

Introduction

The ecological restoration of areas affected by mining activities can be very difficult and often requires different engineering approaches and multidisciplinary knowledge (Zipper *et al.* 2011; Adibee *et al.* 2013). Reduction and containment of pollution and repairing past environmental damage often are primary goals to establish vegetation close to natural condition (ecological restoration) have been conducted worldwide, but severe limitations related to native species establishment and initiation of natural succession processes exist (Fields-Johnson *et al.* 2012; Zhenqi *et al.* 2012; Bauman *et al.* 2013). Often, these are consequence of strong interventions required to change the abiotic and biotic characteristics of the degraded systems.

Plantings of species is considered an important strategy to overcome recruitment limitations (Omeja *et al.* 2011), also enhancing, in the long run, succession through the attraction of seed dispersing animals and the creation of favourable microclimatic conditions. However, after surface-mining activities, the soil often needs to be completely reconstructed. The resulting substrate presents no natural conditions regarding physical structure and chemical composition, and generally is strongly compacted (Kämpf *et al.* 1997; Bassett *et al.* 2005), reducing survival of plants. The presence of invasive species, mostly exotic grasses which often are planted, can constitute an additional major difficulty in post-mining restoration projects (Nyamai *et al.* 2011; Bennett *et al.* 2012). Grasses limit the establishment and diversity of native plant species because they are strong competitors. Additionally, they often increase the incidence of fire (Veldman *et al.* 2009) which further impedes the colonization by native woody species (Martínez-Garza *et al.* 2005; McGlone *et al.* 2012).

The trajectories of plant communities in restoration projects can vary widely (Chazdon *et al.* 2007). Understanding the role of the principal biotic and abiotic factors during all restoration phases is very important to improve ecological theory and practice (Block *et al.* 2001; Miller & Hobbs 2007). Differences to the planned or desired trajectories may become obvious early in restoration. In highly impacted lands, monitoring of restoration success in the first years is especially important, as successional pathways are initiated and may then drive regeneration processes and vegetation dynamics for long periods (Zipper *et al.* 2011; Fields-Johnson *et al.* 2012; Zhenqi *et al.* 2012; Bauman *et al.* 2013). Early monitoring is crucial for the implementation of adaptive management that responds to the development of the restoration site (Lindenmayer & Likens 2009).

Here, we present results from a study situated in a region severely affected by coal mining in the southern part of the Brazilian Atlantic Rainforest. For many decades, before rise of environmental consciousness, no attempts to reduce pollution or restoration had been undertaken at all in these areas. Waste material from coal mines was deposited without any concern. Runoff water from polluted areas and from mines has caused severe contamination of watersheds in the past 130 years when the coal mining began in this region (Silva *et al.* 2013). At present, in rivers pH values may reach 3.0 and environmental conditions present severe health risk for human population in the region (Santos *et al.* 2008; Silva *et al.* 2011; Silva *et al.* 2013). In 2000, restoration of all riparian zones in the region became mandatory (Brasil 2013), and remnants were defined as reference sites. Since this time, restoration projects have been planned and implemented, but restoration success has not been assessed thoroughly in these areas characterized by high environmental damage.

We studied the regeneration of shrubs and trees in four areas undergoing ecological restoration and looked specifically at the first years of these projects. Our goals were: (1) to evaluate the composition, abundance and ecological features of woody species that are regenerating at the restoration sites, (2) to assess changes in species composition during three years of monitoring, (3) to analyse the influence of abiotic and biotic variables over patterns of natural regeneration and (4) to develop realistic restoration aims for the initial phase of restoration of highly degraded sites. We expected responses of species composition to key abiotic and biotic variables, such as soil nutrients and abundance of invasive grasses and planted trees. We also expected different patterns and trajectories in relation to the age of the restoration areas, with the oldest area (six years) being already more similar to the reference forests.

Methods

Study region

This study was conducted in southern Santa Catarina state, Brazil. Study areas are under humid subtropical climate conditions, with annual temperature of 19 ºC and rainfall average of 1600 mm (Alvares *et al.* 2014). Originally, this region was completely covered by Atlantic Rainforest (Ribeiro *et al.* 2009; Teixeira *et al.* 2009), part of a global biodiversity hotspot (Myers *et al.* 2000).

We conducted this research at four sites (28º34’ S, 49º25’ W - 28º25’ S, 49º25’ W) currently under ecological restoration. All sites had been degraded by surface coal mining with deposition of spoils in riparian zones. Original vegetation was riparian forest. The principal restoration goal is the reestablishment of the pre-mining forest communities. As reference areas, we studied two riparian forest remnants without any history of mining (areas R1 and R2) in the same region (R1: 28º34’ S - 49º24’ W; R2: 28º26’ S - 49º25’ W).

Restoration of four study sites followed the general procedures applied in the region: the first step to restore these areas was removal of spoils to stop ongoing contamination. After this, a new substrate was created, composed of clay or sand (depth ca. 2 m), in order to provide support for vegetation and to construct the topography. Soil construction was finished with addition of a thin layer organic matter (approximately 2 cm), e.g. peat and broiler litter. Then a vegetation cover was established by sowing of exotic grasses (in order to rapidly cover the soil, which is recommended by law), followed by planting or seeding of native trees.

In the studied sites the following exotic grasses were introduced: in area A *Urochloa decumbens* (Stapf) R.D. Webster (Poaceae; 18 kg.ha^{-1}), in areas B e C *Avena sativa* L. (Poaceae) and *Lolium multiflorum* Lam. (Poaceae; 30 kg.ha^{-1}) and in area D *Melinis minutiflora* P. Beauv. (Poaceae; 15 kg.ha^{-1}). Following this, 30 native tree species were planted with a density of 2500 individuals per hectare in areas A, B and C. In area D, one native tree, *Mimosa scabrella* Benth. (Fabaceae), was sowed (3 kg.ha^{-1} with latter cutting of some individuals to reach a density of around 5000 individuals per hectare) and seedlings of 16 species were planted at 20 nucleus. These interventions were carried out between 2009 and 2010 in areas A, B and C (coal mined between 1975 and 1997) and between 2002 and 2005 in area D (coal mined between 1950 and 1989).

Vegetation surveys

Per area, six (areas B and D) or 10 (areas A and C) plots of 10 × 30 m were established for sampling (a) survived planted trees and (b) woody plants in the upper stratum (diameter at breast height (dbh) ≥5 cm). In subplots of 1 × 1 m (three per plot), we recorded the composition of the herbaceous component, by visual estimation of cover of all species. In subplots of 5 × 5 m (three per plot), the woody regeneration stratum, composed of individuals with height ≥50 cm and ≤5 cm dbh, was sampled. Additionally, we estimated the cover of three categories of herbs: exotic grasses, native grasses, and forbs. The regeneration stratum and the categories of herbs were evaluated three times (A, B and C areas: 10, 22 and 34 months after tree planting; D area: 6, 7 and 8 years after tree planting). The reference areas were evaluated based on 30 plots with 10 × 10 m in each remnant forest (R1 and R2) to sample the upper stratum, with one subplot of 5 × 5 m to regenerating stratum and four 1 × 1 m subplots to the herbaceous component within each plot. Sampling procedures were the same as at the restoration sites.

All plant species were identified in the field or a sample was collected for later identification by help of bibliography and/or consultation of herbaria and specialists. Classification into families follows APG III (2009). For all regenerating woody species, some ecological traits considered important for the restoration process were compiled from the literature.

Analysis of soil properties

Samples of the surface soil layer (0–20 cm) were collected in each subplot of 5 × 5 m at the restored and remnant sites for evaluation of soil chemistry composition. Laboratory methods followed Tedesco *et al.* (1995). The samples were dried at a temperature of 60 °C for a 24 hours. Soil *pH* was determined in water solution by a potentiometer using soil/solution ratio 1:1; soil organic matter content (*OM*) by Walkley Black method, *H+Al* and Al^{3+} were determined by NaOH titulometry. *P*, *K* and *Na* elements were extracted using a Mehlich^{-1} extractor and determined by flame photometry (*K*, *Na*) and colorimetric method (*P*). Calcium (Ca^{+2}) and Magnesium (Mg^{+2}) were extracted using KCl^{1} mol L^{-1} and measured using atomic absorption spectrophotometry.

Data analysis

As plots of 10 × 30–m were considered as sampling units, density data obtained in subplots were pooled together and extrapolated to 100 m² to standardize the analizes.

The temporal dynamics of natural regeneration were analysed by Principal Coordinate Analyses (PCoA), using abundance data of the woody regeneration stratum and cover of herb categories recorded at the three sampling dates. Data were previously standardized and centralized within variables. Chord distance between sampling units was used as similarity measure. This analysis was done independently for each study site to preserve the particularity of each area, avoiding statistical comparisons between ongoing restoration areas and aiming at identifying successional trajectories.

We evaluated the proportion of potential biotic and abiotic influences on natural regeneration patterns considering different multiple data sets in partial Redundancy Analyses (RDAp) (Borcard *et al.* 2011). Response matrices were species abundances in the woody regeneration stratum (Y_R, i.e. sampling units without any woody individuals were not considered) and species abundances together with cover of herb categories (Y_T, i.e. including sampling units without any woody individuals). Explanatory matrices were soil chemistry, structural variables of the upper stratum (upper stratum for area D and planted trees for areas A, B and C, considered species abundances, species richness, and basal area), and abundances of the herbaceous component. Response matrices were based on data of the third evaluation. Both Y_R and Y_T were Hellinger transformed (Legendre & Gallagher 2001) and then submitted to RDAp, considering the values of adjusted R^2 (Peres-Neto *et al.* 2006).

Before RDAp procedures, each original explanatory matrix (soil chemistry, structural variables of superior stratum, and species composition of herbaceous component) was submitted to a forward selection analysis to identify the most important subset of variables explaining variance of the response matrix. This was done with the BIOENV function, considering $p<0.01$ after 999 randomizations (Blanchet *et al.* 2008). This and the RDAp were done by using the package *vegan* (Vegan: Community ecology package) on the R platform (R Development Core Team, http://www.Rproject.org)

Dispersion patterns of natural regeneration according to studied sites were shown by ordination diagrams of PCoA based on matrix Y_T and plotting the biotic and/or abiotic variables that were significant in explaining natural regeneration in the areas (evidenced by RDAp results). Ordination analyses were carried out by MULTIV software (available at http://ecoqua.ecologia.ufrgs.br/ecoqua/software.html).

Results

Species richness and ecological traits of regenerating woody species

Altogether, 47 woody species were detected in the regenerating woody stratum at the third evaluation (Appendix 1). Considerable differences concerning richness and abundance of this stratum existed among areas. In area B, only five species (abundance: 2.44 ind.100m^{-2}) were sampled, while in area D, 37 species were found (abundance: 71.11 ind.100m^{-2}). Even if we only consider the areas with the same age of restoration (A, B, C), strong differences in composition and abundance were obvious.

At the two remnant sites, 106 species were found (abundance 22 ind.100m^{-2}) in the woody regenerating stratum, with few compositional differences between each other (Appendix 2). Only nine species were recorded at sites under restoration and reference sites (*Boehmeria caudata, Casearia silvestris, Euterpe edulis, Inga marginata, Matayba guianensis, Miconia cabucu, Miconia sellowiana, Piper aduncum* and Z*anthoxylum rhoifolium*).

The ecological traits (Appendix 3) of the woody species found in the regeneration stratum at the restoration sites were indicative of a very early succession stage of woody vegetation, as shown by the high percentage of anemochorous species and of pioneer species. Area D, the area with longer time of restoration, was somewhat more similar to reference sites, despite clear differences in species richness and composition.

Only D area presented an upper stratum (dbh≥5 cm), with 14 species (abundance 11 ind.100m^{-2}) (Appendix 4). In contrast, the reference areas presented 123 species (abundance

20 ind.100m^{-2}) in this stratum (Appendix 5) and only three species were shared with area D (*Alchornea triplinernia*, *Annona rugulosa* and *Cecropia glaziovii*).

In the herbaceous layer of the restored areas, we sampled 9.3 species.m^{-2}, and 86 species of 34 families (Appendix 6), with area C presenting highest richness. All areas presented high cover of exotic grasses, especially areas B and A with 83% and 74% of mean cover, respectively (Appendix 7). In the reference areas, we sampled 0.1 species.m^{-2}, and 27 species of 17 botanic families (Appendix 8).

Regenerating dynamics of woody species

Dynamics in the regenerating stratum along the time of evaluations were high for all areas, although the patterns varied considerably among sites (Fig. 1). For all areas, changes were more evident when comparing the first and third evaluation, where most part of the plots shifts completely the side of the diagrams. Exotic grasses, especially in areas A, B and C, markedly dominated plots in the first evaluation. In the third evaluation, the regeneration of woody species became stronger in all areas, indicating that a large number of species arrived and/or increased in abundance.

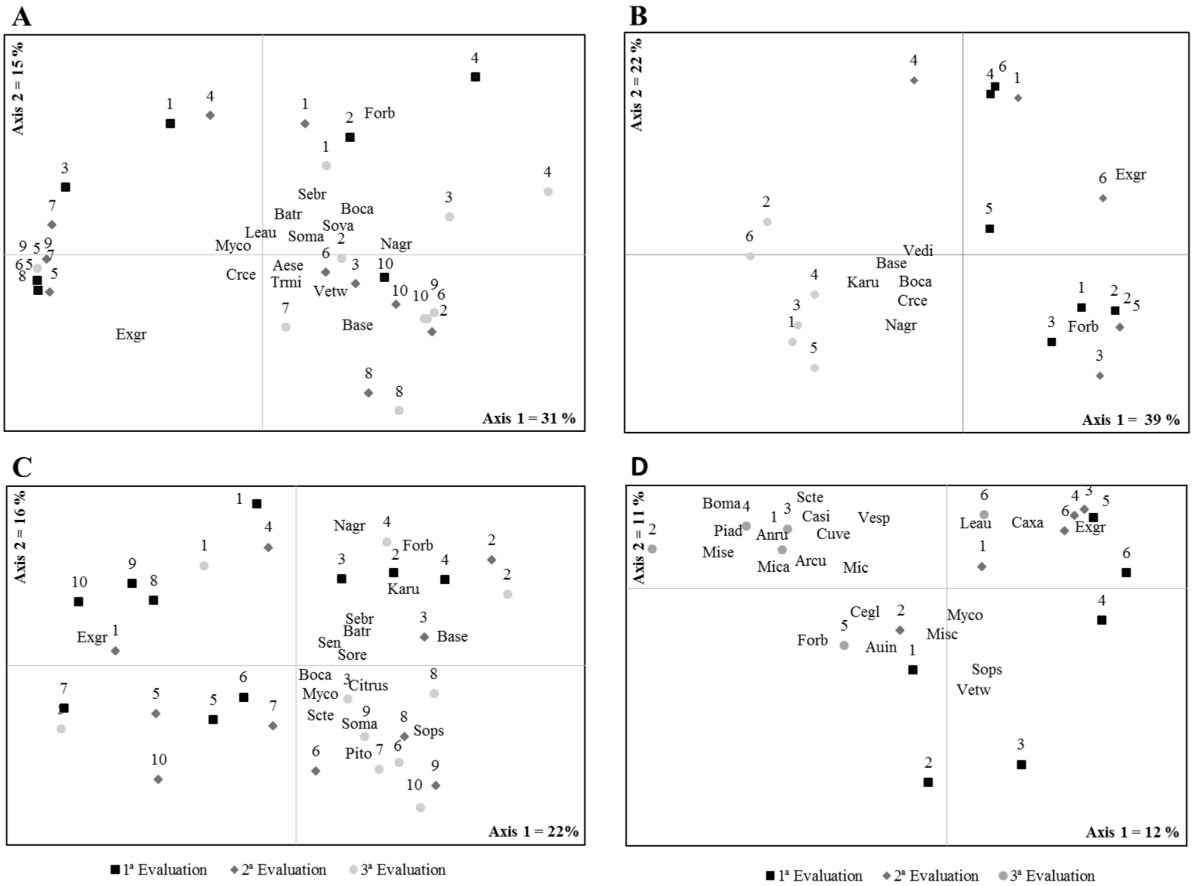


Figure 1. Ordination diagram of the areas under ecological restoration (A, C and D) based on woody species of the regenerating stratum and on the proportion of herb categories (exotic grasses (*exgr*), native grasses (*nagr*) and forbs), measured through three evaluations (A, B and C areas: 10, 22 and 34 months after tree planting; D area: 6, 7 and 8 years after tree planting). The numbers identify the plots of each area at time. Most closely correlated species are shown in the respective diagram (Altr – *A. triplinervia*; Auin – *A. inulifolium*; Bagl – *B. glaziovii*; Base – *B. semiserrata*; Batr – *B. triplinervium*; Cacaj – *C. cajan*; Cegl - *C. glaziovii*; Citrus - *Citrus* sp.; Crce – *C. celtidifolius*; Eued – *E. edulis*; Eupi – *E. picturatum*; Euru – *E. rufescens*; Leau – *L. australis*; Magu – *M. guianensis*; Mica – *M. cabucu*; Myco – *M. coriacea*; Ocpu – *O. puberula*; Piad – *P. aduncum*; Pito – *P. tomentosa*; Piza – *P. zapallo*; Rico – *R. communis*; Scte – *S. terebinthifolia*; Sebr – *S. brasiliensis*; Soma – *S. mauritianum*; Sops – *S. pseudocapsicum*; Sovi – *S. viarum*; Vetw – *V. tweedieana*; Wain – *W. indica*).

Influence of abiotic and biotic variables on natural regeneration

In pRDA, different subsets of explanatory variables were chosen for each of the two response matrices (Y_R and Y_T) (Appendix 9), and 24% and 46% of the variation of the matrices Y_R and Y_T, respectively, were explained by the abiotic and biotic variables analysed (Fig. 2). For matrix Y_R, the major part of explanation was achieved with the sharing between both sets of explanatory variables (soil chemistry and vegetation structure; Fig. 2 Y_R). For matrix Y_T, species composition of the herbaceous component presented the highest explanation, followed by the shared portion between herbaceous composition and soil chemistry, and between all subsets analysed (Fig. 2 Y_T).

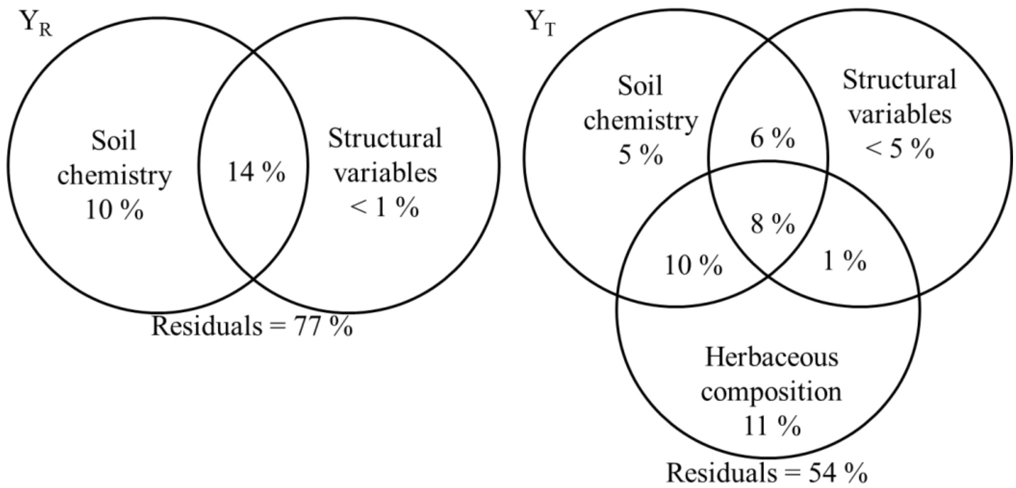


Figure 2. Venn diagram with the adjusted R^2 results of the variance partition (RDAp) according to the subsets of variables significantly related to the response matrices (see Table 3), (Y_R) considering only the composition of woody species regenerating and (Y_T) considering all plots evaluated, even those without regenerating woody species, but with the addition of herbaceous categories cover as response variables.

Ordination of the full dataset (using data from last evaluation) showed clear overall differences among the four areas (Fig. 3). Plots of areas A and B were placed on the same side of the diagram, and were associated to high cover of exotic grasses, especially *Urochloa subquadripara*, *U. brizantha* and *U. mutica*. These areas were also characterized by high values of *P*, Ca^{+2} and *H+Al* in the constructed soil. The proportion of woody species regenerating was clearly low for areas A and B, contrasting with plots on the left side of the diagram, where areas C and D were situated, although clearly separated along the second axis. Plots of area D were positively related to density and richness of planted trees and upper stratum and to the basal areas of the upper stratum.

Plots of areas C were highly associated with the two pioneer shrubs *Baccharis semiserrata* and *Kaunia rufescens*.

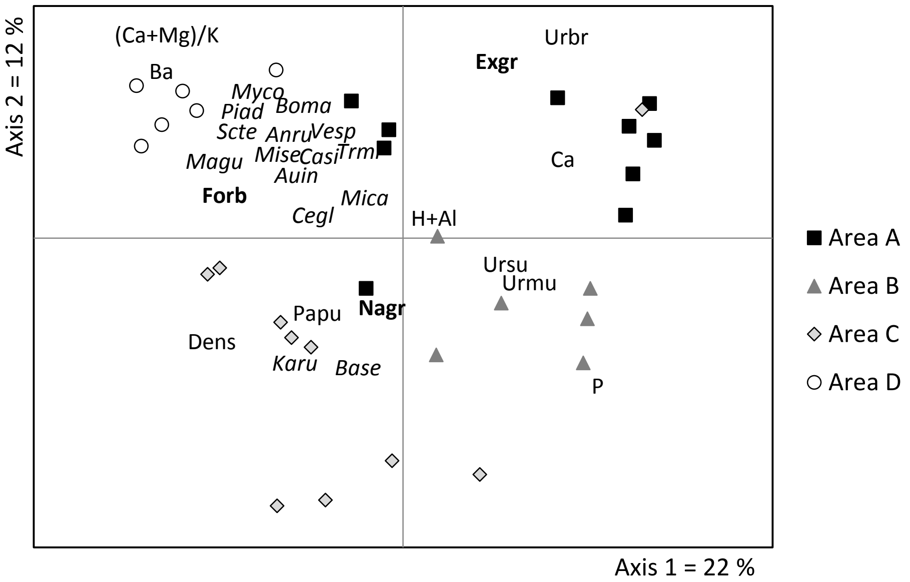


Figure 3. Principal coordinates ordination diagram of all plots described by the abundance of woody regenerating species plus the cover of herbs categories (matrix Y_T), according to the four studied sites. Most correlated species and herbs categories to both axes are plotted in the diagram (italic font: Anru – *A. rugulosa*; Auin – *A. inulifolium*; Base – *B. semiserrata*; Boma – *B. macrophylla*; Casi – *C. silvestris*; Cegl – *Cecropia glaziovii*; Karu – *Kaunia rufescens*; Magu – *Matayba guianensis*; Mica – *M cabucu*; Mica – *Miconia cabucu*; *Mise – bnnn*; Myco – *Myrsine coriacea*; Piad – *Piper aduncum*; Scte – *Schinus terebinthifolia*; Trmi – *T. micrantha*; Vesp – *Vernonanthura* sp.; bold font: Exgr – exotic grasses; Nagr – native grasses; Forb - forbs). Furthermore, abiotic (soil chemistry: Ca – calcium; H+Al – potential acidity; P – phosphorus; (Ca+Mg)/K – relation between that cations) and biotic variables (herbaceous species: Ursu – *U. subquadripara*; Urbi – *U. brizantha*; Urmu – *U. mutica*; Papu – *P. pumilum*; structural variables of upper stratum: Ba – basal area; Dens – density) were placed according to its axes correlation value.

Discussion

In ecological restoration, reference areas are commonly used to evaluate the development of areas under restoration, based on parameters such as abundances of species and proportion of species with ecological characteristics considered typical for the vegetation type in question, or indicative or desirable ecological process. However, in highly degraded systems that demand strong intervention, such as the post-mining areas studied by us, direct comparison should be done with caution. Abundance of species has been pointed out not to be a clear indicator before the successional phase of the area under restoration does not match that of the reference community (Martinez-Ramos & Soto-Castro 1993; Chazdon *et al.* 2007).

Highly impacted lands need a considerable time to allow the establishment of natural regeneration processes (Liu *et al.* 2011; Zipper *et al.* 2011; Zhenqi *et al.* 2012), and that areas like those studied by us still differ considerably from the reference areas thus is not surprising. However, even after a relatively short time (*e.g.* in area D, eight years after beginning of restoration) we could see some similarities with the references sites, especially in the proportion of zoochoric and non-pioneer species. Although still a long way from the reference communities, and at distinct successional phases, the difference of this site to the other three sites suggests that, despite the strong degradation and necessity for severe intervention such as soil construction, more time should allow for convergence of the vegetation to that from reference areas, contradicting those that criticize this kind of attempt to be totally infeasible for areas with this or similar kind of degradation (Tozer *et al.* 2011).

The high variability in species composition and abundance among sites seems to be determined both by the soil chemical composition (abiotic component) and by the development of upper stratum (biotic component). The values found for these sets of variables showed some clear relations among these factors, as well as with the herbaceous component, here dominated by exotic grasses, that may exert strong competition for the establishment of woody species individuals (Batten *et al.* 2005a; Avio *et al.* 2013b; Hui-na *et al.* 2014) and also increase the risk of fires (Veldman *et al.* 2009). Plots with high content of phosphorus (*P*) were related to high abundance of grasses and to lower development of the planted trees, which resulted in low natural regeneration of woody species. This is probably a consequence of the way soil fertilization is commonly conducted in restoration projects together with the recommendation of seeding of grasses to rapidly cover the soil: nutrient values follow guidelines for agricultural systems, which favours the development of invasive grasses (Högberg 2007; Jung & Lal 2011; Calonego & Rosolem 2013; Fonte *et al.* 2014). Knowledge on nutritional requirements of native species is mostly missing; one study on native species from our region has shown that *P* uptake presented significant higher growth just for few pioneer species (Pasqualini *et al.* 2007). Interactions between soil variables seem also to occur. High *P* content, for instance, infers directly on absorption of other cations, as the micronutrient zinc (*Zn*), reducing its availability (Bingham 1963). Similarly the cations *Ca*, *Mg* and *K* compete and influence the absorption of each other, thus the equilibria of levels of these cations shows directly in the nutrition of the plants. In our study, the relation *Ca+Mg/K* was associated with plots better characterized by natural regeneration of native woody plants. While currently the nutritional demand of native plants are little know, a better knowledge of these relations can be an important guidance for the way the soil in restoration areas is prepared before introduction of native species, and more specific studies are necessary to improve restoration projects.

It is well known that the development of introduced trees strongly influences the progress of natural regeneration (Parrotta *et al.* 1997b; Omeja *et al.* 2011a), as seen in area D under the canopy of *Mimosa scabrella*, a fast growth pioneer. The canopy closure changes local conditions (e.g. microclimate), increases the potential for arrival of seeds (perches) and facilitates the establishment of native trees through the exclusion of invasive grasses by shading (Chazdon 2003; Lindenmayer *et al.* 2010; Nyamai *et al.* 2011; Omeja *et al.* 2011; Rodrigues *et al.* 2011). Besides, *M. scabrella* is a legume species capable to fix nitrogen, which is considered of high relevance to improve degraded soil conditions (Lammel *et al.* 2013). The establishment and growth of first introduced species might then crucially contribute to restoration success due facilitation for other species and also trigger the further community development. These results and the importance of priority effects on community assembly processes (von Gillhaussen *et al.* 2014), make us think about which species should be selected for planting in restoration of highly degraded lands. While on the one hand the restoration aim may be the high diversity of species (Rodrigues *et al.* 2011), the first restoration steps should aim to re-establish the vegetation structure and conditions (Parrotta et al. 1997; Omeja et al. 2011) that will enable ecosystem and community assembly processes without further human interventions. At the same time, it should be carefully analysed which plant traits are able to survive under the rather harsh environmental conditions, e.g. on completely reconstructed soils.

Altogether, our study shows the necessity to establish realistic goals for each step or phase of the project, and the first goal should be related to canopy closure (Parrotta *et al.* 1997; Omeja *et al.* 2011) and soil improvement. Under strongly constraining abiotic and biotic conditions, far away from the reference state, the establishment of high species diversity is no such realistic goal, even though this might be the final goal (Failing *et al.* 2013). If we set initial and intermediate goals, the whole restoration process becomes more realistic. The perspective of restoration as a process implies that evaluation of restoration success considers initial, intermediate and final goals. Especially the analysis of trajectories over time seems important. Once trajectories stabilized and show a clear direction (which was not the case in the first three years of study for our young sites), it can be evaluated whether or not they will, in the future, converge with the reference community. To determine intermediate goals for projects of restoration looks like an important step to evaluate trajectories and make decisions, such as that related with adaptive management.

Acknowledgments

The companies that authorized us to carry out the research in areas in ecological restoration. Martin Molz, Rafael Martins, Vanilde Citadini Zanette for help with species identification. This study was supported by Justiça Federal of Santa Catarina state through the research 01/PROJPESQ/2010, by Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina through project FAPESC T.O. 2012/000077, and CNPq (grant to SCM; 307719/2012-0).

References

Adibee N., Osanloo M. & Rahmanpour M. (2013). Adverse effects of coal mine waste dumps on the environment and their management. *Environmental Earth Sciences*, 70, 1581-1592.

Alvares C.A., Stape J.L., Sentelhas P.C., Gonçalves J.L.M. & Sparovek G. (2014). Köppen's climate classification map for Brazil. *Meteorologische Zeitschrift,* 22, 711-728.

APG III (2009). An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the ordens and families of flowering plants: APG III. *Botanical Journal of the Linnean Society,* 161, 105-121.

Avio L., Castaldini M., Fabiani A., Bedini S., Sbrana C., Turrini A. & Giovannetti M. (2013). Impact of nitrogen fertilization and soil tillage on arbuscular mycorrhizal fungal communities in a Mediterranean agroecosystem. *Soil Biology & Biochemistry*, 67, 285-294.

Bassett I.E., Simcock R.C. & Mitchell N.D. (2005). Consequences of soil compaction for seedling establishment: Implications for natural regeneration and restoration. *Austral Ecology*, 30, 827-833.

Batten K.M., Six J., Scow K.M. & Rillig M.C. (2005). Plant invasion of native grassland on serpentine soils has no major effects upon selected physical and biological properties. *Soil Biology & Biochemistry*, 37, 2277-2282.

Bauman J.M., Keiffer C.H., Hiremath S. & McCarthy B.C. (2013). Soil preparation methods promoting ectomycorrhizal colonization and American chestnut Castanea dentata establishment in coal mine restoration. *Journal of Applied Ecology*, 50, 721-729.

Bennett J.R., Dunwiddie P.W., Giblin D.E. & Arcese P. (2012). Native versus exotic community patterns across three scales: Roles of competition, environment and incomplete invasion. *Perspectives in Plant Ecology, Evolution and Systematics*, 14, 381-392.

Bingham F.T. (1963). Relation Between Phosphorus and Micronutrients in Plants. *Soil Science Society of America Journal*. 27, 389-391.

Blanchet F.G., Legendre P. & Borcard D. (2008). Forward selection of explanatory variables. *Ecology*, 89, 2623-2632.

Block W.A., Franklin A.B., Ward J.P., Ganey J.L. & White G.C. (2001). Design and implementation of monitoring studies to evaluate the success of ecological restoration on wildlife. *Restoration Ecology*, 9, 293-303.

Borcard D., Gillet F. & Legendre P. (2011). *Numerical Ecology with R*. Springer – Verlag, New York.

Brasil J.F. (2013). Critérios técnicos para recuperação ou reabilitação de áreas degradadas pela mimeração de carvão In: (ed. Catarina VFdCS). 1ª Vara Federal de Criciúma Santa Catarina, Ação Civil Pública nº 93.80000533-4 (Processo nº 2000.72.04.002543-9) Criciúma.

Calonego J.C. & Rosolem C.A. (2013). Phosphorus and potassium balance in a corn–soybean rotation under no-till and chiseling. *Agroecosyst*, 96, 123-131.

Chazdon R.L. (2003). Tropical forest recovery: legacies of human impact and natural disturbances. *Perspectives in Plant Ecology, Evolution and Systematics*, 6, 51-71.

Chazdon R.L., Letcher S.G., van Breugel M., Martinez-Ramos M., Bongers F. & Finegan B. (2007). Rates of change in tree communities of secondary Neotropical forests following major disturbances. *Philosophical Transactions of the Royal Society B-Biological Sciences*, 362, 273-289.

Failing L., Robin G. & Higgins P. (2013). Science, Uncertainty, and Values in Ecological Restoration: A Case Study in Structured Decision-Making and Adaptive Management. *Restoration Ecology*, 21, 422-430.

Fields-Johnson C.W., Zipper C.E., Burger J.A. & Evans D.M. (2012). Forest restoration on steep slopes after coal surface mining in Appalachian USA: Soil grading and seeding effects. *Forest Ecology and Management*, 270, 126-134.

Fonte S.J., Nesper M., Hegglin D., Velásquez J.E., Ramirez B., Rao I.M., Bernasconi S.M., Bünemann E.K., Frossard E. & Oberson A. (2014). Pasture degradation impacts soil phosphorus storage via changes to aggregate-associated soil organic matter in highly weathered tropical soils. *Soil Biology & Biochemistry*, 68, 150-157.

Högberg P. (2007). Does the extra nitrogen input from anthropogenic sources mean that more carbon from the atmosphere is being locked up in boreal and temperate forests? 'Yes' is the answer to emerge from the latest analysis. *Nature*, 447, 781-782.

Hui-na L., Bo X., Wan-xue L. & Fang-hao W. (2014). Changes in Soil Biota Resulting from Growth of the Invasive Weed, Ambrosia artemisiifolia L. (Compositae), Enhance Its Success and Reduce Growth of Co-Occurring Plants. *Journal of Integrative Agriculture*, 13, 1962-1971.

Jung J.Y. & Lal R. (2011). Impacts of nitrogen fertilization on biomass production of switchgrass (Panicum Virgatum L.) and changes in soil organic carbon in Ohio. *Geoderma*, 166, 145-152.

Kämpf N., Schneider P. & E G.N. (1997). Propriedades, pedogênese e classificação de solos construídos em áreas de mineração na Bacia Carbonífera do Baixo Jacuí. *Revista Brasileira de Ciência do Solo*, 21, 79-88.

Lammel D.R., Cruz L.M., Carrer H. & Cardoso E.J.B.N. (2013). Diversity and symbiotic effectiveness of beta-rhizobia isolated from sub-tropical legumes of a Brazilian Araucaria Forest. *World J. Microbiol Biotechnol*, 29, 2335-2342.

Legendre P. & Gallagher E.D. (2001). Ecologically meaningful transformations for ordination of species data. *Oecologia*, 129, 271–280.

Lindenmayer D.B., Knight E.J., Crane M.J., Montague-Drake R., Michael D.R. & MacGregor C.I. (2010). What makes an effective restoration planting for woodland birds? *Biological Conservation*, 143, 289-301.

Lindenmayer D.B. & Likens G.E. (2009). Adaptive monitoring: a new paradigm for long-term research and monitoring. *Trends in Ecology & Evolution*, 29, 482-486.

Liu X., Lu Y., Zhou Y., Lei X., Zhang X. & Meng J. (2011). The influence of soil conditions on regeneration establishment for degraded secondary forest restoration, Southern China. *Forest Ecology and Management*, 261, 1771-1780.

Martínez-Garza C., Peña V., Ricker M., Campos A. & Howe H.F. (2005). Restoring tropical biodiversity: Leaf traits predict growth and survival of late-successional trees in early-successional environments. *Forest Ecology and Management*, 217, 365-379.

Martinez-Ramos M. & Soto-Castro A. (1993). Seed rain and advanced regeneration in a tropical rain forest. *Vegetatio*, 107/108, 299-318.

McGlone C.M., Stoddard M.T., Springer J.D., Daniels M.L., Fulé P.Z. & Covington W.W. (2012). Nonnative species influence vegetative response to ecological restoration: Two forests with divergent restoration outcomes. *Forest Ecology and Management*, 285, 195-203.

Miller J.R. & Hobbs R.J. (2007). Habitat restoration - Do we know what we're doing? *Restoration Ecology*, 15, 382-390.

Myers N., Mittermeier R.A., Mittermeier C.G., Fonseca G.A.B. & Kent J. (2000). Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature*, 403, 853-859.

Nyamai P.A., Prather T.S. & Wallace J.M. (2011). Evaluating Restoration Methods across a Range of Plant Communities Dominated by Invasive Annual Grasses to Native Perennial Grasses. *Invasive Plant Science and Management*, 4, 306-316.

Omeja P.A., Chapman C.A., Obua J., Lwanga J.S., Jacob A.L., Wanyama F. & Mugenyi R. (2011). Intensive tree planting facilitates tropical forest biodiversity and biomass accumulation in Kibale National Park, Uganda. *Forest Ecology and Management*, 621, 703-709.

Parrotta J.A., Turnbull J.W. & Jones N. (1997). Catalyzing native forest regeneration on degraded tropical lands. *Forest Ecology and Management*, 99, 21-42.

Pasqualini D., Uhlmann A. & Stürmer S.L. (2007). Arbuscular mycorrhizal fungal communities influence growth and phosphorus concentration of woody plants species from the Atlantic rain forest in South Brazil. *Forest Ecology and Management*, 245, 148-155.

Peres-Neto P.R., Legendre P., Dray S. & Borcard D. (2006). Variation partitioning of species data matrices: Estimation and comparison of fractions. *Ecology*, 87, 2614-2625.

Ribeiro M.C., Metzger J.P., Martensen A.C., Ponzoni F.J. & Hirota M.M. (2009). The Brazilian Atlantic Forest: How much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. *Biological Conservation*, 142, 1141-1153.

Rodrigues R.R., Gandolfi S., Nave A.G., Aronson J., Barreto T.E., Vidal C.Y. & Brancalion P.H.S. (2011). Large-scale ecological restoration of high-diversity tropical forests in SE Brazil. *Forest Ecology and Management*, 261, 1605-1613.

Santos R., Citadini-Zanette V., Leal-Filho L.S. & Hennies W.T. (2008). Spontaneous Vegetation on Overburden Piles in the Coal Basin of Santa Catarina, Brazil. *Restoration Ecology*, 16, 444-452.

Silva L.F.O., Querol X., da Boit K.M., Fdez-Ortiz de Vallejuelo S. & Madariaga J.M. (2011). Brazilian coal mining residues and sulphide oxidation by Fenton's reaction: An accelerated weathering procedure to evaluate possible environmental impact. *Journal of Hazardous Materials*, 186, 516-525.

Silva L.F.O., Vallejuelo S.F.-O., Martinez-Arkarazo I., Castro K., Oliveira M.L.S., Sampaio C.H., Brum I.A.S., Leão F.B., Taffarel S.R. & Madariaga J.M. (2013). Study of environmental pollution and mineralogical characterization of sediment rivers from Brazilian coal mining acid drainage. *Science of the Total Environment*, 447, 169-178.

Tedesco M.J., Gianello C., Bissani C.A., Bohnen H. & Volkweiss S.J. (1995). *Análise de solo, plantas e outros minerais*. 2 edn. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Teixeira A.M.G., Soares-Filho B.S., Freitas S.R. & Metzger J.P. (2009). Modeling landscape dynamics in an Atlantic Rainforest region: implications for conservation. *Forest Ecology and Management*, 257, 11.

Tozer M.G., Mackenzie B.D.E. & Simpson C.C. (2011). An Application of Plant Functional Types for Predicting Restoration Outcomes. *Restoration Ecology*, 20, 730-739.

Veldman J.W., Mostacedo B., Peña-Claros M. & Putz F.E. (2009). Selective logging and fire as drivers of alien grass invasion in a Bolivian tropical dry forest. *Forest Ecology and Management*, 258, 1643-1649.

von Gillhaussen P., Rascher U., Jablonowski N.D., Plückers C., Beierkuhnlein C. & Temperton V.M. (2014). Priority Effects of Time of Arrival of Plant Functional Groups Override Sowing Interval or Density Effects: A Grassland Experiment. *Open Access*, 9.

Zhenqi H., Peijun W. & Jing L. (2012). Ecological Restoration of Abandoned Mine Land in China. *Journal of Resources and Ecology*, 3, 289-296.

Zipper C.E., Burger J.A., Skousen J.G., Angel P.N., Barton C.D., Davis V. & Franklin J.A. (2011). Restoring Forests and Associated Ecosystem Services on Appalachian Coal Surface Mines. *Environmental Management*, 47, 751-765.

Appendix 1. Species of the regenerating woody species recorded in areas in process of ecological restoration, considering the last evaluation (areas A, B and C: 34 months after initial intervention with tree planting: areas D: 8 years after initial intervention with tree sowing). Given is abundance per area (standardized to individuals per 100 m^2) at each study area.

Family / *Species*	**Abundance (100 m²)**			
	A	**B**	**C**	**D**
Anacardiaceae				
Schinus terebinthifolius Raddi	0.00	0.00	0.40	5.11
Annonaceae				
Annona rugulosa (Schltdl.) H.Rainer	0.00	0.00	0.00	1.78
Arecaceae				
Archontophoenix cunninghamiana H. Wendl. & Drude	0.00	0.00	0.00	0.44
Euterpe edulis Mart.	0.00	0.00	0.00	0.22
Asteraceae				
Austroeupatorium inulifolium (Baker) H. Rob.	0.00	0.00	0.00	1.33
Baccharidastrum triplinervium (Kunth) R.M. King & H. Rob.	0.13	0.00	0.13	0.00
Baccharis semiserrata (Less.) Cabrera	1.07	0.22	10.27	0.00
Kaunia rufescens (P.W. Lund ex DC.) R.M. King & H. Rob.	0.00	0.44	8.00	3.33
Piptocarpha tomentosa (Spreng.) Less.	0.13	0.00	2.80	0.00
Senecio brasiliensis Baker	2.93	0.00	0.00	0.00
Vernonanthura discolor DC.	0.00	0.22	0.00	0.22
Vernonanthura sp.	0.00	0.00	0.00	5.56
Vernonanthura tweedieana (Spreng.) H. Rob.	0.53	0.00	1.73	0.22
Cannabaceae				
Trema micrantha (L.) Blume	0.13	0.00	0.00	0.44
Euphorbiaceae				
Alchornea glandulosa (Spreng.) Müll. Arg.	0.00	0.00	0.00	0.44
Alchornea triplinervia Baill.	0.00	0.00	0.00	3.78
Croton celtidifolius Poepp.	1.87	1.33	0.00	2.67
Fabaceae				
Inga marginata (DC.) Kuntze	0.00	0.00	0.00	0.22

Family / *Species*	**Abundance (100 m²)**			
	A	**B**	**C**	**D**
Mimosa bimucronata (Vogel) H.S. Irwin & Barneby	0.00	0.00	0.00	1.11
Mimosa scabrella Benth.	0.00	0.00	0.00	0.89
Senna sp.	0.00	0.00	0.13	0.00
Lamiaceae				
Aegiphila sellowiana Cham.	0.13	0.00	0.00	0.00
Lauraceae				
Ocotea puberula (Rich.) Nees	0.00	0.00	0.00	0.22
Melastomataceae				
Leandra australis (Cham.) Cogn.	0.00	0.00	0.00	1.56
Miconia cabucu (DC.) Naudin	0.00	0.00	0.00	1.33
Miconia ligustroides Hoehne	0.00	0.00	0.00	0.22
Miconia sellowiana Naudin	0.00	0.00	0.00	1.56
Myrtaceae				
Psidium guajava L.	0.00	0.00	0.00	0.44
Nyctaginaceae				
Pisonia zapallo Griseb.	0.00	0.00	0.00	0.22
Oleaceae				
Ligustrum lucidum W.T. Aiton	0.00	0.00	0.00	0.22
Piperaceae				
Piper aduncum Aubl.	0.00	0.00	0.00	6.67
Piper arboreum L.	0.00	0.00	0.00	0.22
Primulaceae				
Myrsine coriacea (Sw.) R.Br. ex Roem. & Schult.	0.93	0.00	0.40	21.56
Rosaceae				
Rubus rosifolius Sm.	0.00	0.00	0.00	1.11
Rutaceae				
Citrus sp.	0.00	0.00	0.13	0.00
Zanthoxylum rhoifolium Lam.	0.00	0.00	0.00	0.22

Family / *Species*	Abundance (100 m²)			
	A	B	C	D
Salicaceae				
Casearia silvestris Sw.	0.00	0.00	0.00	0.44
Sapindaceae				
Cupania vernalis Aubl.	0.00	0.00	0.00	0.22
Matayba guianensis Cambess	0.00	0.00	0.00	0.44
Solanaceae				
Solanum americanum Dunal	0.00	0.00	0.13	1.11
Solanum mauritianum L.	0.53	0.00	1.87	0.00
Solanum pseudocapsicum Mart.	0.00	0.00	0.40	0.44
Solanum reflexum Mill.	0.00	0.00	0.53	0.00
Solanum variabile Scop.	2.00	0.00	1.60	1.78
Urticaceae				
Boehmeria caudata Hornem	0.27	0.22	0.13	0.00
Boehmeria macrophylla Snethl.	0.00	0.00	0.00	2.89
Cecropia glaziovii Sw.	0.00	0.00	0.00	0.44
Total – individuals.100 m^{-2} (species richness)	**10.67 (12)**	**2.44 (5)**	**28.67 (15)**	**71.11 (37)**

Appendix 2. Species sampled in the woody regenerating stratum at the reference areas R2 and R1 given is abundance per area (standardized per 100 m²).

Family	**Species**	**Abundance (100m²)**	
		R2	**R1**
Annonaceae	*Duguetia lanceolata* A. St.-Hil.	0.00	0.07
	Guatteria australis A. St.-Hil.	0.23	0.03
	Annona neosericea H. Rainer	0.03	0.00
	Xylopia brasiliensis Spreng.	0.10	0.00
Apocynaceae	*Aspidosperma parvifolium* A. DC.	0.03	0.07
Aracaceae	*Bactris setosa* Mart.	0.00	0.17
	Euterpe edulis Mart.	4.20	5.67
	Geonoma gamiova Barb. Rodr.	0.07	0.57
Bignoniaceae	*Jacaranda puberula* Cham.	0.00	0.03
Boraginaceae	*Cordia silvestris* Fresen.	0.03	0.00
Burseraceae	*Protium kleinii* Cuatrec.	0.10	0.10
Cardiopteridaceae	*Citronella paniculata* (Mart.) R.A. Howard	0.10	0.00
Chrysobalanaceae	*Hirtella hebeclada* Moric. *ex* DC.	0.00	0.07
Clethraceae	*Clethra scabra* Pers.	0.03	0.00
Clusiaceae	*Garcinia gardneriana* (Planch. & Triana) Zappi	0.40	1.40
Combretaceae	*Buchenavia kleinii* Exell	0.03	0.00
Cyatheaceae	*Alsophila setosa* Kaulf.	0.30	0.00
	Cyathea corcovadensis (Raddi) Domin	0.23	0.00
Elaeocarpaceae	*Sloanea guianensis* (Aubl.) Benth.	0.00	0.13
Euphorbiaceae	*Actinostemon concolor* (Spreng.) Müll. Arg.	0.33	1.63
	Pachystroma longifolium (Nees) I.M. Johnst.	0.03	0.00
Peraceae	*Pera glabrata* (Schott) Poepp. *ex* Baill.	0.10	0.00
Fabaceae	*Dahlstedtia pentaphylla* (Taub.) Burkart	0.00	0.03
	Inga marginata Kunth	0.13	0.13
	Inga sessilis (Vell.) Mart.	0.00	0.10
	Senna multijuga (Rich.) H.S. Irwin & Barneby	0.07	0.00
	Zollernia ilicifolia (Brongn.) Tul.	0.03	0.07
Lauraceae	*Aiouea saligna* Meisn.	0.10	0.00
	Cinnamomum glaziovii (Mez) Kosterm.	0.00	0.03
	Endlicheria paniculata (Spreng.) J.F. Macbr.	0.20	0.33
	Nectandra megapotamica (Spreng.) Mez	0.20	0.00
	Nectandra membranacea (Sw.) Griseb.	0.10	0.00
	Nectandra oppositifolia Nees & Mart.	0.13	0.03
	Ocotea catharinensis Mez	0.03	0.07
	Ocotea indecora Schott ex Meissner	0.03	0.07
	Ocotea laxa (Nees) Mez	0.07	0.10
	Ocotea mandioccana A.Quinet	0.07	0.03
Magnoliaceae	*Magnolia ovata* (A. St.-Hil.) Spreng.	0.20	0.00
Malpighiaceae	*Byrsonima niedenzuiana* Skottsb.	0.03	0.03
Melastomataceae	Not identified	0.00	0.03
	Leandra dasytricha (A. Gray) Cogn.	0.27	0.10
	Miconia cabucu Hoehne	0.20	0.03
	Miconia cubatanensis Hoehne	0.03	0.00

Family	Species	Abundance (100m²)	
		R2	R1
	Miconia latecrenata Triana	0.07	0.00
	Miconia sellowiana Naudin	0.03	0.00
	Ossaea amygdaloides Triana	0.00	0.03
Meliaceae	*Cabralea canjerana* (Vell.) Mart.	0.50	0.17
	Guarea macrophylla Vahl	0.50	0.47
	Trichilia lepidota Mart.	0.00	0.20
	Trichilia pallens C. DC.	0.10	0.33
Monimiaceae	*Mollinedia calodonta* Perkins	0.07	0.00
	Mollinedia schottiana (Spreng.) Perkins	0.77	1.30
Moraceae	*Brosimum glaziovii* Taub.	0.00	0.03
	Sorocea bonplandii (Baill.) W.C. Burger, Lanj. & Wess. Boer	1.20	1.63
Myristicaceae	*Virola bicuhyba* (Schott ex Spreng.) Warb.	0.07	0.17
Myrtaceae	*Calyptranthes grandifolia* O. Berg	0.03	0.00
	Calyptranthes lucida Mart. *ex* DC.	0.10	0.10
	Calyptranthes sp.	0.00	0.03
	Campomanesia guaviroba (DC.) Kiaersk.	0.03	0.00
	Eugenia bacopari D. Legrand	0.00	0.23
	Eugenia beaurepairiana (Kiaersk.) D. Legrand	0.00	0.03
	Eugenia handroana D. Legrand	0.07	0.00
	Eugenia stigmatosa DC.	0.17	0.07
	Eugenia verticillata (Velloso) Angely	0.03	0.07
	Not identified	0.00	0.07
	Marlierea eugenioides (Cambess.) D. Legrand	0.27	0.00
	Marlierea excoriata Mart.	0.20	0.23
	Myrceugenia myrcioides (Cambess.) O. Berg	0.03	0.10
	Myrceugenia sp.	0.03	0.00
	Myrcia aethusa (O. Berg) N. Silveira	0.00	0.10
	Myrcia floribunda Miq.	0.00	0.13
	Myrcia glabra (O. Berg) D. Legrand	0.00	0.07
	Myrcia multiflora (Lam.) DC.	0.00	0.03
	Myrcia pubipetala Miq.	0.37	0.27
	Myrcia spectabilis DC.	0.00	0.13
	Myrcia splendens (Sw.) DC.	0.03	0.00
	Myrcia tijucensis Kiaersk.	0.13	0.17
	Myrciaria floribunda (H. West *ex* Willd.) O. Berg	0.10	0.07
Nyctaginaceae	*Guapira opposita* (Vell.) Reitz	0.73	1.30
	Pisonia ambigua Heimerl	0.03	0.00
Ochnaceae	*Ouratea parviflora* Engl.	0.57	0.67
Oleaceae	*Heisteria silvianii* Schwacke	0.07	0.00
Phyllanthaceae	*Hieronyma alchorneoides* Allemão	0.03	0.03
Piperaceae	*Piper aduncum* L.	0.30	0.17
Primulaceae	*Ardisia guianensis* (Aubl.) Mez	0.00	0.17
	Myrsine hermogenesii (Jung-Mend. & Bernacci) M.F.Freitas & Kin.-Gouv.	0.03	0.07
Quinaceae	*Quiina glaziovii* Engl.	0.03	0.27

Family	Species	Abundance (100m²)	
		R2	R1
Rosaceae	*Prunus myrtifolia* (L.) Urb.	0.03	0.00
Rubiaceae	*Bathysa australis* (A. St.-Hil.) Benth. & Hook. f.	0.23	0.03
	Coussarea contracta (Walp.) Müll. Arg.	0.13	0.00
	Faramea montevidensis (Cham. & Schltdl.) DC.	0.50	0.50
	Not identified	0.03	0.00
	Posoqueria latifolia (Rudge) Schult.	0.20	0.17
	Psychotria brachypoda Müll. Arg.	0.00	0.20
	Psychotria leiocarpa Cham. & Schltdl.	0.33	0.33
	Psychotria suterella Müll. Arg.	1.17	1.13
	Psychotria vellosiana Benth.	0.37	0.00
	Rudgea jasminoides (Cham.) Müll. Arg.	0.83	2.40
Rutaceae	*Esenbeckia grandiflora* Mart.	0.93	0.47
	Zanthoxylum rhoifolium Lam.	0.00	0.03
Sabiaceae	*Meliosma sellowi* Urb.	0.03	0.03
Salicaceae	*Casearia silvestris* Sw.	0.07	0.00
Sapindaceae	*Matayba guianensis* Aubl.	0.10	0.10
Sapotaceae	*Chrysophyllum inornatum* Mart.	0.07	0.03
	Chrysophyllum viride Mart. & Eichler	0.07	0.00
Urticaceae	*Boehmeria caudata* (Poir.) Bonpl.	0.03	0.00

Appendix 3. Ecological traits of woody species sampled in the regeneration stratum at the restoration sites (A, B, C and D), considering the last evaluation (areas A, B and C: 34 months after initial intervention with tree planting; area D: 8 years after initial intervention with tree sowing) and at remnant forests (average of values recorded at the two reference areas).

Ecological traits	area A		area B		area C		area D		Remnant forests	
	Sp.	Ind.	Sp.	Ind.	Sp.	Ind.	Sp.	Ind.	Sp.	Ind.
Density/100m² (Absolute)	1.6 (12)	10.6 (80)	0.6 (5)	1.5 (11)	2 (15)	28.6 (215)	4.9 (37)	42.6 (320)	10.3 (77)	22.8 (684)
Anemochory (%)	41.7	46.3	80.0	45.5	33.3	80.0	10.8	13.1	3.7	1.7
Autochory (%)	0.0	0.0	0.0	0.0	6.7	0.5	8.1	3.1	8.6	8.8
Zoochory (%)	41.7	33.8	20.0	54.5	46.7	13.5	70.3	75.0	85.6	89.2
Non-Pioneer species (%)	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	18.9	6.3	83.9	92.3
Pioneer species (%)	83.3	80.0	100	100	80.0	93.5	67.6	87.8	14.1	7.4
Exotic (%)	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	8.1	2.8	0	0

Appendix 4. Species sampled in the upper stratum (dhb>5 cm) of area D, given is abundance standardized per 100 m².

Family	Species	Abundance
Anacardiaceae	*Schinus terebinthifolius* Raddi	0.67
Annonaceae	*Annona neosalicifolia* H. Rainer	0.44
	Annona rugulosa (Schltdl.) H. Rainer	0.44
Cannabaceae	*Trema micrantha* (L.) Blume	3.56
Euphorbiaceae	*Alchornea triplinervia* (Spreng.) Müll. Arg.	1.33
Fabaceae	*Inga marginata* Kunth	1.11
	Mimosa bimucronata (DC.) Kuntze	0.44
	Mimosa scabrella Benth.	30.67
	Schizolobium parahyba (Vell.) S.F. Blake	1.11
Primulaceae	*Myrsine coriacea* (Sw.) R. Br. *ex* Roem. & Schult.	0.89
Rutaceae	*Citrus* sp.	0.22
Solanaceae	*Solanum mauritianum* Scop.	0.22
Urticaceae	*Boehmeria caudata* Sw.	0.44
	Cecropia glaziovii Snethl.	0.67
Dead	-	8.67

Appendix 5. Species sampled on the upper stratum of the reference areas R2 and R1, given is abundance per area (standardized to individuals per 100 m²).

Family	Species	Abundance/100m²	
		R2	**R1**
Annonaceae	*Annona neosericea* H. Rainer	0.20	0.30
	Annona rugulosa (Schltdl.) H. Rainer	0.10	0.00
	Duguetia lanceolata A. St.-Hil.	0.00	0.07
	Guatteria australis A. St.-Hil.	0.33	0.00
	Xylopia brasiliensis Spreng.	0.03	0.03
Apocynaceae	*Aspidosperma parvifolium* A. DC.	0.20	0.20
	Aspidosperma tomentosum Mart.	0.00	0.10
Aquifoliaceae	*Ilex paraguariensis* A. St.-Hil.	0.03	0.03
Araliaceae	*Didymopanax morototoni* (Aubl.) Decne. & Planch.	0.07	0.33
Arecaceae	*Euterpe edulis* Mart.	4.13	2.83
	Syagrus romanzoffiana (Cham.) Glassman	0.20	0.00
Asteraceae	*Piptocarpha tomentosa* Baker	0.00	0.03
	Vernonanthura discolor (Spreng.) H. Rob.	0.07	0.10
Bignoniaceae	*Jacaranda puberula* Cham.	0.03	0.10
Boraginaceae	*Cordia silvestris* Fresen.	0.10	0.00
Burseraceae	*Protium kleinii* Cuatrec.	0.33	0.37
Cardiopteridaceae	*Citronella paniculata* (Mart.) R.A. Howard	0.03	0.03
Celastraceae	*Maytenus floribunda* Reissek	0.00	0.20
	Maytenus glaucescens Reissek	0.03	0.00
Chrysobalanaceae	*Hirtella hebeclada* Moric. *ex* DC.	0.07	0.03
Clethraceae	*Clethra scabra* Pers.	0.27	0.00
Clusiaceae	*Garcinia gardneriana* (Planch. & Triana) Zappi	0.13	0.23
Cyatheaceae	*Alsophila setosa* Kaulf.	4.67	0.60
	Cyathea corcovadensis (Raddi) Domin	0.23	0.00
	Cyathea delgadii Sternb.	0.27	0.00
	Cyathea phalerata Mart.	0.03	0.10
Elaeocarpaceae	*Sloanea guianensis* (Aubl.) Benth.	0.00	0.47
Euphorbiaceae	*Actinostemon concolor* (Spreng.) Müll. Arg.	0.40	0.30
	Alchornea glandulosa Poepp.	0.03	0.00
	Alchornea triplinervia (Spreng.) Müll. Arg.	0.03	0.17
	Pachystroma longifolium (Nees) I.M. Johnst.	0.03	0.00
	Sapium glandulatum (Vell.) Pax	0.07	0.03
	Tetrorchidium rubrivenium Poepp.	0.10	0.50
Fabaceae	*Inga sessilis* (Vell.) Mart.	0.07	0.17
	Lonchocarpus nitidus (Vogel) Benth.	0.03	0.00
	Machaerium stipitatum (DC.) Vogel	0.03	0.00
	Piptadenia gonoacantha (Mart.) J.F. Macbr.	0.03	0.00
	Senna multijuga (Rich.) H.S. Irwin & Barneby	0.07	0.00
	Zollernia ilicifolia (Brongn.) Vogel	0.07	0.00
Lauraceae	*Aiouea saligna* Meisn.	0.03	0.00
	Cinnamomum glaziovii (Mez) Kosterm.	0.03	0.07
	Endlicheria paniculata (Spreng.) J.F. Macbr.	0.03	0.17
	Not identified	0.03	0.00
	Nectandra megapotamica (Spreng.) Mez	0.17	0.07

Family	Species	Abundance/100m²	
		R2	R1
	Nectandra membranacea (Sw.) Griseb.	0.03	0.00
	Nectandra oppositifolia Nees & Mart.	0.30	0.50
	Ocotea catharinensis Mez	0.00	0.10
	Ocotea elegans Mez	0.03	0.00
	Ocotea indecora (Schott) Mez	0.03	0.00
	Ocotea laxa (Nees) Mez	0.03	0.03
	Ocotea mandioccana	0.00	0.10
	Ocotea puberula (Rich.) Nees	0.00	0.03
	Ocotea silvestris Vattimo-Gil	0.07	0.03
	Ocotea urbaniana Mez	0.03	0.00
	*Persea willdenovi*i Kosterm.	0.10	0.00
Magnoliaceae	*Magnolia ovata* (A. St.-Hil.) Spreng.	0.03	0.07
Malpighiaceae	*Byrsonima ligustrifolia* A. Juss.	0.00	0.07
	Byrsonima niedenzuiana Skottsb.	0.03	0.03
Malvaceae	*Luehea divaricata* Mart.	0.03	0.00
	Pseudobombax grandiflorum (Cav.) A. Robyns	0.03	0.10
Melastomataceae	*Miconia cabucu* Hoehne	0.60	0.03
	Miconia ligustroides (DC.) Naudin	0.10	0.00
Meliaceae	*Cabralea canjerana* (Vell.) Mart.	0.27	1.07
	Cedrela fissilis Vell.	0.00	0.13
	Guarea macrophylla Vahl	0.40	0.17
	Trichilia lepidota Mart.	0.00	0.23
	Trichilia pallens C. DC.	0.07	0.03
Monimiaceae	*Mollinedia schottiana* (Spreng.) Perkins	0.10	0.13
	Mollinedia triflora (Spreng.) Tul.	0.17	0.00
Moraceae	*Brosimum glaziovii* Taub.	0.10	0.17
	Ficus adhatodifolia Schott *ex* Spreng.	0.00	0.07
	Ficus luschnathiana (Miq.) Miq.	0.07	0.00
	Sorocea bonplandii (Baill.) W.C. Burger, Lanj. & Wess. Boer	0.23	0.43
Myristicaceae	*Virola bicuhyba* (Schott *ex* Spreng.) Warb.	0.30	0.13
Myrtaceae	*Calyptranthes grandifolia* O. Berg	0.07	0.07
	Calyptranthes lucida Mart. *ex* DC.	0.00	0.13
	Calyptranthes sp.	0.00	0.03
	Eugenia beaurepairiana (Kiaersk.) D. Legrand	0.00	0.13
	Eugenia handroana D. Legrand	0.03	0.03
	Eugenia sp.	0.00	0.03
	Eugenia stigmatosa DC.	0.07	0.00
	Eugenia verticillata (Velloso) Angely	0.03	0.00
	Not identified	0.00	0.20
	Marlierea eugenioides (Cambess.) D. Legrand	0.10	0.00
	Marlierea excoriata Mart.	0.23	0.10
	Myrceugenia myrcioides (Cambess.) O. Berg	0.00	0.03
	Myrcia aethusa (O. Berg) N. Silveira	0.03	0.10
	Myrcia pubipetala Miq.	0.07	0.20
	Myrcia spectabilis DC.	0.00	0.17
	Myrcia splendens (Sw.) DC.	0.30	0.00

Family	Species	Abundance/100m²	
		R2	R1
	Myrcia tijucensis Kiaersk.	0.17	0.17
	Myrciaria floribunda (H. West ex Willd.) O. Berg	0.03	0.00
	Myrciaria plinioides D. Legrand	0.00	0.07
Nyctaginaceae	*Guapira opposita* (Vell.) Reitz	0.47	0.90
Ochnaceae	*Quiina glaziovii* Engl.	0.07	0.17
Oleaceae	*Chionanthus filiformis* (Vell.) P.S. Green	0.03	0.00
	Heisteria silvianii Schwacke	0.07	0.27
Peraceae	*Pera glabrata* (Schott) Poepp. *ex* Baill.	0.17	0.10
Phyllanthaceae	*Hieronyma alchorneoides* Allemão	1.00	0.73
	Margaritaria nobilis L. f.	0.00	0.13
Primulaceae	*Myrsine parvula* (Mez) Otegui	0.17	0.00
	Myrsine umbellata Mart.	0.03	0.00
Rubiaceae	*Bathysa australis* (A. St.-Hil.) Hook. f. *ex* K. Schum.	1.77	0.63
	Cordiera concolor (Cham.) Kuntze	0.00	0.03
	Coussarea contracta (Walp.) Müll. Arg.	0.00	0.03
	Faramea montevidensis (Cham. & Schltdl.) DC.	0.27	0.30
	Posoqueria latifolia (Rudge) Schult.	0.30	0.00
	Psychotria suterella Müll. Arg.	0.27	0.03
	Psychotria vellosiana Benth.	0.23	0.00
	Rudgea jasminoides (Cham.) Müll. Arg.	0.03	0.20
Rutaceae	*Esenbeckia grandiflora* Mart.	0.10	0.03
	Zanthoxylum rhoifolium Lam.	0.03	0.00
Sabiaceae	*Meliosma sellowi*i Urb.	0.03	0.23
Salicaceae	*Casearia silvestris* Sw.	0.40	0.27
	Xylosma pseudosalzmanii Sleumer	0.03	0.00
Sapindaceae	*Matayba guianensis* Aubl.	0.43	0.27
Sapotaceae	*Chrysophyllum inornatum* Mart.	0.00	0.13
	Chrysophyllum viride Mart. & Eichler	0.00	0.03
Theaceae	*Laplacea angustifolia* O.C. Schmidt	0.03	0.00
Urticaceae	*Cecropia glaziovii* Snethl.	0.07	0.00
	Coussapoa microcarpa (Schott) Rizzini	0.00	0.03
Verbenaceae	*Citharexylum myrianthum*Cham.	0.13	0.00
Not identified	Not identified	0.03	0.00

Appendix 6. Species sampled in the herbaceous stratum at the areas under ecological restoration, given is mean cover per area.

Family	Species	Mean cover (%)			
		A	B	C	D
Bignoniaceae	*Amphilophium crucigerum* (L.) L.G. Lohmann	0.0	0.0	0.0	3.0
Amaranthaceae	*Alternanthera tenella* Colla	29.1	0.0	10.0	20.0
	Amaranthus lividus Roxb.	20.3	13.1	20.1	0.0
Apiaceae	*Centella asiatica* (L.) Urb.	10.0	1.0	1.0	45.0
Apocinaceae	Not identified	0.0	0.0	0.0	1.0
Araliaceae	*Hydrocotyle bonariensis* Lam.	0.0	5.0	0.0	0.0
	Hydrocotyle ranunculoides L. f.	0.0	0.0	55.3	0.0
Asteraceae	*Ageratum conyzoides* L.	0.0	3.0	20.5	3.0
	Baccharis glaziovii Baker	0.0	0.0	13.3	0.0
	Baccharis trimera (Less.) DC.	25.0	0.0	0.0	0.0
	Eclipta prostrata (L.) L.	2.0	0.0	0.0	0.0
	Emilia coccinea (Sims) G. Don	0.0	0.0	1.0	0.0
	Erechtites hieraciifolius (L.) Raf. *ex* DC.	2.0	3.0	0.0	0.0
	Erechtites valerianifolius (Link *ex* Spreng.) DC.	19.2	4.5	12.5	15.0
	Gamochaeta coarctata (Willd.) Kerguélen	2.0	0.0	0.0	0.0
	Not identified	0.0	0.0	11.5	0.0
	Mikania campanulata Gardner	0.0	3.0	30.1	0.0
	Mikania micrantha Kunth	0.0	0.0	18.2	9.8
	Podocoma notobellidiastrum (Griseb.) G.L. Nesom	0.0	0.0	1.0	1.8
	Senecio brasiliensis (Spreng.) Less.	0.0	0.0	3.3	8.0
	Solidago chilensis Meyen	10.7	0.0	8.6	9.7
	Sonchus oleraceus L.	1.0	0.0	0.0	0.0
	Vernonanthura tweedieana (Baker) H. Rob.	0.0	0.0	5.0	2.5
Begoniaceae	*Begonia cucullata* Willd.	0.0	0.0	2.5	0.0
Caryophyllaceae	*Drymaria cordata* (L.) Willd. *ex* Schult.	0.0	3.3	22.0	36.2
Commelinaceae	*Commelina diffusa* Burm. f.	7.8	2.0	1.0	25.2
	Commelina erecta L.	10.0	10.0	0.0	41.0
	Tradescantia fluminensis Vell.	5.0	0.0	0.0	31.7
Convolvulaceae	*Ipomea* sp.	20.0	15.0	23.5	0.0
Cucurbitaceae	*Cayaponia* sp.	0.0	0.0	0.0	12.0
	Cucurbita moschata Duch.	0.0	33.2	0.0	0.0
Cyperaceae	*Cyperus hermaphroditus* (Jacq.) Standl.	0.0	3.0	3.0	1.0
	Cyperus sp.	6.4	1.0	9.0	5.0
	Rhynchospora gigantea Link	0.0	0.0	13.2	0.0
	Rhynchospora holoschoenoides (Rich.) Herter	1.0	4.0	2.0	0.0
Dryopteridaceae	*Rumohra adiantiformis* (G. Forst.) Ching	0.0	0.0	1.0	0.0
Fabaceae	*Desmodium adscendens* (Sw.) DC.	0.0	0.0	0.0	4.3
Linderniaceae	*Lindernia dubia* (L.) Pennell	0.0	0.0	1.0	0.0
Lythraceae	*Cuphea carthagenensis* (Jacq.) J.F. Macbr.	1.0	8.0	25.2	0.0
Malvaceae	*Sida rhombifolia* L.	2.0	0.0	8.6	15.0
Melastomataceae	*Tibouchina clinopodifolia* Cogn.	0.0	0.0	1.0	0.0
Onagraceae	*Ludwigia leptocarpa* (Nutt.) H. Hara	13.0	12.6	33.9	15.7
Oxalidaceae	*Oxalis conorrhiza* Jacq.	2.0	4.7	4.5	1.0
Phyllanthaceae	*Phyllanthus corcovadensis* Müll. Arg.	0.0	8.0	2.0	0.0

Family	Species	Mean cover (%)			
		A	**B**	**C**	**D**
Phytolaccaceae	*Phytolacca americana* L.	28.3	5.7	14.4	2.0
Poaceae	*Axonopus* sp.	15.0	10.0	18.0	11.3
	Bromus brachyanthera Döll	0.0	15.0	0.0	0.0
	Cynodon dactylon (L.) Pers.	20.0	0.0	16.5	0.0
	Digitaria sp.	29.0	19.0	22.5	3.0
	Echinochloa crus-galli (L.) P. Beauv.	30.7	0.0	0.0	0.0
	Echinochloa polystachya (Kunth) Hitchc.	38.0	23.3	17.5	0.0
	Eleusine indica (L.) Gaertn.	2.0	0.0	20.0	0.0
	Hymenachne donacifolia (Raddi) Chase	0.0	0.0	2.0	0.0
	Ichnanthus pallens (Sw.) Munro *ex* Benth.	0.0	0.0	0.0	12.8
	Lolium multiflorum Lam.	0.0	2.5	1.0	0.0
	Melinis minutiflora P. Beauv.	0.0	0.0	0.0	46.7
	Olyra humilis Nees	0.0	0.0	0.0	7.6
	Panicum maximum Jacq.	52.0	0.0	25.0	0.0
	Parodiophyllochloa ovulifera (Trin.) Zuloaga & Morrone	0.0	0.0	0.0	5.0
	Paspalum conjugatum P.J. Bergius	0.0	0.0	54.5	0.0
	Paspalum dilatatum Poir.	0.0	0.0	5.0	0.0
	Paspalum inaequivalve Raddi	0.0	6.0	0.0	3.0
	Paspalum notatum Alain *ex* Flüggé	0.0	0.0	52.1	0.0
	Paspalum pumilum Nees	10.0	0.0	38.3	0.0
	Paspalum urvillei Steud.	66.0	15.0	31.3	0.0
	Paspalum vaginatum Sw.	5.0	0.0	50.0	0.0
	Urochloa brizantha (Hochst. *ex* A. Rich.) R.D. Webster	56.9	0.0	5.0	0.0
	Urochloa subquadripara (Trin.) R.D. Webster	43.9	83.4	63.0	58.6
	Uruchloa mutica (Forssk.) T.Q. Nguyen	0.0	76.1	2.0	0.0
Polygonaceae	*Polygonum acuminatum* Kunth	0.0	0.0	0.0	5.0
	Polygonum punctatum Elliott	32.0	20.0	12.7	0.0
Portulacaceae	*Portulaca oleracea* L.	2.0	0.0	0.0	0.0
Pteridaceae	*Doryopteris pedata* (L.) Fée	0.0	0.0	2.0	1.0
	Pityrogramma calomelanos (L.) Link	0.0	0.0	1.5	0.0
Rubiaceae	*Richardia brasiliensis* Gomes	0.0	4.7	37.3	0.0
	Spermacoce dasycephala (Cham. & Schltdl.) Delprete	0.0	2.0	100.0	1.0
Sapindaceae	*Serjania* sp.	0.0	0.0	0.0	15.0
Scrophulariaceae	*Buddleja stachyoides* (Benth.) E.M. Norman	0.0	0.0	17.7	11.5
Solanaceae	*Solanum americanum* Mill.	19.3	2.0	22.8	3.0
Thelypteridaceae	*Thelypteris dentata* (Forssk.) E.P. St. John	0.0	0.0	21.0	6.8
Vitaceae	*Cissus verticillata* (L.) Nicolson & C.E. Jarvis	0.0	0.0	0.0	5.0
Zingiberaceae	*Hedychium coronarium* J. Koenig	0.0	20.0	0.0	0.0
Not identified	Not identified	0.0	0.0	3.5	15.0
	Not identified	0.0	0.0	36.0	0.0
	Not identified	0.0	0.0	10.0	0.0
	Not identified	0.0	1.0	4.0	5.3

Appendix 7. Cover of herb categories, given are mean cover and standard deviation (SD) per area under ecological restoration.

Categories of herbs	Average percentage of cover ± SD			
	A	B	C	D
Exotic grasses	4.57±14.29	3.61±7.33	13.85±20.76	4.33±11.19
Native grasses	73.92±33.19	83.18±27.26	48.05±36.76	51.00±39.79
Forbs	26.57±32.55	11.83±19.92	46.69±32.75	44.80±35.57

Appendix 8. Species sampled in the herbaceous stratum at the reference areas, given is mean cover.

Family	Species	Mean of cover (%)	
		R2	R1
Anemiaceae	*Anemia phyllitidis* (L.) Sw.	3.75	0.00
Asteraceae	*Mikania scandens* Willd.	3.00	3.00
Athyriaceae	*Diplazium cristatum* (Desr.) Alston	15.25	0.00
	Diplazium plantaginifolium (L.) Urb.	9.00	3.00
Blechnaceae	*Blechnum brasiliense* Desv.	11.63	11.40
	Salpichlaena volubilis (Kaulf.) J. Sm.	37.00	0.00
Cyperaceae	*Pleurostachys gaudichaudii* Brongn.	0.00	9.00
	Pleurostachys urvillei Brongn.	10.91	0.00
Dennstaedtiaceae	*Dennstaedtia* sp.	9.00	0.00
Dryopteridaceae	*Ctenitis anniesii* (Rosenst.) Copel.	0.00	37.00
	Didymochlaena truncatula (Sw.) J. Sm.	42.00	8.40
	Lastreopsis amplissima (C. Presl) Tindale	0.00	9.00
	Polybotrya osmundacea Humb. & Bonpl. ex Willd.	13.33	8.47
Lomariopsidaceae	*Lomariopsis marginata* (Schrad.) Kuhn	0.00	3.00
Marantaceae	*Calathea monophylla* Koern.	12.40	27.81
Marattiaceae	*Danaea elliptica* Sm.	0.00	9.00
	Marattia raddiana Schott	18.00	0.00
Musaceae	*Heliconia farinosa* Raddi	22.53	21.83
Orchidaceae	*Cyclopogon polyaden* (Vell.) F.S.Rocha & Waechter	0.00	3.00
	Prescottia stachyodes Lindl.	3.00	3.00
Poaceae	*Ichnanthus pallens* Döll	3.00	0.00
	Olyra glaberrima Raddi	0.00	9.88
Polypodiaceae	*Doryopteris multipartita* (Fée) Sehnem	0.00	3.00
	Lindsaea sp.	3.00	0.00
	Pteris denticulata Sw.	0.00	18.00
Rubiaceae	*Coccocypselum geophiloides* Wawra	0.00	3.00
Thelypteridaceae	*Thelypteris dentata* (Forssk.) E.P. St. John	3.00	12.19

Appendix 9. Subset of variables selected from each set of predictor variables (based on adjusted R^2 value) to explain Y_R (only plots with presence of regenerating woody species) or Y_T (all plots described by regenerating woody species and the cover of herbs categories). All variables were significant at a level of $p<0.005$.

	Response matrices	
Explanatory matrices	Matrix Y_R	Matrix Y_T
Soil chemistry	Organic matter (OM) Calcium (Ca) H+Al Phosphorus (P) Relation Ca+Mg/K	Calcium (Ca) H+Al Phosphorus (P) Relation Ca+Mg/K
Structural variables (upper stratum or planted trees)	Species richness Individuals density Stem basal area	Individuals density Steam basal area
Herbaceous composition	(not significant)	*Urochloa subquadripara* *Urochloa brizantha* *Urochloa mutica* *Paspalum pumilum*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo foram avaliados processos e técnicas associadas a restauração ativa de áreas severamente impactadas pela mineração de carvão, em processo inicial de restauração ecológica, implementadas pelas empresas responsáveis pelo passivo ambiental.

Evidenciou-se intensa variabilidade de dados associada às avaliações realizadas, embora processos ecológicos fundamentais ao sucesso do projeto tenham sido registrados. No capítulo 1, verificou-se que os atributos foliares, amplamente relacionados à performance de certos grupos de plantas, apresentaram poucas relações significativas. Uma das possibilidades para as baixas relações encontradas neste estudo é que os atributos se referem a valores médios de espécie em condições naturais e indivíduos, sob condições de estresse, podem apresentar ampla variação em suas respostas de crescimento. Assim, acreditamos que as mudas introduzidas estejam apresentando diferentes performances quando comparadas a indivíduos sob condições naturais.

Os resultados indicaram que as espécies com estratégias mais conservadoras de recursos apresentaram maior crescimento em copa, embora também tenham tido maior probabilidade de morrer que espécies com estratégia de crescimento rápido. Consideramos que avaliações entre atributos funcionais de plantas e taxas de crescimento e mortalidade ainda são pouco frequentes para áreas em processo de restauração e precisam ser melhor avaliadas. Com base neste estudo, apenas podemos indicar que atributos funcionais de plantas tiveram uma baixa predictabilidade em relação ao desempenho de crescimento e mortalidade das mudas nas áreas estudadas.

A presença de poleiros aumentou consideravelmente a chuva de sementes nas áreas avaliadas, especialmente de espécies não-gramíneas, assim como a proporção de espécies zoocóricas e não-pioneiras. Assim o uso de poleiros artificiais parece um método adicional importante para áreas em processo de restauração, contribuindo para quebra de barreiras associadas ao processo de dispersão.

Porém, o aumento nas taxas de recrutamento de espécies lenhosas não foi diretamente associado à presença de poleiros artificiais, mas sim à cobertura de plantas herbáceas não-gramíneas (*forbs*). Considerando ainda que houve uma relação significativa entre os padrões de distribuição das espécies da chuva de sementes sob poleiros e da regeneração natural, é provável que fatores locais estejam determinando as diferenças nas trajetórias sucessionais destas áreas. Além da potencial facilitação da cobertura de herbáceas não-gramíneas no recrutamento de lenhosas, o efeito da excessiva cobertura por gramíneas exóticas em limitar o recrutamento de espécies lenhosas foi também evidenciado no capítulo 3.

Claramente, os fatores abióticos relacionados às características do solo têm influência sobre os processos ecológicos relacionados à regeneração natural. O prejuízo à regeneração natural parece ser potencializado pela combinação das variáveis de composição química do solo e a presença de gramíneas exóticas com alta cobertura.

No entanto, este estudo também evidencia a possibilidade de retorno ao processo de sucessão natural em áreas de mata ciliar que foram profundamente alteradas por mineração de carvão, em um tempo relativamente curto. Vários resultados aqui apresentados são importantes para o desenvolvimento teórico da ecologia da restauração e para a prática da implementação das técnicas a campo. Por exemplo, as diferenças encontradas entre as áreas alertam para a necessidade de conhecer o inicio das trajetórias sucessionais, obtidas pelo monitoramento das áreas, que pode contribuir efetivamente para projetos de restauração através da melhoria das práticas utilizadas (monitoramento adaptativo). Faz-se necessário que as técnicas de manejo e intervenção sejam avaliadas durante o os primeiros anos de monitoramento e adaptadas, quando necessário, ao desenvolvimento das comunidades durante todas as fases de restauração, até que o sistema possa ser considerado auto-sustentável e resiliente.

Este estudo também enfatiza a necessidade de evitar ou controlar a invasão por espécies vegetais exóticas competidoras (como gramíneas perenes), sendo altamente recomendada a não utilização de tais espécies no processo de cobertura vegetal inicial, por comprometer a trajetória sucessional.

A variabilidade observada nos padrões estruturais e na dinâmica temporal das comunidades de plantas regenerantes demonstram as distintas possibilidades de trajetórias nos primeiros anos da restauração, mesmo em áreas cuja intervenção foi similar. Embora os padrões de trajetórias não sejam indicativos precisos de sucesso, as avaliações nas fases iniciais mostram-se fundamentais para tomadas de decisões relacionadas ao manejo no início da restauração, com importância fundamental para a continuidade dos processos sucessionais a longo prazo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ackerly D.D., Knight C.A., Weiss S.B., Barton K. & Starmer K.P. (2002). Leaf size, specific leaf area and microhabitat distribution of chaparral woody plants: contrasting patterns in species level and community level analyses. *Oecologia*, 130, 449-457.

Adibee N., Osanloo M. & Rahmanpour M. (2013). Adverse effects of coal mine waste dumps on the environment and their management. *Environ Earth Sci*, 70, 1581-1592.

Alvares C.A., Stape J.L., Sentelhas P.C., Gonçalves J.L.d.M. & Sparovek G. (2014). Köppen's climate classification map for Brazil. *Meteorologische Zeitschrift*, 22, 711 - 728.

Andrade B.O., Overbeck G.E., Pilger G.E., Hermann J.-M., Conradi T., Boldrini I.I. & Kollmann J. (2014). Intraspecific trait variation and allocation strategies ofcalcareous grassland species: Results from a restorationexperiment. *Basic and Applied Ecology*, 15, 590-598.

APG III (2009). An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the ordens and families of flowering plants: APG III. *Botanical Journal of the Linnean Society*, 161, 105-121.

Asanok L., Marod D., P D., Pranmongkol U., Kurokawa H., Aiba M., Katabuchi M. & Nakashizuka T. (2013). Relationships between functional traits and the ability of forest tree species to reestablish in secondary forest and enrichment plantations in the uplands of northern Thailand. *Forest ecology and Management*, 296, 9-23.

Avio L., Castaldini M., Fabiani A., Bedini S., Sbrana C., Turrini A. & Giovannetti M. (2013). Impact of nitrogen fertilization and soil tillage on arbuscular mycorrhizal fungal communities in a Mediterranean agroecosystem. *Soil Biochemistry*, 67, 285-294.

Barnes A.D. & Chapman H.M. (2014). Dispersal traits determine passive restoration trajectory of a Nigerian montane forest. *Acta Oecologica*, 56, 32-40.

Bassett I.E., Simcock R.C. & Mitchell N.D. (2005). Consequences of soil compaction for seedling establishment: Implications for natural regeneration and restoration. *Austral Ecology*, 30, 827-833.

Batten K.M., Six J., Scow K.M. & Rillig M.C. (2005). Plant invasion of native grassland on serpentine soils has no major effects upon selected physical and biological properties. *Soil Biology & Biochemistry*, 37.

Bauman J.M., Keiffer C.H., Hiremath S. & McCarthy B.C. (2013). Soil preparation methods promoting ectomycorrhizal colonization and American chestnut

Castanea dentata establishment in coal mine restoration. *Journal of Applied Ecology*, 50, 721-729.

Baur B. (2014). Dispersal-limited species – A challenge for ecological restoration. *Basic and Applied Ecology*, 15.

Bennett J.R., Dunwiddie P.W., Giblin D.E. & Arcese P. (2012). Native versus exotic community patterns across three scales: Roles of competition, environment and incomplete invasion. *Perspectives in Plant Ecology, Evolution and Systematics*, 14, 381-392.

Bingham F.T. (1963). Relation Between Phosphorus and Micronutrients in Plants. *Soil Science Society Proceeedings*.

Blanchet F.G., Legendre P. & Borcard D. (2008). Forward selection of explanatory variables. *Ecology*, 89, 2623-2632.

Block W.A., Franklin A.B., Ward J.P., Ganey J.L. & White G.C. (2001). Design and implementation of monitoring studies to evaluate the success of ecological restoration on wildlife. *Restoration Ecology*, 9, 293-303.

Borcard D., Gillet F. & Legendre P. (2011). *Numerical Ecology with R*. Springer-Verlag, New York.

Bradley M., House A., Robertson M. & Wild C. (2010). Vegetation succession and recovery od ecological values in the southern Queensland Brigalow Belt. *Ecological Management & Restoration,* 11, 113 - 118.

Brancalion P.H.S., Gandolfi S. & Rodrigues R.R. (2009). Indicadores de avaliação e monitoramento de áreas restauradas com reflorestamentos heterogêneos. In: *II Simpósio sobre Recuperação de Áreas degradadas*. Instituto de Botânica São Paulo, pp. 106-114.

Brasil (2012a). Lei nº 12.651. Código Florestal Brasileiro. In: (ed. Republica Pd) Brasília.

Brasil J.F. (2012b). 6° Relatório de Monitoramento dos Indicadores Ambientais. In: (ed. Catarina VFdCS). 1ª Vara Federal de Criciúma Santa Catarina, Ação Civil Pública nº 93.80000533-4 (Processo nº 2000.72.04.002543-9) Criciúma, p. 218.

Brasil J.F. (2013). Critérios técnicos para recuperação ou reabilitação de áreas degradadas pela mimeração de carvão In: (ed. Catarina VFdCS). 1ª Vara Federal de Criciúma Santa Catarina, Ação Civil Pública nº 93.80000533-4 (Processo nº 2000.72.04.002543-9) Criciúma.

Byun C., de Blois S. & Brisson J. (2013). Plant functional group identity and diversity determine biotic resistance to invasion by an exotic grass. *Journal of Ecology*, 101, 128-139.

Calonego J.C. & Rosolem C.A. (2013). Phosphorus and potassium balance in a corn–soybean rotation under no-till and chiseling. *Agroecosyst*, 96, 123-131.

Campoe O.C., Iannelli C., Stape J.L., Cook R.L., Mendes J.C.T. & Vivian R. (2014). Atlantic forest tree species responses to silvicultural practices in a degraded pasture restoration plantation: From leaf physiology to survival and initial growth. *Forest Ecology and Management*, 313, 233-242.

Campos M.L., Almeida J.A. & Souza L.S. (2003). Avaliação de três áreas de solo construído após mineração de carvão a céu aberto em Lauro Müller, Santa Catarina. *Revista Brasileira de Ciência do Solo*, 27, 1123-1137.

Carvalho P.E.R. (2003). *Espécies Arbóreas Brasileiras*. Embrapa, Brasília, DF.

Carvalho P.E.R. (2006). *Espécies Arbóreas Brasileiras*. Embrapa, Brasilia, DF.

Carvalho P.E.R. (2008). *Espécies Arbóreas Brasileiras*. Embrapa, Brasília, DF.

Catterall C.P., Freeman A.N.D., Kanowski J. & Freebody K. (2012). Can active restoration of tropical rainforest rescue biodiversity? A case with bird community indicators. *Biological Conservation*, 146, 53-61.

Cavallero L., Raffaele E. & Aizen M.A. (2013). Birds as mediators of passive restoration during early post-fire recovery. *Biological Conservation*, 158, 342-350.

Chave J., Muller-Landau H.C., Baker T.R., Easdale T.A., ter Steege H. & Webb C.O. (2006). Regional and Phylogenetic Variation of Wood Density Across 2456 Neotropical Tree Species. *Ecological Applications*, 16, 2356-2367.

Chazdon R.L. (2003). Tropical forest recovery: legacies of human impact and natural disturbances. *Perspectives in Plant Ecology, Evolution and Systematics*, 6, 51-71.

Chazdon R.L. (2008). Beyond Deforestation: Restoring Forests and Ecosystem Services on Degraded Lands. *Science*, 320, 3.

Chazdon R.L., Letcher S.G., van Breugel M., Martinez-Ramos M., Bongers F. & Finegan B. (2007). Rates of change in tree communities of secondary Neotropical forests following major disturbances. *Philosophical Transactions of the Royal Society B-Biological Sciences*, 362, 273-289.

Cheung K.C., Marques M.C.M. & Liebsch D. (2009). Relação entre a presença de vegetação herbácea e a regeneração natural de espécies lenhosas em pastagens abandonadas na Floresta Ombrófila Densa do Sul do Brasil. *Acta Botânica Brasilica*, 23, 1048-1056.

Citadini-Zanette V. (1999). Diagnóstico ambiental da região carbonífera no sul de Santa Catarina: recuperação de áreas degradadas pela mineração de carvão. *Revista Tecnologia e Ambiente*, 5, 51-61.

Cole R.J., Holl K.D. & Zahawi R.A. (2010). Seed rain under tree islands planted to restore degraded lands in a tropical agricultural landscape. *Ecological Applications*, 20, 1255-1269.

Crawley M.J. (2014). *Statistics: An Introduction Using R*. 2 edn. John Wiley & Sons, Ltd., London, UK.

D'Antonio C.M. (1993). Mechanisms Controlling Invasion of Coastal Plant Communities by the Alien Succulent Carpobrotus Edulis. *Ecology*, 74, 83-95.

Díaz S., Hodgson J.G., Thompson K., Cabido M., Cornelissen J.H.C., Jalili A., Montserrat-Martí G., Grime J.P., Zarrinkamar F., Asri Y., Band S.R., Basconcelo S., Castro-Díez P., Funes G., Hamzehee B., Khoshnevi M., Pérez-Harguindeguy N., Pérez-Rontomé M.C., A S.F., Vendramini F., Yazdani S., Abbas-Azimi R., Bogaard A., Boustani S., Charles M., Dehghan M., de Torres-Espuny L., Falczuk V., Guerrero-Campo J., Hynd A., Jones G., Kowsary E., Kazemi-Saeed F., Maestro-Martínez M., Romo-Díez A., Shaw S., Siavash B., Villar-Salvador P. & Zak M.R. (2004). The plant traits that drive ecosystems: evidence from three continents. *Journal of plant Science*, 15, 295-304.

Failing L., Robin G. & Higgins P. (2013). Science, Uncertainty, and Values in Ecological Restoration: A Case Study in Structured Decision-Making and Adaptive Management. *Restoration Ecology*, 21.

Ferreira W.C., Botelho S.A., Davide A.C., Faria J.M.R. & Ferreira D.F. (2010). Regeneração natural como indicador de recuperação de área degradada a jusante da usina hidrelétrica de Camargos, MG. *Revista Árvore*, 34, 651-660.

Fields-Johnson C.W., Zipper C.E., Burger J.A. & Evans D.M. (2012). Forest restoration on steep slopes after coal surface mining in Appalachian USA: Soil grading and seeding effects. *Forest Ecology and Management*, 270, 126-134.

Florentine S.K. & Westbrooke M.E. (2004). Restoration on abandoned tropical pasturelands-do we know enough? *Journal for Nature Conservation*, 12, 85-95.

Fonte S.J., Nesper M., Hegglin D., Velásquez J.E., Ramirez B., Rao I.M., Bernasconi S.M., Bünemann E.K., Frossard E. & Oberson A. (2014). Pasture degradation impacts soil phosphorus storage via changes to aggregate-associated soil organic matter in highly weathered tropical soils. *Soil Biology & Biochemistry*, 68, 150-157.

Gomes C.J.B., Campos J.J., Romano-Neto R. & Zanuz M. (2008). Projeto de recuperação ambiental da bacia carbonífera de Santa Catarina. In: *Carvão Brasileiro: tecnologia e meio ambiente* (eds. Soares PSM, Santos MDC & Possa MV). CETEM Rio de Janeiro, pp. 246-271.

Graham L.L.B. & Page S.E. (2012). Artificial Bird Perches for the Regeneration of Degraded Tropical Peat Swamp Forest: A Restoration Tool with Limited Potential. *Restoration Ecology*, 20, 631-637.

Halme P., Allen K.A., Auninš A., Bradshaw R.H.W., Brumelis G., Cada V., Clear J.L., Eriksson A.-M., Hannon G., Hyvärinen E., Ikauniece S., Iršenaite R., Jonsson B.G., Junninen K., Kareksela S., Komonen A., Kotiaho J.S., Kouki J., Kuuluvainen T., Mazziotta A., Mönkkönen M., Nyholm K., Oldén A., Shorohova E., Strange N., Toivanen T., Vanha-Majamaa I., Wallenius T., Ylisirniö A.-L. & Zin E. (2013). Challenges of ecological restoration: Lessons from forests in northern Europe. *Biological Conservation*, 167, 248-256.

Heelemann S., Krug C.B., Esler K.J., Reisch C. & Poschlod P. (2012). Pioneers and Perches - Promising Restoration Methods for Degraded Renosterveld Habitats? *Restoration Ecology*, 20, 18-23.

Hobbs R.J., Hallett L.M., Ehrlich P.R. & Mooney H.A. (2011). Intervention Ecology: Applying Ecological Science in the Twenty-first Century. *BioScience*, 61, 442-450.

Högberg P. (2007). Does the extra nitrogen input from anthropogenic sources mean that more carbon from the atmosphere is being locked up in boreal and temperate forests? 'Yes' is the answer to emerge from the latest analysis. *Nature*, 447, 781-782.

Holl K.D. (1999). Tropical forest recovery and restoration. *Tree*, 14, 378-379.

Holl K.D. & Aide T.M. (2011). When and where to actively restore ecosystems? *Forest Ecology and Management*, 261, 1558-1563.

Holl K.D., Loik M.E., Lin E.H.V. & Samuels I.A. (2000). Tropical montane forest restoration in Costa Rica: overcoming barriers to dispersal and extablishment. *Restoration Ecology*, 8, 339-349.

Howe H.F., Urincho-Pantaleon Y., Peña-Domene M.d.l. & Martínez-Garza C. (2010). Early seed fall and seedling emergence: precursors to tropical restoration. *Oecologia*, 164, 731-740.

Howe H.F. & Westley L.C. (1997). Ecology of Pollination and Seed Dispersal. In: *Plant Ecology* (ed. Crawley MJ). Blackwell Publishing Ltd Oxford, UK, pp. 262-283.

Hubbell S.P., Foster R.B., O'Brien S.T., Harms K.E., Condit R., Wechsler B., Wright S.J. & Loo de Lao S. (1999). Light-Gap Disturbances, Recruitment Limitation, and Tree Diversity in a Neotropical Forest. *Science*, 283, 554-557.

Hui-na L., Bo X., Wan-xue L. & Fang-hao W. (2014). Changes in Soil Biota Resulting from Growth of the Invasive Weed, Ambrosia artemisiifolia L. (Compositae), Enhance Its Success and Reduce Growth of Co-Occurring Plants. *Journal of Integrative Agriculture*, 13.

JFSC J.F.d.S.C. (2015). Histórico da Ação Cível Pública. In. (ed. Catarina VFdCS). 1ª Vara Federal de Criciúma Santa Catarina, Ação Civil Pública nº 93.80000533-4 (Processo nº 2000.72.04.002543-9) Criciúma.

Jung J.Y. & Lal R. (2011). Impacts of nitrogen fertilization on biomass production of switchgrass (Panicum Virgatum L.) and changes in soil organic carbon in Ohio. *Geoderma*, 166.

Kämpf N., Schneider P. & E G.N. (1997). Propriedades, pedogênese e classificação de solos construídos em áreas de mineração na Bacia Carbonífera do Baixo Jacuí. *Revista Brasileira de Ciência do Solo*, 21, 79-88.

Kanowski J. & Catterall C.P. (2003). Converting stands of camphor laurel to rainforest. URL https://www.griffith.edu.au/__data/assets/pdf_file/0006/75786/Camphor-conversion-factsheet-NRCMA-Final.pdf

Kanowski J., Catterall C.P., Wardell-Johnson G.W., Proctor H. & Reis T. (2003). Development of forest structure on cleared rainforest land in eastern Australia under different styles of reforestation. *Forest Ecology and Management*, 183, 265-280.

Klein A.S., Citadini-Zanette V., Lopes R.P. & Santos R. (2009). Regeneração natural em área degradada pela mineração de carvão em Santa Catarina, Brasil. *Revista Escola de Minas*, 62, 297-304.

Koppe J.C. & Costa J.F.C.L. (2008). A lavra de carvão e o meio ambiente em Santa Catarina. In: *Carvão Brasileiro: tecnologia e meio ambiente* (eds. Soares PSM, Santos MDC & Possa MV). CETEM Rio de Janeiro, pp. 25-35.

Köppen W. (1948). Climatologia: com um estudio de los climas de la tierra. México: Fondo de Cultura Economica, 478p.

Krebs A.S.J. (2005). Contribuição ao conhecimento dos recursos hídricos subterrâneos da bacia hidrográfica do Rio Araranguá, SC. In: *Geografia*. Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis.

Laliberté E. & Legendre P. (2010). A distance-based framework for measuring functional diversity from multiple traits. *Ecology*, 91, 299-305.

Lammel D.R., Cruz L.M., Carrer H. & Cardoso E.J.B.N. (2013). Diversity and symbiotic effectiveness of beta-rhizobia isolated from sub-tropical legumes of a Brazilian Araucaria Forest. *World J. Microbiol Biotechnol*, 29, 2335-2342.

Laughlin D.C. (2014a). Applying trait-based models to achieve functional targets for theory-driven ecological restoration. *Ecology Letters*, 17, 771-784.

Laughlin D.C. (2014b). The intrinsic dimensionality of plant traits and its relevance to community assembly. *Journal of Ecology*, 102, 186 - 193.

Legendre P. & Gallagher E.D. (2001). Ecologically meaningful transformations for ordination of species data. *Oecologia*, 129, 271–280.

Lima C.L.R., Miola E.C.C., Timm L.C., Pauletto E.A. & Silva A.P. (2012). Soil compressibility and least limiting water range of a constructed soil under cover crops after coal mining in Southern Brazil. *Soil & Tillage Research*, 124, 190-195.

Lima J.A., Santana D.G. & Nappo M.E. (2009). Comportamento inicial de espécies na revegetação da mata de galeria na fazenda mandaguari, em indianópolis, MG. *Revista Árvore*, 33, 685-694.

Lindenmayer D.B., Knight E.J., Crane M.J., Montague-Drake R., Michael D.R. & MacGregor C.I. (2010). What makes an effective restoration planting for woodland birds? *Biological Conservation*, 143, 289-301.

Lindenmayer D.B. & Likens G.E. (2009). Adaptive monitoring: a new paradigm for long-term research and monitoring. *Trends in Ecology & Evolution*, 29, 482-486.

Liu X., Lu Y., Zhou Y., Lei X., Zhang X. & Meng J. (2011). The influence of soil conditions on regeneration establishment for degraded secondary forest restoration, Southern China. *Forest Ecology and Management*, 261, 1771-1780.

Lopes R.P., Santo E.L. & Galato S.L. (2009). Mineração de carvão em Santa Catarina: geologia, geoquimíca e impactos ambientais. In: *Mineração de carvão, meio ambiente e desenvolvimento sustentável no sul de Santa Catarina: uma abordagem interdisciplinar* (eds. Milioli G, Santos R & Citadini-Zanette V). Juruá Curitiba, p. 316.

Lorenzi H. (2002). *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. 4 edn. Plantarum, Nova Odessa, SP.

Marimon B.S., Felfili J.M., Lima E.D.S., Duarte W.M.G. & Marimon-Júnior B.H. (2010). Environmental determinants for natural regeneration of gallery forest at the Cerrado/Amazonia boundaries in Brazil. *Acta Amazonica*, 40, 107-118.

Martínez-Garza C., Bongers F. & Poorter L. (2013). Are functional traits good predictors of species performance in restoration plantings in tropical abandoned pastures? *Forest ecology and Management*, 303, 35-45.

Martínez-Garza C. & Howe H.F. (2003). Restoring tropical diversity: beating the time tax on species loss. *Journal of Applied Ecology*, 40, 423-429.

Martínez-Garza C., Peña V., Ricker M., Campos A. & Howe H.F. (2005). Restoring tropical biodiversity: Leaf traits predict growth and survival of late-successional trees in early-successional environments. *Forest Ecology and Management*, 217, 365-379.

Martinez-Ramos M. & Soto-Castro A. (1993). Seed rain and advanced regeneration in a tropical rain forest. *Vegetatio*, 107, 299-318.

Martínez Ramos M. & Orth X.G. (2007). Sucesión ecológica y restauración de las selvas húmedas. *Boletín de la Sociedad Botánica de México*, 80, 69-84.

McGlone C.M., Stoddard M.T., Springer J.D., Daniels M.L., Fulé P.Z. & Covington W.W. (2012). Nonnative species influence vegetative response to ecological restoration: Two forests with divergent restoration outcomes. *Forest Ecology and Management*, 285, 195-203.

Melo A.C.G., Miranda D.L.C. & Durigan G. (2007). Cobertura de copas como indicador de desenvolvimento estrutural de reflorestamentos de restauração de matas ciliares no médio vale do paranapanema, SP, Brasil. *Revista Árvore*, 31, 321-328.

Miller J.R. & Hobbs R.J. (2007). Habitat restoration - Do we know what we're doing? *Restoration Ecology*, 15, 382-390.

MOBOT M.B.G. (2010). W3, Missouri Botanical Garden. In: <http://www.tropicos.org/ReferenceSearch.aspx>

Muñiz-Castro M.A., Williams-Linera G. & Martínez-Ramos M. (2012). Dispersal mode, shade tolerance, and phytogeographical affinity of tree species during secondary succession in tropical montane cloud forest. *Plant Ecology*, 213, 339-353.

Myers N., Mittermeier R.A., Mittermeier C.G., Fonseca G.A.B. & Kent J. (2000). Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature*, 403, 7.

Nyamai P.A., Prather T.S. & Wallace J.M. (2011). Evaluating Restoration Methods across a Range of Plant Communities Dominated by Invasive Annual Grasses to Native Perennial Grasses. *Invasive Plant Science and Management*, 4, 306-316.

Omeja P.A., Chapman C.A., Obua J., Lwanga J.S., Jacob A.L., Wanyama F. & Mugenyi R. (2011). Intensive tree planting facilitates tropical forest biodiversity and biomass accumulation in Kibale National Park, Uganda. *Forest Ecology and Management*, 621, 703-709.

Ortega-Piecka A., López-Barrera F., Ramírez-Marcial N. & García-Franco J.G. (2011). Early seedling establishment of two tropical montane cloud forest tree species: The role of native and exotic grasses. *Forest Ecology and Management*, 261, 1336-1343.

Parrotta J.A., Knowles O.H. & Wunderle Jr. J.M. (1997a). Development of floristic diversity in 10-year-old restoration forests on a bauxite mined site in Amazonia. *Forest Ecology and Management*, 99, 21-42.

Parrotta J.A., Turnbull J.W. & Jones N. (1997b). Catalyzing native forest regeneration on degraded tropical lands. *Forest Ecology and Management*, 99, 1-7.

Pasqualini D., Uhlmann A. & Stürmer S.L. (2007). Arbuscular mycorrhizal fungal communities influence growth and phosphorus concentration of woody plants species from the Atlantic rain forest in South Brazil. *Forest Ecology and Management*, 245, 148-155.

Peña-Domene M.D.L., Martínez-Garza C. & Howe H.F. (2013). Early recruitment dynamics in tropical restoration. *Ecological Applications*, 23, 1124-1134.

Pereira L.C.d.S.M., Oliveira C.d.C.C. & Torezan J.M.D. (2013). Woody Species Regeneration in Atlantic Forest Restoration Sites Depends on Surrounding Landscape. *Natureza & Conservação*, 11, 138-144.

Peres-Neto P.R., Legendre P., Dray S. & Borcard D. (2006). Variation partitioning of species data matrices: Estimation and comparison of fractions. *Ecology*, 87, 2614-2625.

Pérez-Harguindeguy N., Díaz S., Garnier E., Lavorel S., Poorter H., Jaureguiberry P., Bret-Harte M.S., Cornwell W.K., Craine J.M., Gurvich D.E., Urcelay C., Veneklaas E.J., Reich P.B., Poorter L., Wright I.J., Ray P., Enrico L., Pausas J.G., de Vos A.C., Buchmann N., Funes G., Quétier F., Hodgson J.G., Thompson K., Morgan H.D., ter Steege H., van der Heijden M.G.A., Sack L., Blonder B., Poschlod P., Vaieretti M.V., Conti G., Staver A.C., Aquino S. & Cornelissen J.H.C. (2013). New handbook for standardised measurement of plant functional traits worldwide. *Australian Journal of Botany*, 61, 167-234.

Poorter L., Wright S.J., Paz H., Ackerly D.D., Condit R., Ibarra-Manríquez G., Harms K.E., Licona J.C., Martínez-Ramos M.M., H C, Muller-Landau H.C., Peña-Claros M., Webb C.O. & WRIGHT I.J. (2008). Are functional traits good predictors of demographic rates? Evidence from five neotropical forests. *Ecological Society of America*, 89, 1908-1920.

R Development Core Team (2009). R: a language and environment for statistical computing. In. R Foundation for Statistical Computing Vienna, Austria.

Reis A., Bechara F.C. & Tres D.R. (2010). Nucleation in tropical ecological restoration. *Scientia Agricola*, 67, 244-250.

Remor R. Regeneração natural em blocos experimentais de mimosa scabrella benth. (bracatinga): subsídios para recuperação de áreas degradadas pela mineração de carvão a céu aberto no sul do estado de Santa Catarina, Brasil. (2004). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Ribeiro M.C., Metzger J.P., Martensen A.C., Ponzoni F.J. & Hirota M.M. (2009). The Brazilian Atlantic Forest: How much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. *Biological Conservation*, 142, 1141-1153.

Rocha-Nicoleite E., Campos M.L., Citadini-Zanette V., Santos R., Martins R. & Soares C.R.F.S. (2013). *Mata Ciliar: implicações técnicas sobre a restauração após mineração de carvão*. SATC, Criciúma.

Rodrigues R.R., Gandolfi S., Nave A.G., Aronson J., Barreto T.E., Vidal C.Y. & Brancalion P.H.S. (2011). Large-scale ecological restoration of high-diversity tropical forests in SE Brazil. *Forest Ecology and Management*, 261, 1605-1613.

Santos R., Citadini-Zanette V., Leal-Filho L.S. & Hennies W.T. (2008). Spontaneous Vegetation on Overburden Piles in the Coal Basin of Santa Catarina, Brazil. *Restoration Ecology*, 16, 444-452.

Schrama M., Berg M.P. & Olff H. (2012). Ecosystem assembly rules: the interplay of green and brown webs during salt marsh succession. *Ecology*, 93, 2353-2364.

SER (2004). Primer on Ecological Restoration. In. Society for Ecological Restoration International USA, p. 16.

Silva L.F.O., Querol X., da Boit K.M., Fdez-Ortiz de Vallejuelo S. & Madariaga J.M. (2011). Brazilian coal mining residues and sulphide oxidation by Fenton’s reaction: An accelerated weathering procedure to evaluate possible environmental impact. *Journal of Hazardous Materials*, 186, 516-525.

Silva L.F.O., Vallejuelo S.F.-O., Martinez-Arkarazo I., Castro K., Oliveira M.L.S., Sampaio C.H., Brum I.A.S., Leão F.B., Taffarel S.R. & Madariaga J.M. (2013). Study of environmental pollution and mineralogical characterization of sediment rivers from Brazilian coal mining acid drainage. *Science of the Total Environment*, 447, 169-178.

Tedesco M.J., Gianello C., Bissani C.A., Bohnen H. & Volkweiss S.J. (1995). *Análise de solo, plantas e outros minerais*. 2 edn. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Teixeira A.M.G., Soares-Filho B.S., Freitas S.R. & Metzger J.P. (2009). Modeling landscape dynamics in an Atlantic Rainforest region: implications for conservation. *Forest Ecology and Management*, 257, 11.

Temperton V.M. & Zirr K. (2004). Order of arrival and availability of safe sites: an example of their importance for plant community assembly in stressed ecosystems. In: *The science and practice of ecological restoration: bridging the gap between theory and practice* (eds. Temperton VM, Hobbs RJ, Nuttle T & Halle S). Society for Ecological Restoration International Washington, pp. 285-304.

Thioulouse J., Chessel D., Dolédec S. & Olivier J.-M. (1997). ADE-4: a multivariate analysis and graphical display software. *Statistics and Computing*, 7, 75-83.

Tozer M.G., Mackenzie B.D.E. & Simpson C.C. (2011). An Application of Plant Functional Types for Predicting Restoration Outcomes. *Restoration Ecology*, 20, 730-739.

van Breugel M., Halla J.S., Craven D.J., Gregoire T.G., Park A., Dent D.H., Wishnie M.H., Mariscal E., Deago J., Ibarra D., Cedeño N. & Ashton M.S. (2011). Early growth and survival of 49 tropical tree species across sites differing in soil fertility and rainfall in Panama. *Forest Ecology and Management*, 261, 1580-1589.

van der Pijl L. (1972). Principles of Dispersal in Higher Plants. In. Springer Berlin, p. 156.

Veldman J.W., Mostacedo B., Peña-Claros M. & Putz F.E. (2009). Selective logging and fire as drivers of alien grass invasion in a Bolivian tropical dry forest. *Forest Ecology and Management*, 258, 1643-1649.

Vieira D.C.M. & Gandolfi S. (2006). Chuva de sementes e regeneração natural sob três espécies de arbóreas em uma floresta em processo de restauração. *Revista Brasileira de Botânica*, 29, 541-554.

Viers J.H., Fremier A.K., Hutchinson R.A., Quinn J.F., Thorne J.H. & Vaghti M.G. (2012). Multiscale Patterns of Riparian Plant Diversity and Implications for Restoration. *Restoration Ecology*, 20, 160-169.

Violle C., Navas M.-L., Vile D., Kazakou E., Fortunel C., Hummel I. & Garnier E. (2007). Let the concept of trait be functional! *Oikos*, 116, 882 - 892.

von Gillhaussen P., Rascher U., Jablonowski N.D., Plückers C., Beierkuhnlein C. & Temperton V.M. (2014). Priority effects of time of arrival of plant functional groups override sowing interval or density effect: a grassland experiment. *PloS One*, 9.

Wainwright C.E., Wolkovich E.M. & Cleland E.E. (2012). Seasonal priority effects: implications for invasion and restoration in a semi-arid system. *Journal of Applied Ecology*, 49, 8.

Westoby M., Falster D.S., Moles A.T., Vesk P.A. & Wright I.J. (2002). Plant Ecological Strategies: Some Leading Dimensions of Variation Between Species. *Annual Review of Ecology and Systematics*, 33, 125-159.

Westoby M. & Wright I.J. (2006). Land-plant ecology on the basis of functional traits. *Trends in Ecology and Evolution*, 21, 261-268.

Wright I.J., Ackerly D.D., Bongers F., Harms K.E., Ibarra-Manriquez G., Martinez-Ramos M., Mazer S.J., Muller-Landau H.C., Paz H., Pitman N.C.A., Poorter L., Silman M.R., Vriesendorp C.F., Webb C.O., Westoby M. & Wright S.J. (2007). Relationships Among Ecologically Important Dimensions of Plant Trait Variation in Seven Neotropical Forests. *Annals of Botany*, 99, 1003-1015.

Wright I.J., Reich P.B., Westoby M., Ackerly D.D., Baruch Z. & Bongers F. (2004). The worldwide leaf economics spectrum. *Nature*, 428, 821-827.

Wright S.J., Kitajima K., Kraft N.J.B., Reich P.B., Wright I.J., Bunker D.E., Condit R., Dalling J.W., Davies S.J., Díaz S., Engelbrecht B.M.J., Harms K.E., Hubbell S.P., Marks C.O., Ruiz-Jaen M.C., Salvador C.M. & Zanne A.E. (2010). Functional traits and the growth–mortality trade-off in tropical trees. *Ecology*, 91, 3664-3674.

Yarranton G.A. & Morrison R.G. (1974). Spatial dynamics of a primary succession: Nucleation. *Journal of Ecology*, 62, 417-428.

Zhan-Huan S., Shi-Hai Y., Jian-Jun S., Yan-Long W. & Rui-Jun L. (2013). Seed rain and its relationship with above-ground vegetation of degraded Kobresia meadows. *Plant Res*, 126, 63-69.

Zhenqi H., Peijun W. & Jing L. (2012). Ecological Restoration of Abandoned Mine Land in China. *Journal of Resources and Ecology*, 3, 289-296.

Zimmerman J.K., Pascarella J.B. & Aide T.M. (2000). Barriers to Forest Regeneration in an Abandoned Pasture in Puerto Rico. *Restoration Ecology*, 8, 350-351.

Zipper C.E., Burger J.A., Skousen J.G., Angel P.N., Barton C.D., Davis V. & Franklin J.A. (2011). Restoring Forests and Associated Ecosystem Services on Appalachian Coal Surface Mines. *Environmental Management*, 47, 751-765.